

**Os
Cursilhos
de
Cristandade**

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Edições Cristãs

ÍNDICE

Apresentação
Apelo
Cursilhos de Cristandade
 sua origem e sua estrutura
Aspectos práticos do confronto:
 Cursilhos e hierarquia clerical
Lavagem cerebral
Ainda a lavagem cerebral
Traição a Jesus Cristo
O Evangelho integral
Traição à verdade do Evangelho
Traição à América Latina
Traição aos próprios cursilhistas
Documentos em Apêndice

.oOo.

APRESENTAÇÃO

O ASSUNTO CONSTANTE nos meios religiosos atuais é o dos CURSILHOS DE CRISTANDADE.

Aplaudem-no os bispos católicos por neles verem a solução dos seus problemas criados ou agravados com a evolução do mundo.

Querem muitos participar deles por considerá-los o movimento capaz de “vertebrar cristandade”.

Outros desconfiam deles e veem neles apenas uma panaceia, pois os males da humanidade reclamam medicação muito mais profunda.

Os que do Movimento dos Cursilhos participam alardeiam grandes conhecimentos dos problemas sociais e de suas soluções, e se empavonam, como grandes teólogos feitos da noite para o dia, ao se assentarem ao lado dos bispos e ao lhes dirigirem a palavra.

Nas áreas alheias à influência católico-romana a desinformação é imensa e muitos supõem ser o Cursilhismo um movimento de aproximação das Sagradas Escrituras e os seus participantes, durante o tríduo, passam por uma experiência de conversão genuína no sentido bíblico.

Este livro, com base em documentos oficiais dessa organização e numa experiência vivida, se propõe informar com realismo sobre o assunto.

É verdade! Ele aceita uma Regra Referencial no desenvolvimento de sua tese. Aliás, o contrário seria impossível.

Essa Regra Referencial não reside num ponto-de-vista pessoal, não procede de uma corrente filosófica, não se dirige para interesses particulares, não se fundamenta em uma dogmática, nem se estriba numa praxis sócio-política.

A Regra Referencial sob cuja perspectiva se enfoca nestas páginas o Movimento Cursilhistas é a VERDADE DO EVANGELHO a embeber todos os capítulos seguintes.

O seu autor, o Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS, como sacerdote católico romano durante quinze anos e meio, conhece o catolicismo na sua intimidade mais íntima. Sua autoridade, pois, é incontestável.

As expressões candentes ficam por conta de seu grande amor à Verdade do Evangelho, que o leva a vergastar com ousadia o erro, e se destinam a sacudir os adormecidos e os indiferentes, bem como a alertar os iludidos.

Certos de prestarmos nossa contribuição também aos cursilhistas, suplicamos as inefáveis bênçãos de Deus para todos os seus leitores.

Os Editores

São Paulo, 27 de abril de 1973

.oOo.

APELO

CURSILHISTAS! Sois criados à imagem e semelhança de Deus. Sois espírito imortal. A eternidade vos aguarda.

Enfeitiçados pelo esplendor da hierarquia clerical, a potência super-capitalista montada na exploração da religiosidade popular, deixaste-vos envolver pelos seus propósitos de domínio. Entregaste-vos a seu serviço na humilhante condição de leigos.

Abri os vossos olhos e raciocinai!

A razão, aliás, é o apanágio do espírito imortal.

E o Deus Criador quer ser adorado em espírito e em verdade (João 4:24), num culto racional (Romanos 12:1).

A meta suprema do Homem é Deus.

Aqui somos peregrinos. *“Não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura”* (Hebreus 13:14). *“A nossa cidade está nos céus”* (Filipenses 3:20).

Este mundo é o reino do pecado com todas as suas trágicas consequências: injustiças sociais, miséria, ignorância, fome, doenças, exploração. O mundo está posto no maligno (I João 5:19).

Aliás, as próprias consequências do pecado se constituem em parte dos sinais da próxima vinda de Cristo (Mateus 24:6-12).

Elas nos incitam à maior e à mais entusiástica esperança por Sua Vinda.

Aos fariseus e saduceus Jesus chamou a atenção: *“Quando é chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está rubro. E pela manhã: hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Hipócritas, sabeis diferenciar a face do céu, e não conheceis os sinais dos tempos?”* (Mateus 16:2-3).

Incorreis, atrelados à máquina clerical, na censura do Salvador: Hipócritas!

E o pecado, causa de tantas e tamanhas desgraças no mundo, está em vossas almas. No íntimo de cada um!

Não somos pecadores porque pecamos. Mas, sim, pecamos porque somos pecadores.

“O pecado habita em mim”, exclama Paulo em sua Carta aos Romanos (7:20).

“Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros” (Romanos 7:23).

Ninguém poderá eximir-se dessa miserável situação.

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23), eis o fato da pecaminosidade universal.

Cada cursilhista é pecador. Pecador alienado de Deus. Pecador destituído da glória dEle. Pecador fora do seu alvo supremo. Pecador descentrado de seu fim último.

A vós, cursilhistas engajados na ideia-força do “compromisso temporal”, se dirige também a palavra de Jesus: *“Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?”* (Mateus 16:26).

De que adiantariam as reformas das estruturas do mundo transitório, se perdêsseis vossas almas?

Impossível, contudo, essas transformações. Comprovam-no os fracassos de todas as tentativas.

Nelas empenhar-se como se o vosso destino se circunscrevesse aos limites desta existência terrena, é alienar-se da vossa eterna vocação.

A suprema libertação, cursilhistas, está na libertação do pecado e de sua terrível consequência no inferno, a eterna alienação de Deus.

Em Sua infinita misericórdia, Jesus, livremente Se deixou sacrificar na cruz com o anseio de merecer em benefício de cada pecador a libertação do pecado. *“Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5:8). Possibilitou-lhe o resgate com o Seu precioso Sangue, *“como de um Cordeiro imaculado e incontaminado”* (I Pedro 1:19).

Do pecador Ele requer apenas que, arrependido (Mateus 3:2; 4:17; Lucas 5:31; 13:1.5), confie nEle, e somente nEle (João 3:16, 36 e muitíssimos outros textos).

Aliás, Paulo Apóstolo consubstanciou a Verdade do Evangelho nestas palavras: *“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne é justificada”* (Gálatas 2:16).

Por ser o Seu Sacrifício, o Seu Sangue de valor infinito, **SÓ CRISTO SALVA O PECADOR.**

Por isso, Ele requer apenas e exclusivamente a fé, sinônimo de confiança. E confiar em Cristo é aceitá-LO de coração como o Único e Todo-Suficiente Salvador, segundo as Escrituras.

Nada além da fé. *“O homem é justificado pela fé sem as obras da lei”* (Romanos 3:28).

“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos da esperança da glória de Deus” (Romanos 5:1-2).

Acrescentar-se algo mais à fé significa transtornar, subverter, o Plano de Deus. Significa subverter o Evangelho de Jesus Cristo.

Exigir-se a recepção de sacramentos, alheios à Bíblia, é subverter o Evangelho.

Exigir-se a prática de ritos e cerimônias religiosas, além da fé, é subverter o Evangelho.

Requerer-se confiança em outros personagens, além da confiança em Jesus Cristo, é desfigurar o Evangelho.

Maria, a mãe de Jesus, serviu-Lhe simplesmente como instrumento para encarnar-Se. E isto não a interpõe como medianeira, advogada e co-redentora entre o pecador e Jesus Cristo.

O purgatório, outrossim, com o conseqüente sufrágio pelos mortos, aberração do Evangelho, pois o Sangue de Jesus tem poder para nos purificar, purgar de todo o pecado (I João 1:17).

A missa como pretensa renovação ou repetição do Sacrifício de Cristo se constitui num hediondo desprezo a Ele, pois esse Sacrifício, sendo de valor infinito, é irrenovável e irrepetível.

A “Igreja”, como sacramento de salvação, destoa da luminosidade do Evangelho.

Aceitar pela fé a Jesus Cristo como Único e Todo-Suficiente Salvador, produz segurança espiritual na certeza de vida eterna, de salvação eterna, do céu, de estar com Cristo.

Por isso, o crente pode repetir com Paulo: *“Para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho”* (Filipenses 1:21).

Salvo pela graça, o crente está certo de participar da promessa: *“E nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”* (Efésios 2:6).

A transitoriedade desta peregrinação já não o aflige. Integrado, por Jesus Cristo em Deus, caminha, olhos postos na eternidade, como luz entre as trevas e sal da terra.

Concidadão dos santos e da família de Deus, sabe que nos céus não é estrangeiro e nem forasteiro (Efésios 2:19).

Com a vida escondida com Cristo em Deus (Colossenses 3:3) atende ao mandamento: *“Se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus”* (Colossenses 3:1).

Nesta sintonia com a Vontade Soberana de Deus, o crente proclama a Verdade do Evangelho anelando o ingresso de outros, pelo arrependimento e fé em Cristo, no Santo Reino de Deus. E, em esperança, pode clamar: *“Aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça”* (II Pedro 3:13).

Esta nova terra onde habita a justiça jamais será obtida por reformas de estruturas sócio-econômicas. Estão estas de tal modo corrompidas pelo pecado que nenhuma forma de governo, nenhuma legislação, nenhum movimento político ou social, conseguirá melhorá-las.

Por isso, serão destruídas pela “grande tribulação” a ocorrer após a vinda de Cristo, quando arrebatará Sua Igreja, isto é, os crentes nEle.

Na “grande tribulação”, no “dia do Senhor”, *“os céus passarão com grande estrondo, e os elementos ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão”* (II Pedro 3:11).

Nessa perspectiva escatológica, o livro de Apocalipse é de uma atualidade permanente e impressionante.

Firmes em Cristo, os crentes anseiam pelo estabelecimento de novas estruturas feito por Jesus, o Rei, quando *“Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas”* (Apocalipse 21:4).

E naquela ansiedade, os crentes, discípulos do Senhor, proclamam a Verdade do Evangelho porque querem integrados nas estruturas estabelecidas por Jesus o maior número de pecadores por Ele salvos porque nEle, e exclusivamente nEle, confiam.

Gastais, cursilhistas, tantas e tão preciosas energias com o que, ardendo, se desfará.

Perdeis o vosso tempo e continuais, jungidos à hierarquia prepotente do clero, em condenação, alienados de Deus e da Pátria Eterna.

Tanto idealismo, tanto entusiasmo, tanto tempo, tudo gasto inutilmente nesse afã de servir uma hierarquia mancomunada com o pecado.

Cursilhistas, atentai para a Verdade do Evangelho! Atentai para a oportunidade oferecida por Deus para vos livrar da escravidão do pecado!

Cursilhistas, arrependei-vos e crede no Evangelho!

Jesus está próximo. Sua vinda é iminente. Os sinais dela, previstos nas Escrituras, se cumprem com rapidez impressionante.

Cursilhistas, arrependei-vos e crede no Evangelho! E participareis dos novos céus e da nova terra instaurados por Jesus.

Petrópolis, 22 de abril de 1973

.oOo.

CAPÍTULO 1

CURSILHOS DE CRISTANDADE, SUA ORIGEM E SUA ESTRUTURA

Os Diversos Movimentos Católicos de Leigos

EXPOSTA EXTRA MUROS a problemática católico-romana no começo da década passada, reformuladas muitas de suas práticas litúrgico-devocionais e introduzidas novas com a suplantação das antigas, a hierarquia clerical se alarmou com a rebeldia de muitos dos seus fiéis, inconformados com as inovações; com o afastamento de tantos outros que, de uma religiosidade tradicional apenas, se viram coagidos a certas normas contrárias aos seus hábitos cristalizados e, inconformados, resolveram aderir, sobretudo nos grandes centros, a outras formas de culto ou a desprezar todas; com a crise do clero a aproveitar-se do momento de permissão para experiências no campo litúrgico e de apostolado a fim de se insurgir contra as autoridades superiores.

O mundo pasmado contemplou o ruir daquele suposto bloco monolítico de fê, de coesão, de disciplina, sempre decantado como apanágio de sua unidade, uma das notas da verdadeira Igreja.

Com quem contar na empreitada afanosa de reconquistar o respeito das massas católicas? Aliás, ingente empreitada a levar-se em conta a escassez do clero e a sua inabilidade em se relacionar com o público ou por se demonstrar em muitos dos seus membros insociável ou por se manifestar imaturo por parte de tantos outros. Em consequência de sua vida celibatária, o clérigo dificilmente consegue uma postura de meio-termo, humana, condizente com uma pessoa revestida de autoridade, perante o relacionamento com o povo

A hierarquia precisou urgentemente se decidir a se utilizar de um movimento de leigos, que, com o seu respaldo, pudesse servir-lhe de ponta de lança para se aproximar das massas dos seus antigos fiéis,

captar-lhes de novo a confiança, aceitar-lhes a autoridade, anuir-lhe às inovações necessárias em sua velha sistemática de se adaptar.

A qual ou a quais desses movimentos atribuiria tão difícil quanto imprescindível e urgente acometimento?

Muitos são eles e cada um com feição própria, características próprias e objetivos próprios.

Impossível a criação de algum novo, pois as circunstâncias alarmantes reclamavam urgência urgentíssima.

Dentre as inovações do Concílio Ecumênico de Trento (1545-1563), se destaca o surgimento também de associações religiosas de leigos, cujo incremento e cuja expansão muito contribuíram para conservar no passado a massa católica na órbita da hierarquia clerical.

Além das chamadas Ordens Terceiras, como a franciscana e a dominicana, as Congregações Marianas, a Pia União das Filhas de Maria, a Liga Católica Jesus Maria José, a Liga do Menino Jesus, a Cruzada Eucarística, o Apostolado da Oração, e tantas outras que ofereceram enorme e valiosa contribuição ao catolicismo e, por isso, mereceram os aplausos dos hierarcas e, em especial, dos pontífices romanos.

Dentre elas, as Congregações Marianas timbraram em levar os rapazes e homens, seus associados, às práticas sacramentais e a grande entusiasmo pelas devoções a Maria.

As congregações Marianas, ao lado da Pia União das Filhas de Maria, são, em grande parte, as responsáveis pelo imenso surto do culto marial e da devoção ao papa.

Em nosso País as Congregações Marianas atingiram o seu apogeu nas décadas de 30 e 40, arrastando milhares e milhares de jovens caracterizados pelo uso da fita azul a ostentar sobre o peito uma medalha da Senhora, em seus monumentais desfiles, em seus retiros espirituais e nas grandes concentrações públicas das comunhões pascais quando estrugia a saudação “Salve Maria!”

Impossível, naquela época, compreender-se paróquia fervorosa sem esses sodalícios.

Seu prestígio foi notável a ponto de, até 1948, merecer do papa 4 discursos, 4 cartas de elogio à sua atuação, 6 decretos, 10 breves e 6 bulas (uma áurea). Ao todo 30 documentos!

O principal deles, contudo, é a Constituição Apostólica “*Bis Scularii Die*”, de 27 de setembro de 1948, do papa Pio XII.

Com o papa Pio XI, a AÇÃO CATÓLICA, com todas as suas ramificações, também se difundiu com vigor extraordinário.

Conforme este pontífice em sua Encíclica “*Ubi Arcano Dei*”, a Ação Católica “é a participação do laicato no apostolado hierárquico”.

A Ação Católica, para Pio XI, se lhe tornara “cara como a própria pupila dos olhos”.

Em seu discurso de 22 de maio de 1930, Mons. Pizzardo, então Assistente Eclesiástico da Ação Católica Italiana, sublinhou a sua vinculação ao clero: “A Ação Católica é formada pelo recrutamento leigo organizado, pertencendo ainda à sociedade... mas postos à inteira disposição da hierarquia”.

Muito contribuiu a Ação Católica, com todos os seus ramos (H.A.C., J.C.B., J.F.C., L.F.A.C., J.E.C., J.O.C., J.U.C.), no desenvolvimento e na sustentação do totalitarismo direitista implantado em muitos países de predominância católica, como Itália, Espanha, Portugal e Argentina.

A LEGIÃO DE MARIA, nascida aos 7 de setembro de 1921, na cidade de Dublin, Irlanda, também contribuiu valiosamente em favor do relacionamento hierarquia-laicato. Como autêntica sociedade secreta, pois suas reuniões se realizam a portas fechadas e exigem ausência total de estranhos aos seus quadros, constituiu-se em poderosa auxiliar do clero, máxime nos planos mais delicados. De certa feita, quando pároco no interior do Estado de São Paulo, servi-me dos meus legionários agrupados em 15 “*praesidia*” para desmoralizar um proprietário de açougue, levando-o à falência comercial, por ser ele um evangélico.

O Opus Dei na Gênese dos Cursilhos de Cristandade

A Sociedad Sacerdotal de Santa Cruz y Opus Dei, ou, por redução, OPUS DEI (Obra de Deus), é a organização fundada, em Madrid, Espanha, por mons. Josemaria Escrivá de Balanguer y Albas, seu permanente presidente-geral, autor de “*Camiño*”, coletânea de preceitos, com cerca de 3 milhões de exemplares difundidos.

Trata-se, conforme informações divulgadas ao público, de uma associação internacional de católicos (sacerdotes e leigos) empenhados na procura da perfeição espiritual dentro do seu estado de vida e no exercício de sua profissão, aceita e cumprida como obrigação religiosa.

Ninguém se oferece para ser membro do Opus Dei. O Opus Dei, sim, escolhe, seleciona, coopta, mediante severo critério, os candidatos.

Estrutura-se numa rígida escala hierárquica que vai dos cooperadores até os *numerarii*. Aqueles se constituem nos membros de categoria social mais humilde e atingem já a casa dos 200 mil com o dever de contribuição financeira regular e da participação circunscrita aos programas religiosos do movimento.

Os *numerarii* passam por rigoroso preparo espiritual e são a elite intelectual dedicada inteiramente à sociedade, com votos temporários de castidade, pobreza e obediência. Pelo compromisso de pobreza, obrigam-se os *numerarii* a entregar-lhe todo seu ganho, reservando cada um apenas o mínimo indispensável a uma subsistência sem luxo. Só na Espanha elevam-se eles a 30 mil e outros 30 mil nos demais 76 países nos cinco Continentes onde o Opus Dei se instalou.

Este movimento, fundado em 1928, durante a Guerra Civil Espanhola, viveu na clandestinidade e só se intensificou o seu desenvolvimento com a instalação do generalíssimo Francisco Franco no poder em 30 de setembro de 1936. Desde então amancebaram-se o franquismo e o Opus Dei, organização que se tornou politicamente mais poderosa do que qualquer outro organismo civil existente no país, a tal ponto de controlar a sua vida política e a sua economia.

Impôs-se como movimento bem sucedido, cujos membros, nestes últimos 15 anos, passaram a ocupar os postos mais destacados na política, na economia e na educação da Espanha. Controlam, outrossim, grande parte do setor bancário, de seguros, de construção, assim como meios de comunicação, incluindo-se grandes jornais.

Além de residências para seus membros celibatários, a organização mantém hotéis para estudantes, escolas secundárias, escolas de comércio, centros de estudos profissionais e a Universidade de Navarra, em Pamplona, a primeira universidade particular da Espanha, desde a guerra civil, fundada em 1952. Manipula ainda todo o esquema do turismo espanhol, a maior fonte de renda do país (2 bilhões de dólares em 1970).

O esforço organizado e persistente do Opus Dei no sentido de atingir o poder mediante infiltração nos centros políticos, derrubou, em outubro de 1969, de seu pedestal José Solis Ruiz, o homem intocável do regime franquista, até então ministro dos sindicatos. Nessa oportunidade do remanejamento ministerial imposto pelo Opus de Josemaria Escrivá foram afastados também o sr. Fernando Castiela, do Ministério do Exterior, e o sr. Manoel Fraga Iribarne, do Ministério da Informação e Turismo.

Alijando os remanescentes falangistas, os tecnocratas do papa instalaram o sr. Laureano Lopez Rodó no Ministério do Planejamento, acompanhado de luzidia caterva.

Os maquiavélicos devotos, na aspiração de confiscar toda a Espanha, rechaçaram os sentimentos republicanos da Falange quando obtiveram a designação de Juan Carlos como príncipe da Espanha e sucessor do general Franco.

A norma do Opus Dei repete a dos jesuítas, fundados por outro espanhol, Inácio de Loiola: “Obedecei, porque estais certos de que

jamais vos pedirão uma coisa que não seja inteiramente para a glória de Deus”.

A glória de Deus, segundo eles, se identifica com a glória da Igreja, cujo pontífice aprova, apoia e incita o desenvolvimento do Opus Dei.

Opus Dei já é uma força internacional e, como “grupo de pressão”, é o estado-maior político da hierarquia católica.

Quis João XXIII tê-la bem perto da sede papal e, nesse desejo, ofereceu-lhe casa e terreno nas vizinhanças de Castelgandolfo, a estação de refúgio dos pontífices. Assim, vizinhos facilitam-se as secretas confabulações.

Rapidamente o Opus de Escrivá se alastrou pelo mundo todo através de seus asseclas organizados em “grupos de pressão”, que se infiltram nos centros políticos e econômicos, bem como através da criação de institutos, como o “*Strathmore College*” em Nairobi, no Quênia (África Equatorial); “*Las Garzas*”, escola de formação de camponeses, no interior do Chile; o “*Centro Internazionale per la Gioventu Lavoratrice*”, em Roma, inaugurado recentemente por Paulo VI.

Não lhe escaparia à mira o Brasil e em S. Paulo já se encontram, dentre outros, o Centro Universitário do Pacaembu, a Residência Universitária Feminina Jacamar, o Centro Cultural Rio Claro, o Centro de Estudos e Debates Sítio da Aroeira.

O maior empreendimento, contudo, do Opus Dei no sentido de penetração internacional são os CURSILHOS DE CRISTANDADE.

Enquanto os *numerarii* (a elite do Opus Dei) agem nas altas esferas e guindam pessoas dos seus quadros às culminâncias do poder, os Cursilhos se constituem em “grupos de pressão” junto do povo com o fim de orientá-lo em direção à sua programática consubstanciada na implantação do domínio clerical.

O Primeiro Cursilho de Cristandade e a Projeção do Movimento

A data de 7 de janeiro de 1949 assinala, após longa gestação no ventre do Opus Dei, a delivrança do Cursilhismo. Na tarde desse dia, 22 jovens da ilha de Maliorca, Espanha, com um punhado de dirigentes adrede e suficientemente preparados, se enclausuraram no velho mosteiro de S. Honorato com o objetivo de, em 3 dias, encontrar novos rumos na vida.

O seu surgimento, enfatize-se, não veio por geração espontânea. É “sim o resultado de um longo processo de maturação, fruto de uma busca bem apaixonada e constante” (Alavanca, 65, p. 14).

Se a sua gestação foi lenta e longa, a sua infância abrangeu vários anos. Nos seus primeiros quatro anos, 82 Cursilhos se realizaram em Mallorca e só em agosto de 1953, o 83º aconteceu em Valência, no Santuário de S. Miguel de Liria, marcando a penetração do Movimento na península.

Em junho de 1953 desbordou-se da Mallorca para a América Latina quando a Colômbia, o feudo do catolicismo neste Continente, realizou o seu primeiro Cursilho. Seguiram-se-lhe muitos outros através dos quais, em poucos meses, 1.363 pessoas passaram pelo tríduo. E todo o episcopado colombiano, incluindo-se o cardeal-primaz e o nuncio apostólico, hipotecou-lhes aplausos e incentivos eficientes.

Em abril de 1954 implantou-se o Movimento em El Espinar (Sevilla) e em Toledo. Nessa mesma época alcançou a capital da nação, donde expandir-se-ia por muitos países da Europa.

Hoje, em cerca de 60 países dos Cinco Continentes, o Cursilhismo atua por meio dos seus 500 e tantos secretariados diocesanos. E mais de 2 milhões de pessoas passaram por seu tríduo e se atrelaram à programática pós-conciliar da hierarquia romana.

Antes de penetrar no continente espanhol — saliente-se esta nota! — de Mallorca os Cursilhos se implantaram na Colômbia, donde se alastraram para a América Latina.

Com efeito, em 1957 experimentaram-nos a Bolívia e o México.

Nesse mesmo ano, da América Latina transbordaram para os Estados Unidos.

Em 1959 instalaram-se no Peru e na Venezuela. Em 1961, em Porto Rico. O Brasil, a Argentina e a Guatemala conheceram-nos em 1962. O Chile e a República Dominicana, em 1963. Em 1965, a Nicarágua e as Honduras. No Paraguai se instalaram em 1966.

Como fogo de rastilho, atingiram todo o nosso Continente, onde se destacam, mais do que em qualquer outra parte do mundo, como versão moderna do clericalismo.

Constituem-se na América Latina em vasta rede muito bem montada e sincronizada com um programa único de ação continental.

Cada dois anos os seus dirigentes máximos se reúnem e os seus Encontros, ao lado dos seus órgãos oficiais de divulgação, dos livros e dos muitos folhetos e opúsculos, entrosam todo o Movimento.

O I Encontro de Dirigentes aconteceu em 1968, em Bogotá, capital da Colômbia, na oportunidade do Congresso Eucarístico Internacional presidido pelo próprio papa Paulo VI, e das reuniões do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano). Vale sublinhado este informe pelas aspirações marxistizantes ao propor mudanças de estruturas desta América.

O II Encontro foi em Tlaxcala, no México, em 1970.

O Brasil recebeu o III Encontro Latino Americano de Dirigentes, com início em 21 de maio de 1972, celebrado com a presença de altos dirigentes vindos de 17 países deste Continente, na Vila Kostka, em Itaiçi, no município de Indaiatuba, no interior do Estado de São Paulo,

No dia 27 de maio todos se concentraram no estádio do Esporte Clube Corinthians, em S. Paulo, para a grande Ultreya, cujo ponto alto foi a missa cocelebrada por dezenas de bispos e sacerdotes, em comemoração do 10º aniversário da instalação do Movimento no Brasil.

Nessa ocasião, Paulo Cañelles, o clérigo castelhano seu iniciador em nosso País e atual diretor espiritual do seu Secretariado Nacional, ao definir a submissão dos Cursilhos à hierarquia, afirmou: “Estamos aqui, neste ato de ação de graças para testemunhar nossa fé e nossa adesão à Hierarquia. Sem Papa e sem Bispo não existe a Igreja de Cristo” (Alavanca, 67, p. 20).

Definições, Significado do seu Nome e seu Propósito

Ex professo falta aos Cursilhos de Cristandade uma definição (D. Juan Hervás, “Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã”, p. 52 – Lisboa -1965).

Define-os o “ideário” (publicado pelo Secretariado Nacional de Cursillos de Cristandad da Espanha, cuja tradução é divulgada por Edições Loyola, S. Paulo, 1972) à p. 9: “Os Cursilhos de Cristandade são um método para impulsionar um movimento que tende “vertebrar cristandade”, situando, de uma forma consciente e dinâmica, aqueles que os vivem na pista do fundamental cristão”.

O bispo Geraldo Maia de Moraes Penido, de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, in Alavanca 74, p. 1, sugere a seguinte definição: “Cursilho não é mais do que uma forma de recolhimento espiritual para o homem de hoje, um meio para conduzir as pessoas a um equilíbrio sadio e verdadeiro e sua principal finalidade é fazer com que o cristão reencontre o caminho de sua religião”.

Essas definições nada definem e comprovam a assertiva de Hervás, o ex-bispo de Mallorca e atual prelado de Ciudad Real, o codificador dos Cursilhos, quando afirmou faltar-lhes uma definição.

Teimam seus corifeus em rejeitar ao Movimento o aspecto de cursilhismo.

Se os Cursilhos não se restringirem ao tríduo, mas se constituem em um movimento — não simplesmente associação — então se transformam em cursilhismo, que visa objetivos, adota técnicas,

mantém quadros de membros, dispõe de uma metodologia e subsiste numa estrutura própria.

Nesse sentido, D. Juan Hervás, sobre cuja honra recai a iniciação do cursilhismo como tal, sublinha ser ele “uma nova arma de grande alcance, que poderá ser de decisiva eficácia (“Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã”, p. 78).

O vocábulo *Cursilho* está longe de significar a realidade do Movimento, pois a palavra castelhana *Cursillo* quer dizer “*cursinho*”. Foi-lhe aplicado, contudo, por causa do tríduo de concentração especial, quando, mediante uma técnica adequada, seus candidatos são intensamente iniciados.

O termo Cristandade já tem uma significação completa e satisfatória.

Hervás, em seu livro: “Os Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã”, p. 62, elucida o seu sentido: “O papa Pio XII empregou várias vezes este vocábulo: Cristandade, tanto para significar a religião verdadeira e a Santa Igreja objetivamente considerada, como para exprimir o Cristianismo autenticamente vivido pelos cristãos (...) Chamou Roma o próprio centro da Cristandade”.

Segundo Pio XII, citado por Hervás, Cristandade é o mesmo catolicismo romano.

Com efeito, em seu esquema do rollo sobre a AÇÃO, o hierarca Hervás, na alínea 2, sublinha:

“QUEM FORMA A CRISTANDADE:

- a) O Papa
- b) Os Bispos
- c) Os Sacerdotes, os religiosos e o restante do clero
- d) Os leigos.

Todos formam o povo de Deus”.

E na alínea 5: “ALMA E MESTRA DA CRISTANDADE”.

De ser o sacerdote, porque:

- a) É continuador da obra de Cristo.
- b) Está especialmente preparado para isso (AA, 25).
- c) É essa a sua vocação e sua missão.
- d) É responsável pela ortodoxia de qualquer movimento apostólico.

e) Representa a Hierarquia e fomenta as relações entre a Hierarquia e os leigos.

O sacerdote é outro Cristo”.

(Manual dos Responsáveis dos Cursilhos de Cristandade, pp. 201, 203, Lisboa - 1969).

Em consequência dessa conceituação, os evangélicos, bem como os católicos fora da comunhão romana, conservam-se excluídos da Cristandade. São os “separados”.

Afirma-se serem os Cursilhos um Movimento de Igreja destinado a “vertebrar Cristandade”.

Se os Cursilhos são de Cristandade, na conformidade do seu próprio nome, constituem-se em Movimento de Igreja, que, aliás, se identifica com a própria Cristandade. E nesse caso, sincronizados com a hierarquia clerical, exigem, como sua ALMA E MESTRA, a presença do sacerdote.

Impossível, pois, Cursilhismo desvinculado do sacerdote.

“Vertebrar Cristandade” expressa os seus objetivos: fermentar a massa com o “espírito católico romano” e, sob o prisma político, promover e sustentar o dominismo clerical ou clericalismo dominador.

As inovações difundidas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II pasmaram os fiéis católicos. As reformas litúrgicas, as mudanças do ritual da semana chamada santa, o novo comportamento dos clérigos, as “cassações” de santos e tantas outras scandalizaram-nos. Os fiéis em massa, revoltados, abandonavam suas práticas devocionais e os sacerdotes caíam no descrédito entre os mais fervorosos.

Na observação da hierarquia eclesiástica todas as irmandades ou associações, esclerosadas, superadas, anacrônicas, se tomaram impossibilitadas de fecundar novo entusiasmo nas massas desapontadas e trazê-las à vivência dos exercícios religiosos.

A própria Ação Católica, com todas as suas ramificações, se restringira a criar uma elite inexpressiva, inoperante e incapaz de contribuir favoravelmente na solução da problemática católico-romana.

Somente os Cursilhos poderiam servir à hierarquia como instrumento para a reconquista do prestígio popular.

Por isso, oferecer-lhes ampla cobertura.

Reconhecem os eclesiásticos ser o Movimento cursilhista providencial e de decisiva eficácia neste momento de sua história.

ALAVANCA, o órgão do Secretariado Nacional dos Cursilhos no Brasil, nº 65, p. 10, neste assunto noticia: “É inegável o quanto contribuiu o Movimento de Cursilhos na informação, conscientização e formação dos leigos. Muitos dos que fizeram o Cursilho são hoje ministros extraordinários da eucaristia, da palavra, dirigem cursos de noivos e de batismos, outros trabalham nos movimentos de juventude, encontros de casais, dias de formação. A sua presença nos movimentos paroquiais e diocesanos é um fato constatado. Em quase todas as dioceses o Movimento foi um instrumento eficaz para a formação dos agentes da pastoral”.

E Alavanca 64, p. 8, cita o exemplo de Poconé, no Estado de Mato Grosso, onde os cursilhistas desenvolvem intensa atividade na catequese a se ampliar até as zonas rurais, nas palestras feitas em cadeias públicas, nas aulas de religião em todas as escolas primárias, na promoção do rosário em família. “Para as normalistas e professoras realizou-se com grande êxito um curso de formação cristã do qual se originou um movimento de jovens dinâmicos e decididos, que está revolucionando a cidade e provocando verdadeira transformação dos ambientes”.

Graças ao Cursilhismo os bispos vêem o catolicismo inovado gozando outra vez de conceito popular e os seus templos regurgitando de fiéis nas missas dominicais.

Na oportunidade da Ultreya mundial celebrada em Roma, em 1966, o papa Paulo VI, num arroubo de entusiasmo, exclamou:

“Mas quero expressar o júbilo superabundante que a (a sua alma) inunda neste momento diante do coro imenso da vossa fé viril em Cristo, de vossa fidelidade à Igreja, de vossa fervorosa adesão a esta Cátedra de Pedro e ao Magistério da Hierarquia Episcopal. Cursilhistas de Cristandade! Cristo, a Igreja, o Papa contam convosco!”

A Estrutura do Movimento

O nome CURSILHOS DE CRISTANDADE, aplicado ao tríduo de reclusão dos cursilhistas passou a designar o Movimento todo.

Este, porém, se efetiva em três tempos:

PRÉ-CURSILHO,

CURSILHO,

PÓS-CURSILHO.

A) O PRÉ-CURSILHO se caracteriza pela seleção dos candidatos.

Se o Cursilhismo é a nova arma de grande alcance assestada pela hierarquia clerical, o recrutamento se faz sob rigoroso critério de escolha.

D. Juan Hervás, no seu “Manual de Responsáveis dos Cursilhos de Cristandade”, p. 246, adverte: “O pároco não deve esquecer que a tarefa de seleção dos candidatos é de enorme importância e transcendência para a eficácia dos Cursilhos e para o próprio futuro da Obra na sua paróquia”.

Supostos alguns dados preliminares (católicos, solteiros ou legalmente casados, não-maçons), os candidatos precisam preencher os seguintes requisitos indispensáveis:

1º - Sejam líderes, locomotivas em seus ambientes.

O III Encontro Latino Americano recomenda: “Conquistar os melhores de cada ambiente!”

O Pré-Cursilho “selecionará os candidatos que, com as devidas qualidades, sejam líderes dos ambientes que se quer vertebrar em cristãos” (I Encontro Latino Americano).

“Os homens, como os peixes, andam em grupos. Há os que são locomotivas, os que são vagões, e os que são vias. Às vezes, para que uma locomotiva possa continuar locomotiva, será necessário admitir com ela ou atrás dela, alguns dos seus vagões, visto que, de contrário, corre-se o perigo de que não dê todo rendimento esperado o entrar em um ambiente do qual não tinha o eixo.

Estas pessoas não são precisamente as que ocupam os altos cargos, ‘mais bem situados’, mas os que, em qualquer nível da sociedade são cabeça de ponte: suas decisões marcam, suas opiniões movem e suas atividades empolgam” (Alavanca 68, p. 13).

Só o fato de se ser católico, e católico fervoroso, é insuficiente para se ser cooptado. Como no Opus Dei, ninguém se apresenta, ninguém se oferece. Somente vai quem preencher todos os requisitos de seleção.

Em seu Manual de Responsáveis (pp. 246-247), o bispo Hervás, apontado como um dos responsáveis pela deflagração do Movimento, considera sobre a sistemática de seleção: “Os selecionados devem ser homens de reconhecida capacidade humana, de personalidade forte e equilibrada e que tenham influência nos seus ambientes, por qualquer razão que seja (autoridades, médicos, farmacêuticos, advogados, professores, presidentes de associações de fiéis, de irmandades, de instituições civis etc.). Entre os trabalhadores manuais, operários, encarregados e amanuenses, hão de escolher-se aqueles que naturalmente, exerçam uma certa chefia ou ascendência sobre os outros e possuam o que se costuma chamar qualidades, que se manifestam geralmente pela autoridade, que lhes reconheçam os seus companheiros e o respeito com que escutam as suas palavras ou decisões.

2º - Sejam pessoas emocionalmente equilibradas capazes de suportar a terrível excitação mental provocada pela histeria coletiva do tríduo.

Frequentes vezes sucede cursilhistas saírem do tríduo completamente prejudicados em seu psíquico obrigando-se a longos tratamentos psiquiátricos. Nos dois capítulos sobre a lavagem de crânio aplicada na técnica cursilhista estender-nos--emos sobre o clima propiciador de distúrbios neuro-emocionais.

D. Juan Hervás, prevendo desagradáveis ocorrências, em seu Manual de Responsáveis dos Cursilhos de Cristandade, à p. 247, recomenda: “Tenham, pois, cuidado em não admitir aqueles a quem, pelas suas condições psicológicas ou psicopáticas, possa ser prejudicial a intensa atividade espiritual e emotiva que nos Cursilhos se desenvolve”.

3º - Sejam conscientes das mudanças sociais e tenham, então, maturidade suficiente para comprometer-se. “Os candidatos devem ser pessoas maduras, com capacidade de compromisso, com inquietação social e capacidade de formar comunidade”. (III Encontro Latino Americano).

Como indivíduos vértebras devem os cursilhistas ser agentes decisivos nas mudanças sociais e, por isso, o Encontro de Bogotá insiste no requisito imprescindível dentre os critérios de seleção: “Aqueles que influem mais nas mudanças das estruturas e na promoção humana”.

A triagem se processa na perspectiva do pós-cursilho, que, sem se confundir com um partido político, desempenha uma práxis política em profundidade nas massas.

Além dos objetivos comuns, os critérios de seleção para recrutamento de candidatos demonstra a perfeita e íntima afinidade do cursilhismo com o Opus Dei de quem, aliás, se origina.

No pré-cursilho os dirigentes se aproximam da família dos candidatos porque, na ficha destes, muitos dados relativos a ela devem ser incluídos. Um sacerdote, sobretudo, sem o conhecimento do marido, se relaciona discretamente com a sua esposa e, através dela, obtém as informações de ordem mais íntima e prepara as cartas que, para surpresa do cursilhista, serão lidas durante o tríduo.

Uma ficha assim tão completa facilita enormemente os dirigentes em seus truques, em seu trabalho de corredor e na apresentação das palestras.

Um dos pressupostos indispensáveis, vimos, é que o candidato seja católico. Pelo fato, porém, de serem muitos maçons católicos, são estes rejeitados. “Porque não existe um relacionamento Igreja-Maçonaria e porque o Movimento de Cursilhos de Cristandade está subordinado à Igreja, seguindo suas orientações, o maçom não deve fazer o Cursilho e nem o Movimento aceita inscrição de maçons” (Alavanca, p. 6).

B) O Cursilho, propriamente dito, consiste nos três dias, geralmente de quinta à noite até domingo à noite, de encontro pleno, atual e comunitário de cada pessoa com o fundamental católico num ambiente de intensa emoção visando cursilhizar os participantes para integrá-los no movimento.

A estratégia do tríduo se caracteriza pelas seguintes particularidades:

a) - Orações especialmente dirigidas ao Cristo da hóstia e a Maria.

b) - Devoções: Via Sacra e rosário.

c) - Missa, que é o coração da liturgia católica e do Cursilhismo.

d) - Cânticos entusiastas sob o bater de palmas.

e) - Crises de choro provocadas com artificios, clima próprio e nos moldes fascistas para condicionamento psicológico dos participantes aos objetivos clericais.

f) - Palestras: 5 meditações (2 na noite da chegada e 1 em cada manhã), 3 homilias por ocasião das missas à tarde de cada dia e 16 rolhos (1 na tarde da chegada e 5 em cada dia). VINTE E QUATRO PRELEÇÕES em pouco mais de 70 horas!!!

E há palestras de mais de 2 horas cada uma, quando não ultrapassam de muito esse período...

O nome castelhano “solto” demonstra o aspecto de camaradagem com que os temas são desenvolvidos, permitindo-se inclusive o uso livre do cigarro.

g) - Reuniões dos grupos ou decúrias, quando os cursilhistas repartidos em punhados de 10 em 10, ouvem mais ainda sobre os assuntos ventilados nos rolhos.

h) - Trabalho de corredor. Cada cursilhista nos tempos livres, tem ao seu lado, qual sombra, um dirigente conhecedor de sua ficha a lhe apertar o crânio. Sobre este trabalho, o Encontro de Guadalajara exorta: “É essencial que nem sacerdotes nem leigos dirigentes descuidem do trabalho de corredor”.

O codificador Hervás, em seu Manual de Responsáveis, orienta: “Os responsáveis, durante os tempos livres, devem procurar conhecer os problemas e preocupações que inquietam os cursilhistas, mas limitando-se a ouvir e inteirar-se por eles, sem discutir as opiniões ou atitudes, nem dar soluções; em contrapartida, no 2º dia, os responsáveis e auxiliares devem agir já com decisão e eficácia, procurando ajudar a que cada um *encaminhe os seus problemas*. O responsável nunca pretenderá dar soluções, e muito menos soluções definitivas, mas será muito conveniente e eficaz a sua atuação se tratar de aplanar o caminho e facilitar o acesso ao sacerdote. No fim do rolho DIRIGENTES, os responsáveis, dedicarão especial atenção aos que hajam mostrado dificuldade em pôr-se em comunicação com os sacerdotes”.

Por si só a orientação de Hervás vale um comentário.

C) O PÓS-CURSILHO dá vivência perene, eclesial e crescente do fundamental católico durante toda a vida.

O Encontro de Itaici se preocupou com o assunto: “A conversão operada no Cursilho deve amadurecer no Pós-Cursilho e, como fruto deste amadurecimento, o cristão deve começar a viver, cada vez com maior profundidade, seu ‘sentido de Igreja’, com todas as suas consequências”.

Hervás, em seu Manual acima referido, anota que “os cursilhistas não ficam *associados*, mas *organizados*” (p. 77).

O Movimento reconhece a imprescindibilidade do Pós-Cursilho de tal maneira que o Encontro de Guadalajara advertiu: “É essencial que só se programem aqueles Cursilhos cujos participantes possam ser atendidos no Pós-Cursilho”.

Observe-se o grande engano em que incorrem as pessoas imbuídas de ingenuidade ao suporem restringirem-se os Cursilhos ao tríduo.

Trata-se de um Movimento profundo, sério, a envolver e a comprometer totalmente os participantes do tríduo de recolhimento.

Quando este vai chegando ao seu final, cada cursilhista recebe a “FOLHA DE SERVIÇOS” ou “FOLHA DE VIVÊNCIA”.

Trata-se de “um impresso em que cada qual, na visita individual que faz a um dos sacerdotes do Curso, anota o mínimo de práticas de piedade que se propõe a cumprir depois” (Hervás, in Os Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã” - Lisboa, 1965, p. 85).

O preenchimento desta Folha, por mínimos que sejam os compromissos assumidos, como assistência à missa, frequência à comunhão eucarística, assiduidade na reza do rosário, programa de visitas, significa engajamento no Pós-Cursilho.

Saliente-se, outrossim, o fato da consulta ao sacerdote no preenchimento da Folha.

Ao final do tríduo todos recebem uma folha de papel onde cada um faz um desenho e devolve para exame a ser feito por uma comissão de psicólogos. Nessa ocasião recebe-se também urna fórmula de juramento, com vários itens, para ser assinada, comprometendo-se cada um a participar de todas as reuniões a que for convocado e a cumprir as tarefas determinadas nas reuniões de grupo.

O engajamento se estabelece e se conserva por meio de dois recursos característicos do Movimento:

1º - DOS GRUPOS. Os cursilhistas são distribuídos em grupos compostos de 3 membros no mínimo e no máximo 6.

A importância dos grupos se define pela declaração do Encontro de Burgos: “É necessário que o cursilhista, ao sair do Cursilho, fique integrado num grupo”.

E também pelo método de suas reuniões semanais, quando são revistas as Folhas de Serviços, examinadas as realizações do plano da

reunião anterior, feita a auto-crítica de cada membro e propostos novos planos e atividades.

Pelos grupos, o Cursilhismo, “a nova arma de grande alcance”, se “celuliza” de acordo com o sistema comunista e se constituem esses grupos em um método vigoroso de infiltração.

A reunião semanal do grupo é imprescindível no Movimento e a presença de todos os membros é indispensável. “De tal maneira se considera necessária esta reunião que, em caso de indisposição de um dos membros do ‘grupo’, os seus companheiros dever ir à casa dele para se reunir”, determina D. Juan Hervás, o codificador, em seu livro “Os Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã”, a carta magna do Cursilhismo (p. 95).

Em face da programática marxistizante dos Cursilhos, conforme verificaremos nos capítulos seguintes, a técnica dos “grupos” abre imensuráveis possibilidades de penetração do clericalismo nas mudanças das estruturas do Continente Latino Americano, pois a tônica dessas reuniões é a idéia-força do Movimento de sustentação do “compromisso temporal”.

2º - DAS ULTREYAS. “Ultreya” é uma interjeição castelhana e significa “avante”. No Cursilho se constitui em reuniões incentivadoras e inspiradoras a impelir os cursilhistas à ação permanente.

A Ultreya é uma reunião semanal mais ampla dos cursilhistas numa cidade, povoação, bairro ou ambiente.

Enquanto as reuniões dos grupos se restringem à participação exclusiva dos seus membros, as Ultreyas podem admitir a assistência de estranhos, inclusive de acatólicos, numa oportunidade ecumênica.

3º - DAS HORAS APOSTÓLICAS, as quais, celebradas de preferência aos sábados, se restringem a atos devocionais quando os cursilhistas reunidos “oram” ao Chefão (= ao Cristo da hóstia) porque apreciam “bater uma caixa com esse cara legal que dispensa muita cuca”. Essas HORAS são “um barato, mora!”

A organização do Movimento exige conservação e aumento dos seus quadros dirigentes e responsáveis. Se ele deve se expandir desbordando em outras regiões, necessita ampliar-se e aprofundar-se onde já se instalou. Em decorrência, surge a necessidade permanente de novas equipes responsáveis e a maturação cada vez mais profunda das já existentes.

Consegue o Cursilhismo atender esta conjuntura por meio da ESCOLA DE DIRIGENTES, que, “além da formação cristã integral forma dirigentes do Movimento” (Alavanca 64, p. .7).

Os corifeus cursilhistas cuidam com grande zelo da Escola de Dirigentes. “Sejamos mais exigentes na preparação e escolha dos dirigentes. Procuremos que sejam pessoas retas, humildes, sinceras...

que se alimentem frequentemente com o pão eucarístico. Que todos eles tenham espírito de serviço e estejam engajados em alguma comunidade”. (Alavanca 65, p. 10).

Os cursilhistas não se oferecem para a matrícula nessa Escola. São também selecionados. Cooptados! Cooptados de conformidade com critérios rigorosos de triagem. Devem ser humildes e aferrados às devoções, sobretudo eucarísticas, condições básicas para se conservarem submissos à hierarquia clerical, que pretende no Cursilhismo uma nova arma de “decisiva eficácia”.

Extravasa-se a Escola de suas aulas de vez que os seus “alunos” ligados também aos seus respectivos “grupos” com as suas tarefas específicas, empreendem atividades programadas.

“A Escola deve ser integrada por um núcleo de cristãos que, com sinceridade e amizade cumpram a sua missão de comprometer-se, centrar-se (...) Sua função externa é coordenar, avivar, impulsionar a atuação dos pontos vivos da Cristandade e sua função interna é proporcionar uma visão clara para o completo desenvolvimento em espírito e critérios das possibilidades daqueles que podem mais, além de dar conhecimento vivo e amplo do Movimento àqueles que mais e melhor podem impulsioná-lo” (Alavanca 68, p.14).

Coordenam-se os Cursilhos na esfera regional através do SECRETARIADO DIOCESANO.

Diocese ou bispado é uma região territorial (pode às vezes abranger um grupo de pessoas afins, por exemplo, da mesma nacionalidade residentes num país estrangeiro, de uma determinada corporação) onde se integram várias cidades a se constituir uma circunscrição eclesiástica sob a direção de um “ordinário”, isto é, o bispo diocesano ou prelado. A diocese ou bispado toma o nome da cidade de sua sede como, por exemplo, a Diocese de Santos, a Diocese de Volta Redonda, a Diocese de Campina Grande.

O bispo diocesano, como pretendo sucessor dos Apóstolos, é a autoridade máxima da diocese, a qual governa coadjuvado por um conjunto de auxiliares e cuja secretaria se chama “cúria”.

Todos os movimentos religiosos, incluindo-se os das paróquias (circunscrições menores sob a responsabilidade de um pároco ou vigário subalterno ao bispo) dependem do “ordinário” e à sua submissão se põem.

O Cursilhismo também se enquadra no plano pastoral de cada diocese.

O hierofante-codificador, Juan Hervás, no seu Os Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação, reconhecido como a carta magna do Movimento, estabelece: “Como cérebro dirigente desta organização está o Secretariado Diocesano de Cursilhos de Cristandade,

formado por eclesiásticos escolhidos, com a colaboração de leigos e sob a direção suprema do Prelado” (p. 50).

Observe-se: O Secretariado não é formado sob a direção de leigos coadjuvados por clérigos. Estes, sim, formam a cúpula diocesana dos Cursilhos e os leigos os auxiliam.

Todos os Cursilhos, portanto, se submetem à direção do SECRETARIADO DIOCESANO, cuja assistência eclesiástica recai sobre um sacerdote nomeado pelo bispo quando este pessoalmente não desempenha essa função. O sacerdote, portanto, faz as vezes de seu bispo diocesano e segue-lhe à risca as determinações.

Além do assistente eclesiástico, ou diretor espiritual, o Secretariado Diocesano funciona com uma diretoria composta de presidente, secretários, tesoureiros e outros cargos, todos sob o controle do clérigo diretor.

O Cursilhismo, porém, transborda dos limites diocesanos. Encabeça-o uma cúpula nacional: o SECRETARIADO NACIONAL, estreitamente vinculado à hierarquia clerical e por ela criado “a fim de proteger e defender a pureza do método” (Alavanca 64, p.4).

É uma reunião de grupo especial, composta de sacerdotes e leigos, aos quais a hierarquia encarrega, como plano apostólico permanente, a montagem, a condução e a promoção dos Cursilhos de Cristandade” (Alavanca 68, p.14).

A tenacidade vigorosa marca todas as suas atividades, os olhos postos com determinação na norma: “É necessário servir aos Cursilhos e não, servirmo-nos dele para lograr outros fins alheios aos que perseguem os Cursilhos” (Alavanca 68, p.13).

O Movimento promove também ENCONTROS DE DIRIGENTES de âmbito continental preparados por um escritório constituído por uma diretoria e de duração transitória. Na América Latina, por exemplo, há ENCONTROS DE DIRIGENTES de dois em dois anos. No último Encontro é designado um escritório com a incumbência específica de prepará-lo. Encerrado o Encontro extingue-se o escritório.

É evidente o sentido prático dessa transitoriedade. Assim se torna impossível o surgimento de líderes leigos em âmbitos muito mais largos capazes de competir com os bispos no plano da ação.

A estrutura mundial do Cursilhismo se identifica com a hierarquia eclesiástica que alonga os seus tentáculos por toda a face de terra. Por isso o Movimento dispensa um órgão diretivo internacional.

“Cada Secretariado é autônomo, mas deve seguir a linha do Movimento, guardar a fidelidade ao método, sem esquecer a obediência à hierarquia” (Alavanca 68, p.3).

EM RESUMO, estrutura-se o Cursilhismo assim:

I - PRÉ-CURSILHO = cooptação e seleção.
CURSILHOS = tríduo de recolhimento.
PÓS-CURSILHO = engajamento nas atividades eclesiais por meio de: GRUPOS, a “celulização” do Movimento,
ULTREYAS, reuniões de aspecto amplo,
HORAS APOSTÓLICAS, reuniões para a prática de devoções.
ESCOLA DE DIRIGENTES, aprofundamento dos dirigentes e formação de novos.

II — SECRETARIADO DIOCESANO = vínculo do Movimento ao bispo da diocese.

SECRETARIADO NACIONAL = realização do plano permanente dos Cursilhos no território de cada país.

ENCONTROS CONTINENTAIS = organizados por escritórios específicos de duração passageira.

NO ÂMBITO INTERNACIONAL não existe nenhum órgão central por ser Movimento de Igreja, isto é, identificado com a própria hierarquia clerical.

CURSILHOS E CURSILHOS

O propósito deste livro é examinar o Movimento dos Cursilhos de Cristandade autênticos e genuínos.

De acordo com as suas metas, a sua sistemática de seleção, sua técnica e suas estruturas, limita-se a uma elite.

Como explicar-se, a sua massificação quando até protestantes e maçons do seu tríduo têm participado?

Por duas razões:

Primeira: O clero romano é sagaz. De uma astúcia inexcedível.

Circunscrevendo-se a uma elite, cujos participantes são, após rigorosa seleção, convocados, levando-se, outrossim, em conta o ar esotérico de suas reuniões, atrairia a suspeita dos próprios fiéis. Então, ao invés de conseguirem seus objetivos, os Cursilhos se tornariam um gueto dentro da própria massa católica, como um peru empavonado no seu próprio círculo. Estiolar-se-iam como sucedeu com a Legião de Maria.

Muitos fiéis praticantes, por se considerarem cheios de qualidades morais e espirituais, embora não atendessem aos requisitos cursilhistas, desejavam participar do tríduo de recolhimento.

Insistentes, solicitavam a seus respectivos párocos e vigários e abordavam os cursilhistas militantes.

Astuta, resolveu a hierarquia clerical atender esses reclamos e permitiu os cursilhos mutilados, desfigurados: Os Cursilhos fajutas!

Espontâneos, os interessados se inscrevem e aguardam a convocação. Reúnem-se durante os três dias quando ouvem muitas palestras, em geral, sobre os mesmos temas dos Cursilhos sérios, mas desprovidos do seu enfoque genuinamente cursilhista na perspectiva real dos seus objetivos, sobretudo, político-sociais.

Saem do tríduo reafervorados. Vão comungar a hóstia com mais freqüência, rezarão o rosário com mais devoção, tornar-se-ão mais assíduos nos programas religiosos da paróquia, abrir-se-ão com mais generosidade os seus bolsos aos apelos pecuniários dos vigários...

Engajam-se com mais entusiasmo nas tradicionais e esclerosadas associações paroquiais. Tornam-se “melhores” maridos e chefes de família, como aquele que antes se embriagava nos bares e agora leva as bebidas para casa onde se embriaga ou como aquele outro que ia aos bailes de carnaval sozinho e agora leva a esposa.

Do tríduo cursilhista, arremedo e falsificação do verdadeiro, saem arrotando sabença teológica e impostam a voz ao noticiarem sua passagem por ele.

Assim carnavalesco, torna-se, então, comentado o Movimento. E promovido na opinião pública, perdendo aquele laivo de “maçonaria de água benta”.

Por isso, o Cursilho virou moda. Artigo de consumo na sociedade de consumo.

Segunda razão: Além de contentar os seus fiéis desqualificados para o Movimento e massificá-lo, tem o clero nesta massificação um grande aval. Um grande aval diante das suspeitas.

Quando se lhe denunciam os objetivos nefandos, à imitação do Opus Dei (que tem os seus “cooperadores”), em cujo ventre se gerou o Cursilhismo, argumenta: “militares, políticos, altos funcionários públicos, governadores, industriais, que passaram pelos Cursilhos atestam constituírem-se eles em Movimento estritamente religioso, despido, portanto, de qualquer coloração política e muito menos de qualquer inclinação para as esquerdas.

Aliás, o clero faz questão da presença dessas pessoas, como também de homens da imprensa, nesse arremedo de Cursilhos com o intento de levantar biombos atrás dos quais esconde a verdadeira tarefa do Cursilhismo, pondo-o a salvo das suspeitas e denúncias.

Aliás, nesta era cursilhista e cursilhizante, agravou-se a tradicional norma de conduta jesuíta consubstanciada no enunciado: *Finis medios iustificat* — O fim justifica os meios.

Cursilhizada, tornou-se mais trágica por ser mais atrevida e mais perigosa.

Cursilhizada, proclama: “O FIM NÃO JUSTIFICA OS MEIOS, DETERMINA-OS. PORÉM, OS ENQUADRA E OS VALORIZA” (Alavanca 68, p. 11).

A hierarquia clerical é dotada de multissecular astúcia comprovada em todos os seus empreendimentos. Sabe fingir. Sabe encobrir-se. Sabe acobertar os propósitos de suas investidas com a capa do ideal mais nobre. Sabe ser maleável. Sabe recolher-se nas horas de oposição. Sabe imbecilizar as massas com suas lengalengas. Sabe estudar o terreno visado pela sua ganância. Sabe atacar de flanco. Sabe ser sub-reptícia. Sabe desacreditar. Sabe destruir. Sabe bajular os grandes para sugá-los. Sabe fomentar revolta nos pequenos. Sabe meios escusos para impor-se diante da opinião pública. Sabe mentir.

Saber mentir, eis o segredo do clericalismo.

Saber mentir, eis a técnica do Cursilhismo, a versão moderna desse clericalismo.

.oOo.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS PRÁTICOS DO CONFRONTO: CURSILHOS E HIERARQUIA CLERICAL

Estão a seu Serviço

CRIADOS, VIA OPUS DEI, pela hierarquia romana, os Cursilhos de Cristandade existem e subsistem em função dela. E quando deixarem, em virtude de novas conjunturas, de servir-lhe aos interesses de dominação e prepotência, permitir-lhes-á esclerosarem-se na obsolescência e transformá-los-á em objetos de museu em sua obsolência.

Repete-se à exaustão: “Os Cursilhos são um MOVIMENTO DE IGREJA”.

“O Cursilho de Cristandade é Movimento da Igreja Católica, que está subordinado diretamente à Hierarquia da Igreja” (Alavanca 65, p.5).

“O *sensus Ecclesiae* (o sentido de Igreja) é o norte que orienta, alavanca que move, luz e manancial que inspira e vitaliza” os Cursilhos (Paulo VI in Cursillos de Cristandad, Boletín del Secretariado Nacional de España).

O III Encontro de Dirigentes Latino-Americanos, o de Itaici, se alonga: “A carta de cidadania eclesial do leigo é ininteligível, sem fazer uma referência bem clara aos imperativos de sua necessária comunhão com a Hierarquia.

Na Igreja, a comunhão com Cristo tem seu sinal expressivo iniludível na comunhão com a Hierarquia. O Papa e os Bispos são os Pastores do Povo de Deus, postos pelo Espírito Santo para promover, desenvolver e dirigir o dinamismo da Igreja: também o ser e a atividade apostólica do laicato.

Seria errôneo e antivangélico entender a promoção do laicato, como se tratasse de uma reivindicação de independência dos leigos frente ao ministério hierárquico. A aceitação e a vivência do ministério total da Igreja implica a exigência de viver em comunhão com o Papa e os Bispos, sucessores dos Apóstolos”.

Essa declaração de Itaici poderia perfeitamente ser subscrita e endossada pelos bispos do Concílio de Trento, do século XVI e do Concílio Vaticano I, de 1870, tão afinada à teologia tradicional do catolicismo.

Desde seus primórdios, ou melhor, em gestação no seio do Opus Dei, o Cursilismo já era “Igreja”.

O seu codificador, Juan Hervás, em seu livro: “Os Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã”, p. 70, se apropria, aplicando-as aos cursilhistas, das expressões do papa Pio X (Encíclica II *Fermo Proposito*), cujo pontificado é muito anterior ao Concílio Vaticano II: “Devem ser católicos sólidos, convictos da sua fé, firmemente instruídos na Religião, sinceramente ligados à Igreja e, em especial, a esta suprema Cátedra Apostólica e ao Vigário de Cristo na terra”.

Exige-lhes o bispo codificador “submissão incondicional à Hierarquia” (idem, p. 46). E os vê ao “redor dos sacerdotes, a quem veneram religiosamente, e às ordens do bispo, a quem amam como filhos, e sob a suprema direção do Papa, por quem rezam com fervor e a quem estão dispostos a obedecer até à morte...” (idem, p.20).

O cardeal Villot, secretário de Estado do Vaticano, em sua mensagem ao Encontro de Itaici, em nome do papa que reconhece essa submissão cursilhista à sua suposta autoridade, declara: “Assim, desempenho, antes de mais nada, a grata incumbência de ser intérprete

do apreço do Vigário de Cristo, pelo confessado desejo de pautar as iniciativas programadas por uma adesão plena à Cátedra de Roma, em comunhão eclesial...” (Alavanca 71, verso da primeira capa).

“Aí está também toda a história do Movimento que, nestes 23 anos, sempre fez questão de ser Igreja, aderindo fielmente à Hierarquia e seguindo as orientações pastorais” (Alavanca 73, p. 8).

O Cursilismo, Versão Moderna do Clericalismo, identifica a Igreja com a Hierarquia

Na conceituação católica de IGREJA, esta se distingue em Igreja-Laicato e Igreja-Hierarquia. Aquela subordinada a esta.

Esta distinção é apenas aparente. Com o objetivo de promover o laicato católico tem em vista torná-lo subserviente à Hierarquia: *perinde ao baculus, perinde ac cadaver* (como uma bengala, como um cadáver).

À luz das páginas sagradas do Novo Testamento, a hierarquia eclesiástica é espúria. É uma excrescência. É uma anomalia do catolicismo, que, como continuador do Império Romano, encampou em sua organização eclesiástica as suas estruturas sócio-jurídicas.

A interpretação católica do “*Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam*” é criminosa por corromper totalmente o v. 18 do capítulo 16 do Evangelho segundo Mateus, visando a instalação de uma hierarquia ditatorial, gananciosa de poder, e ávida de riquezas, cuja sagrada fome só se sacia com ouro (*auri sacra fames*).

Em nosso livro “CRISTO? SIM! PADRE? NÃO!!!” apresentamos um estudo das origens e desenvolvimento da Igreja- Hierarquia.

Essa Igreja-Hierarquia pretende ser a “alma da sociedade” e “a consciência do mundo”. Quer ser o “sinal visível de Cristo Cabeça” (III Encontro Latino Americano).

O 3º rolho do primeiro dia, já desenvolvido num clima de histeria coletiva, focaliza o tema: IGREJA.

Para valorizá-lo mais, expõe-no um leigo. Aliás, até então só os sacerdotes falaram. É evidente neste pormenor um truque, pois, se um clérigo ventilasse o assunto, poder-se-ia supô-lo em defesa de causa própria. A palavra do leigo o enaltece.

O rolhista lê em suas apostilas os diversos tópicos previamente elaborados, o seguinte:

“QUE É IGREJA?

a) É, na terra, o início do Reino de Deus governado pela autoridade apostólica do Papa e dos Bispos.

b) É o povo de Deus formado por todos os fiéis batizados, sob a orientação do Papa e dos Bispos.

c) É o Corpo Místico de Cristo.

A Igreja, Corpo Místico de Cristo e sociedade visível e hierárquica, comunidade visível e comunidade espiritual, é uma só e mesma realidade, é a única Igreja, una, santa, católica, e apostólica, fundada por Jesus Cristo”.

Tudo isso é uma congêrie de erros sobre erros.

Tudo isso é uma anomalia diante do conceito neotestamentário de Igreja.

Mas essa absurda eclesiologia promove a hierarquiolatria.

O rolhista conclui:

“A Hierarquia ensina, santifica e governa a Igreja, representando Cristo, Cabeça do Corpo Místico.

Os cursilhistas proclamam e hão de proclamar sempre o grande princípio universal: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia* [onde está Pedro, está a Igreja] e o princípio diocesano: *Nihil sine Episcopa* [nada sem o Bispo].

A postura dos cursilhistas perante a hierarquia é da obediência cega. Para avançar, aceitando com humildade as decisões finais; pois deste modo nunca nos enganaremos.

Quando obedecemos ao nosso Bispo e nos submetemos ao Santo Padre nunca erramos!”

A submissão dos cursilhistas à hierarquia deve ser incondicional e deve, por isso, acatar-lhe as orientações como Palavra de Deus porque na Bíblia considerada como “bicho de sete cabeças” (Alavanca 65, p. 30), não encontram a Palavra Deus.

A empáfia dos hierarcas é tamanha que, supostos detentores do magistério eclesiástico, se julgam órgãos da Revelação Divina.

Nesse sentido e em consonância com o Concílio Vaticano II, David Picão, o “ordinário” de Santos, Estado de S. Paulo, em artigo escrito na Alavanca 61, p. 9, sob o título: “Linhas Teológicas Pastorais”, afirma: “Creio que é chegada a hora de os católicos refletirem que temos autoridades religiosas que nos falam em nome de Deus. São o Papa e os Bispos unidos ao Papa. Os documentos oficiais que nos enviam são Palavras de Deus para nossos tempos”.

Nesse mesmo número, Alavanca incita: “Movimento de renovação cristã não podem os Cursilhos de Cristandade ficar alheios aos grandes documentos emanados pelo Concílio Vaticano II”.

Geraldo Maia de Moraes Penido, o hierarca romano em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, reconhece a preocupação do Movimento: “Uma das coisas que, a meu ver, o Cursilho tem mais cuidado de manter é a ortodoxia de doutrina” (in Alavanca 74, p. 1).

A submissão à hierarquia dos hierofantes deve ser incondicional, pois o “magistério da Igreja não é um clube de debates. Existe por vontade de Cristo um magistério e a nós corresponde obedecê-lo” (Alavanca 64, p. 5).

Aos cursilhistas apresentam, se for o caso, alguns versículos bíblicos separados do contexto e os obrigam a aceitar a interpretação distorcida e apontada na direção dos seus interesses de domínio das consciências.

Aplausos do Pontífice Paulo VI

Se os bispos colocam nos Cursilhos as suas esperanças (Alavanca 73, p. 6), o papa Montini não lhes regateia aplausos.

Ao declarar o Apóstolo Paulo patrono dos Cursilhos de Cristandade, em 4 de dezembro de 1963, disse Montini: “Frutos copiosíssimos foram colhidos por esta escola de cristianismo que chamais Cursilhos de Cristandade: santamente renovada a vida doméstica e conforme os preceitos da lei divina, promotora da vida paroquial pelo impulso de nova força, fielmente resolvidos os problemas públicos e privados, por dever de consciência, os bispos e outros pastores se enchem de alegria”.

Na oportunidade da I Ultreya Mundial, em 27 de maio de 1966, falando a 6.000 cursilhistas reunidos em Roma, exortou:

“A visão dos males que afligem a Igreja e a humanidade, muitas vezes, oprimem nossa alma. Mas quero expressar o júbilo superabundante que a inunda nestes momentos diante do coro imenso de vossa fê viril em Cristo, de vossa fidelidade à Igreja, de vossa fervorosa adesão a esta Cátedra de Pedro e ao ministério da Hierarquia episcopal. Cursilhistas de Cristandade!

Cristo, a Igreja, o Papa contam convosco! Procurai com solicitude realizar o programa traçado pelo Concílio”.

E perorou: “Que S. Paulo vos inspire, que Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja vos proteja!”.

Em sua audiência pública de 7 de fevereiro de 1968, o papa Montini referiu-se aos Cursilhistas; em 23 de novembro de 1969, externou a 700 deles de todo o mundo aglomerados na Praça de S. Pedro, a sua confiança no Movimento; e em 26 de maio de 1970 dirigiu uma mensagem aos 45 mil concentrados na II Ultreya Mundial na Cidade do México, além de, através do cardeal Villot, secretário de Estado do Vaticano, haver se dirigido ao Movimento quando do Encontro de Itaiçi.

Incentivados pela Hierarquia, os cursilhistas promovem na Sociedade a figura do Sacerdote

Veem no sacerdote “o coração, o eixo vivo do Cursilho. Ele orienta e vela, anima e controla, e no sub-solo do Cursilho ele é a peça principal e uma complicada engrenagem, pois é o juiz que decide as dúvidas e recoloca os casos” (in El Como y el Porqué - Alavanca 75, p. 17).

Várias circunstâncias propuseram o descrédito dos sacerdotes entre o povo, sobretudo o fato de muitos haverem abandonado o seu ministério. Fechando os olhos a essa situação e na aspiração de fornecer uma visão triunfalista do sacerdote para que os cursilhistas a defendam e a divulguem, como contra-ofensiva ao descrédito generalizado, Alavanca 64, p. 2, na palavra do cardeal Hoeffner, salienta: “Seria irreverente e até ofensivo afirmar que os sacerdotes do nosso tempo se encontram numa situação crítica. Somente Deus sabe com quanto amor e fidelidade inúmeros sacerdotes se dedicam até ao extremo de suas forças, ao serviço do Senhor e da Sua Igreja. Com grande prontidão eles acolhem as novas tarefas que lhe foram atribuídas pela liturgia pós-conciliar”.

Alavanca 71, p. 28, enaltece o sacerdote com palavras de Paulo VI (Encíclica “*Sacerdotalis Coelibatus*”) :“A Igreja é animada pela força, verdade e santidade do padre”.

Muitos clérigos, inclusive bispos, pressionaram o Vaticano a cancelar a lei iníqua e antibíblica do celibato. Essa pressão estourou na imprensa como escândalo e motivo de desmoralização para a hierarquia.

Proposto o Cursilhismo a melhorar o conceito de sua religião entre as massas dos seus fiéis, decidiu propagar sub-repticiamente nova onda de simpatia pela vida celibatária do sacerdote.

Com efeito, nas reuniões de grupos, nas Ultreyas e nas escolas de dirigentes, os cursilhistas muito têm ouvido de exaltação sobre a matéria.

Alavanca, além de em todos os seus números demonstrar apreço, acatamento, respeito e submissão ao padre, sobre o celibato tem se manifestado diversas vezes.

A mensagem do cardeal Hoeffner, por exemplo, divulgada em seu número 64, longamente discorre sobre o assunto. “O celibato manifesta a firme vontade de o sacerdote consagrar a sua vida sem reservas, ao serviço sacerdotal”, afirma.

Em seu número 71, p. 28, comenta a Encíclica do papa Montini “*Sacerdotalis Coelibatus*” e, dentre muitas coisas, destaca: “Mas dentro

do espírito de fé e de caridade cristã, o celibato pode transformar-se numa doação feliz e fecunda”.

A palavra de um leigo de projeção da sociedade sobre esse assunto exerce grande influência e move a massa católica a reconhecer como válida a vida celibatária do sacerdote, embora os escândalos dela proveniente se amontoam cada dia.

Os cursilhistas integrados nas práticas católicas

Tendo um conceito elevado do padre, hierarquiôlatras, eclesiôlatras e sacerdôlatras, os cursilhistas aceitam e se submetem a todas as formas de idolatria, sobretudo a principal delas que a eucaristia. Centram a sua vida religiosa no Cristo da hóstia e procuram no confessorário o perdão.

“A Sagrada Eucaristia não pode ser celebrada sem presbíteros. Do mesmo modo, a remissão dos pecados pressupõe um mandato particular. Tudo isto significa que um poder novo e especial opera no serviço sacerdotal” (Alavanca 64, p. 3).

Segundo a velha teologia católica, “não há Igreja sem Eucaristia”, o Cursilismo exige de seus seguidores entrega absoluta à eucaristiologia. Diante da hóstia, portanto, manifestam adoração e conversam com o seu “chapa”, o “cara bacana e legal”.

Lembro-me do Salmo 115!

Como é possível homens de nível intelectual universitário, esclarecidos, acostumados às grandes empresas, prostrarem-se de joelhos diante de uma bolacha e conversarem com ela?

Qual a origem dessa atitude significativa de desequilíbrio mental, qual seja, a de conversar, ajoelhada, uma pessoa com um pedaço de pão?

Resulta tamanha cegueira da prática da idolatria!

Ao lado da eucaristiologia, os cursilhistas são movidos à prática da mariologia. Aliás, o codificador Hervás dogmatiza ser o Movimento dos Cursilhos “um dom do céu, que nos veio pelas mãos de Nossa Senhora” (Manual dos Responsáveis, p. 56).

E à p.57 informa: “Nos três dias do Cursilho, a piedade intensa que praticam os cursilhistas é eminentemente ‘eucarística e mariana’ ”.

Com efeito, a teologia católico-romana, inclusive a do Concílio Vaticano II se baseia nestas duas pilastras: eucaristia (missa) e Maria.

Muitos acatólicos avessos às devoções marianas supõem, na sua ingenuidade de pessoas mal informadas, polarizarem os cursilhistas a vida espiritual na Bíblia ou numa devoção à Pessoa de Jesus Cristo.

O codificador Hervás esfria-lhes o entusiasmo ingênuo quando informa: “Creio que se pode afirmar que os cursilhistas estão, entre os

católicos, no número dos que mais ouvem falar das glórias e louvores, da altíssima dignidade e eminentes prerrogativas da Virgem Mãe de Deus” (idem, p. 59).

Por quê?

Porque os cursilhistas buscam o fundamental e “a devoção à Virgem Santíssima pertence, é certo, ao cristianismo essencial”, teologisa Hervás (idem, p. 59).

As pessoas mais basbaques são os esnobes, que, neste caso, se dizem conhecedoras da Bíblia e informadas (??) sobre o Cursilismo, sempre encontram uma desculpa para “explicar” serem seus asseclas católicos diferentes dos outros fiéis do papa. Ignorantes, embora com anel de grau no dedo, contam histórias de cursilhistas amigos seus, como os tolos que ainda afirmam haver o catolicismo aberto mão da idolatria porque algum padre retirou algumas imagens do seu templo. Desejam com essas histórias demonstrar acontecer nos cursilhistas uma experiência de conversão genuína nos moldes bíblicos.

Pois bem, O III Encontro de Dirigentes dos Cursilhos de Cristandade, o de Itaici, ocorrido em maio de 1972, quase dez anos após o Concílio Vaticano II, no fulcro da teologia mariana deste e em consonância com o codificador Hervás, diz: “Maria, a Virgem Mãe de Deus, é modelo da espiritualidade do leigo”.

Mãe de Deus?

“Cooperou de modo muito relevante na ação salvífica de seu filho e continua cooperando com a obra de Cristo na Igreja”.

Continua Maria cooperando com a obra de Cristo na Igreja!

“Para os leigos, Maria não pode ser apenas uma bela recordação nem um terno amor. Não pode ser também apenas um modelo de perfeição e de união com Deus em seu estilo próprio e peculiar. Maria é tudo isso e muito mais. É a Mãe que, como Cristo Irmão, está conosco na Igreja; caminha conosco e partilha nossa vida humana, ajudando-nos e animando-nos. É a esperança, não da promessa, mas da realização da ressurreição pessoal”.

É a esperança de nossa ressurreição pessoal?

Que me respondem os basbaques esnobes?

A devoção a Maria na vida dos cursilhistas se concretiza em atos. Por isso, ao final do tríduo comprometem-se e registram na “Folha de Serviços” a rezar diariamente o terço do rosário e, se possível, em família (cf. Hervás, ob. cit., p. 58).

Dentre as várias partes do “Guia do Peregrino”, devocionário cursilhista, encontra-se uma com as principais devoções marianas cujo subtítulo é: “A Cristo por Maria!”, versão portuguesa do velho “*ad Jesum per Mariam!*”

Além da Ave Maria, é frequente nos lábios cursilhistas a reza da: “Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva, a Vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses Vossos olhos misericordiosos, a nós volve. Depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do Vosso ventre, ó Clemente, ó Piedosa, ó Doce sempre Virgem Maria! Rogai por nós, santa Mãe de Deus! Para que sejamos dignos das promessas de Cristo”.

Coaduna-se a devoção piegas a Maria com o Evangelho? Respondam-me os evangélicos ecumenistizados e os protestantes ecumenistas.

Se conhecem a Bíblia responder-me-ão pela negativa!

Inquisitorial, o Cursilismo empreende a ação ecumênica

“Movimento de Igreja”, os Cursilhos de Cristandade se empenham na programática ecumenista do Vaticano.

Alavanca, o órgão do Secretariado Nacional do Brasil, sempre traz notícias sobre as atividades dessa ação. O seu número 73, à p. 17, por exemplo, exalta o Concílio Mundial de Igrejas e diz: “Assim sendo, o Conselho Mundial de Igrejas merece o apoio de todos os cristãos e de todas as Igrejas”.

O seu número 72, p. 21, exhibe o artigo intitulado: “O que anglicanos, metodistas e católicos fizeram em 1972 para diminuir a distância que os separa”. Nele se refere à presença de 12 católicos na Comissão “Fé e Constituição” do Concílio Mundial de Igrejas. E afirma: “O Grupo (Grupo Misto de Trabalho desse Concílio) também não está menos unanimemente convencido de que a colaboração entre a Igreja Católica e o CMI não somente deve prosseguir, mas ainda intensificar-se”.

Alavanca 71 homenageia Atenágoras falecido na época como “uma de suas (do ecumenismo) principais figuras e baluartes” (p. 19).

Através de artigos e notícias, o órgão do Secretariado Nacional aspira estimular os cursilhistas à prática da ação ecumênica.

Nessa perspectiva têm-se realizado entre eles cursos sobre o ecumenismo. O Secretariado Diocesano de Ribeirão Preto, Estado de S. Paulo, de 23 de junho a 27 de julho de 1972 promoveu um exaustivo curso sobre o assunto, quando muitos temas foram desenvolvidos, tais como: “Igreja, semente de Unidade”; “Ecumenismo”; “Pecado, Fonte de dispersão e desintegração”; “Da Polêmica ao Diálogo”; “Prática do Ecumenismo”.

De todo conveniente seria a leitura do nosso livro “O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS”.

Desde sempre o ecumenismo e Inquisição viveram em mancebia.

E ambos colimar o mesmo intento: levar os “cristãos-separados” à comunhão romana. Subjugá-los à autoridade escravocrata do papa.

O ecumenismo, pela blandícia, pela amizade fingida...

A inquisição, pela violência, pelo cutelo, pela fogueira.

O clero ecumenisticamente alisa os “separados” e, quando se frustra, apela para a violência.

Aliás, ecumenismo é uma das múltiplas formas de Inquisição, porque a hipocrisia pressiona, violenta, ilude, subjuga.

O amor da ação ecumenista é falso e hipócrita. Ele só envolve os que afluem às propostas ecumenistas. Os contrários ao ecumenismo são tratados com sarcasmo, com traição, com pressões.

Em janeiro deste ano de 1973, um alto membro do Cursilhismo de Piracicaba, interior do Estado de S. Paulo, e ministro extraordinário da eucaristia, o “sacramento do amor” (???), escurraçou de sua cidade jovens contestadores do Movimento aos Cursilhos.

Alavanca 64, o órgão do Secretariado Nacional dos Cursilhos neste País, demonstra os propósitos inquisitoriais do Movimento.

Católico cursilhizado é católico inquisitorial!

O umbandismo se afina com o catolicismo. Então, se os umbandistas levarem seus filhos às pias batismais dos padres, se lhes levarem as filhas para casá-las, se lhes levarem os parentes defuntos para as exéquias, se lhes encomendarem missas, se se mantiverem intitulados católicos, embora frequentem os terreiros e pratiquem a umbanda, nada demais. Os clérigos se conformam e os deixam em paz.

Mas, se os umbandistas se retraem desse relacionamento com a sacristia, prejudicando os bolsos e as bolsas clericais, se insurgem eles contra e se valem da Inquisição.

Em rápidas palavras, a santa Inquisição consiste no seguinte: Os hierarcas reconhecem “herege” uma pessoa, condenam-na no tribunal eclesiástico e a entregam ao poder civil para castigá-la. Santa Inquisição é também recorrer ao Poder Público para coibir o exercício de uma religião diferente.

O Cursilhismo no Brasil se preocupa com o alastramento da Umbanda desvinculada da práxis católica. Então apela aos nossos governantes, no terreno sócio-político por ele combatido, no sentido de que tome medidas coercitivas contra a Umbanda.

Alavanca 64, dentre as causas do desenvolvimento rápido da Umbanda, destaca também as seguintes: “O baixo nível cultural, a forte tendência pseudo-mística, aliada à notável ignorância religiosa de nosso povo e somada à incompreensível omissão das autoridades”.

Essas causas, de resto, comprovam o fracasso do próprio clero. A quem cabe a responsabilidade da “notável ignorância religiosa de nosso povo” senão ao clero, o multissecular líder religioso desse povo que sempre contou com todas as oportunidades para instruí-lo, inclusive as escolas, pois sempre o ensino religioso foi amparado por dispositivo legal?

As pesquisas cursilhistas nas áreas umbandistas foram mui superficiais porque muitas pessoas a elas se filiaram, embora sejam intelectuais e de alta projeção social, contrariando a observação de que “o baixo nível cultural” seja um dos responsáveis pelo surto dessa modalidade religiosa.

A transcrição seguinte demonstra o espírito inquisitorial dos católicos cursilhizados, que recorrem ao “braço secular”, ao Poder Coercitivo do Estado para reprimir a prática de uma religião prejudicial aos interesses políticos e econômicos da nababa hierarquia eclesiástica. Acostumada a mamar nas tetas ubérrimas dos governos do passado que lhe facilitavam gordas e polpudas verbas e subvenções, se inconforma ao verificar outros concorrentes no pleitear essas verbas, além de lhe evitar as espórtulas por não procurarem seus sacramentos.

“Alguma responsabilidade por essa triste e humilhante situação cabe ao Povo, à Igreja e ao Estado. Ao Povo porque insiste em continuar preferindo o “médium” e o pai-de-santo aos médicos; à Igreja porque depois de uma organizada campanha de esclarecimento, silenciou longamente a respeito do assunto; ao Estado porque, fazendo vista grossa para as consequências negativas da prática espírita-macumbeira, para a saúde popular, continua liberando, nos planos federal e estadual, polpudas verbas para Centros e Terreiros.

“O fato de se terem difundido, significativamente, tanto o espiritismo quanto a macumba, a partir da década de 50 para cá, exatamente quando a instrução primária e secundária se espraiou, está provando que o problema comporta uma análise mais séria por parte da CNBB e do Governo Federal. A nosso ver a catequese religiosa encontra-se tão desorganizada e deficiente entre nós, que será, talvez pela ignorância religiosa popular dela decorrente, a maior responsável pelo fenômeno (...).

“A responsabilidade do Poder Constituído é imensa. Afinal de contas, está mais que provado, aqui e alhures, que as crenças e práticas tipicamente espíritas e macumbeiras, são um grande fator alienante e desencadeante de neuroses. E isso, infelizmente para apenas acenar a certos hediondos crimes, já o dissemos, não raro engendrados e praticados a partir dos Terreiros. Como compreender que o erário público possa abrir-se, não diríamos para instituições filantrópicas e assistenciais - mas diretamente para Centros e

Terreiros? Como entender que certas Secretarias, a título de um duvidoso cultivo de turismo, estejam incentivando a instituições e costumes de origem alienígenas, verdadeiros obstáculos a uma integração mais rápida e perfeita de vastas camadas do homem brasileiro?” (Alavanca 64, p. 36).

Que sabor medieval!

Mas o Cursilhismo é a versão atual do clericalismo.

Do clericalismo, da hierarquia dos hierofantes prepotentes, que jamais muda em seus intentos escravocratas e em seus métodos de truculência.

A serviço do clero, sintonizados e sincronizados com os seus hierarcas, os cursilhistas se empenham em satisfazer-lhes a fome pantagruélica de mando, de riquezas, de escravidão, de carne humana...

.oOo.

CAPÍTULO 3

LAVAGEM CEREBRAL

A despedida dos familiares, o começo da histeria coletiva

TRÊS HORAS DA TARDE! Quarenta e dois candidatos reunidos no pátio do colégio. Só o cursilhista número 28 se encontrava sem os seus familiares.

A conversa generalizada, à meia voz, denotava respeito de velório.

Sob os olhares surpresos das crianças e de expectativa dos adultos, surgem quatro sacerdotes, seguidos de mais de vinte cidadãos.

Sorriso permanente e profissional nos lábios, um deles saúda os presentes. Dirige-se especialmente às crianças, imitando-lhes o linguajar. Faz que se ajoelhem - e somente elas - ajoelham-se.

- Vamos rezar ao Papai do Céu! Os papais de vocês vão ficar três dias longe de vocês. Farão uma viagem muito importante. Mas, quando voltarem, voltarão melhores ainda. Vamos rezar ao Papai do Céu pelos papais de cada um de vocês: “Ave Maria, cheia de graça...”

Aos fundos, sobre uma mesa, os apetrechos para a missa. Todos se postam ao redor da mesa com exceção dos candidatos ao 26º Cursilho daquela diocese.

Os dirigentes, entusiastas, cantam um hino, enquanto os quatro clérigos se paramentam.

Tudo pronto. Um sacerdote dirige sua palavra aos candidatos reunidos em um bloco isolado dos seus familiares:

- Dentro de breves minutos os senhores se separarão dos seus familiares. Começaremos a Missa e retirar-se-ão naquelas kombis. Ninguém irá em seu próprio carro. As esposas regressarão para seus lares, onde ficarão rezando por vocês. Os seus filhinhos farão penitências, sacrifícios, por vocês. Querem que vocês voltem melhores maridos. Pais mais dedicados. Melhores servidores da Igreja.

- Continuarão de pé. Os outros todos se ajoelham. Vamos iniciar a santa missa.

- Nenhum candidato se despedirá de sua esposa e de seus filhos com abraços e beijos. Conservem-se assim separados deles. A despedida é só com acenos de mão.

- Já é hora de cada um ir tirando da cabeça tudo o que pensava até chegar aqui.

- Todos de joelhos, com exceção dos candidatos. A missa vai começar.

Sim, a lavagem cerebral já começara desde a chegada àquele ambiente adrede montado.

Choravam as mulheres. Faziam-lhes coro as crianças. A maior parte dos candidatos já enxugava lágrimas travessas reveladoras da emoção a agitar os homens do 26º Cursilho de Cristandade da diocese.

Começada a missa, num adeus enrouquecido pela comoção e mal respondido pelos familiares, entrecortado de suspiros e clamores das crianças - Papai! Papai! Panaizinho! - os quarenta e dois homens, escoltados por vinte e cinco outros, recolhem-se nas kombis, quais galés de condenados a trabalhos forçados.

No curto trajeto da viagem ninguém disse palavra. O impacto da cena de despedida surpreendera a todos... Imergiram numa autêntica experiência lisérgica.

O início do Cursilho assinalara as primeiras operações de condicionamento psicológico.

Naquelas próximas setenta e tantas horas abdicar-se-ia do direito de pensar, de refletir, porque todos seriam forçados a pensar como os donos do Cursilho.

Era a psicoterapia de grupo para abalar os alicerces da personalidade!

No velho prédio do Seminário

O velho prédio do Seminário Diocesano aguardava outro Cursilho de Cristandade!

O coordenador e dois sacerdotes, à entrada, receberam sorrindo, os cursilhistas (ou *cursistas*). Apertaram efusivamente a mão de todos os recém-chegados, dando a impressão de ambiente mais leve, mais ameno, diferente do clima da despedida dos familiares.

Espadaúdo, alto, óculos de lentes grossas, cabeleira cheia, em mangas de camisa, o coordenador, sempre sorrisos, avisa:

- Faremos a distribuição dos quartos. Dois em cada um. Ninguém escolhe. Mas, cada um aceite o que lhe fôr designado porque desejamos facilitar o entrosamento entre todos. Esta operação gastará apenas dezenove minutos, pois logo nos encontraremos na sala.

Um da equipe dirigente fez a distribuição dos cursilhistas - dois a dois - pelos quartos muito bem arrumados, com as camas limpíssimas e um perfume suave a rescender...

Todos os demais dirigentes na capela. De joelhos diante do “santíssimo” (a hóstia consagrada guardada no sacrário, uma urna especial do altar), “ofereciam” aquele Cursilho e suplicavam a proteção e o auxílio de Maria.

Dez minutos após, todos na sala.

Não se começa ato algum sem a presença de todos. Eis o lembrete impresso encontrado sobre o travesseiro.

O Primeiro Rolho

Rollo é a palavra espanhola usada em lugar de conferência ou palestra.

Dizem, aliás, ser o *rollo* diferente destes estilos de comunicação porque o rolho se destaca pela sua informalidade. É um bate-papo. Uma conversa em tom familiar. Sem ar acadêmico ou professoral, deve revestir-se com a naturalidade de uma camaradagem desportiva, sem distâncias entre docentes e discentes. Assim dizem, mas o rolho cheira a jesuitismo, pois ambos têm a mesma origem castelhana.

O vocábulo castelhano lembra a origem espanhola do Movimento, a mesma origem dos jesuítas, de Inácio de Loiola... E a Espanha é a pátria do Opus Dei, o útero *genitrix* do Cursilhismo.

Em camisa vermelha de mangas curtas, desabotoada à altura do peito veloso, calça rancheira, um cidadão, de pé em frente de cadeiras dispostas em semi-círculo, aguardava, cabeça emoldurada pela fumaça do cigarro, o ingresso de todos.

Era um padre.

Cada um sentou-se onde quis.

A reza da Ave Maria marcou o começo do primeiro rolho: o primeiro contacto efetivo dos dirigentes com os cursilhistas e vice-versa.

Notava-se no clérigo preletor grande preocupação a revelar a grande importância daquele ato inicial. O “rolhista” demonstrou-se principiante na tarefa por lhe faltar a desenvoltura da experiência. Esforçou-se por se apresentar simpático e com naturalidade.

Disse não se restringir o rolho a um assunto teórico. Seu propósito seria o de despertar interesse e motivar para o Cursilho.

Notou-se a sua preocupação em prevenir contra falsas posturas e contra alguns possíveis obstáculos. Insistiu no espírito comunitário.

- O que é Cursilho?

- Não se define: É como a laranja. Só sabe o seu sabor quem a prova...

- Mas é um meio de se estudar e focalizar os problemas do homem de hoje e encontrar para eles a verdadeira solução.

Incitou a todos a viver o Cursilho, levando-o a sério.

- Nada de se emitir juízo adiantado!

Conclamou ao entusiasmo, à confiança, à entrega, à disponibilidade, à abertura de coração e de cabeça, à sinceridade no ouvir e no falar.

- Estendam-nos a nós o voto de confiança que deram a quem os convidou.

- Afastem os preconceitos, as comparações.

- Não sejam auto-suficientes. Sejam dóceis. Entreguem-se!!!

Em três dias apenas o tempo é escasso para um plano de tamanha envergadura. Por isso, a lavagem de crânio precisa ser compacta, sem perda de um minuto sequer.

O ambiente saturado de fumaça de cigarro - o nervosismo da expectativa, se extravasava na sequência ininterrupta dos cigarros chupados a largos haustos pelos cursilhistas fumantes - o ambiente saturado de fumaça de cigarro e marcado pela posição superior dos dirigentes oferecia condições para o rolhista enfatizar as ATITUDES PREJUDICIAIS:

- Falta de personalidade. A quem é incapaz de se decidir falta personalidade!

- Imaturidade. A quem é incapaz de levar as coisas a sério falta maturidade!

- Covardia. A quem tem medo de se examinar e de se aceitar falta coragem.

- Pessimismo. Para o derrotista nada vale a pena.

- Auto-suficiência. De quem se julga completo e de nada mais necessita receber, o coração é auto-suficiente.

E num recurso de retórica interrogava, dedo em riste, com energia:

- Você é auto-suficiente? Você é pessimista? Você é covarde? Você é imaturo? Você tem personalidade?

Os quarenta e dois homens ali reunidos, estupefatos, já se submeteram docilmente às manobras do psicotrópico cursilhista.

E o rolhista a brandir a mão direita com a ponta do cigarro a roçar-lhes os dedos encardidos de nicotina:

- PARA QUEM SERVE O CURSILHO?

Depois da agressão, seguiu-se um hiato de brandura e benevolência, também parte do envenenamento cursilhista:

- O Cursilho serve exatamente para vocês. Porque vocês são de personalidade: capazes de se decidirem e de agir conseqüentemente.

- Porque vocês são líderes: influem na família, no seu ambiente e nos companheiros.

- Porque vocês são equilibrados, maduros, sem medo, entusiasmados.

- Porque vocês são humildes: querem receber para dar, querem servir para exaltar nossa Santa Mãe, a Igreja.

“Trago alavancas!!!”

O preletor desse primeiro rolho caracterizado por essas advertências preliminares chamou a atenção sobre a imprescindibilidade da graça de Deus para o bom aproveitamento em favor de todos.

- E a graça de Deus se merece pelas penitências, orações e sacramentos.

- Iremos rezar e receber sacramentos. Mas há muitas pessoas lá fora também rezando por vocês. Fazendo sacrifícios por vocês.

E, para demonstrar a sua assertiva leu uma carta com acentos profundamente emotivos e emocionantes escrita por uma velhinha de mais de 80 anos, recolhida num asilo. Dentre as penitências em favor daqueles cursilhistas a piedosa velhinha se propusera comer apenas uma vez por dia e abster-se totalmente de água durante o tríduo daquele 26º Cursilho da sua diocese. Estaria ainda rezando três rosários e três vias sacras em cada noite para suplicar a Deus o amolecimento dos corações duros porventura existentes no Cursilho.

- São as alavancas espirituais postas em favor de vocês por pessoas preocupadas. Se uma velhinha se dispõe a tamanhos sacrifícios, Deus por acaso fechará seus ouvidos? Não!

- Somente os de coração duro como pedra não se sensibilizarão...

Depois o rolhista leu outra carta. Da mãe de um dos cursilhistas presentes. No mesmo tom. Com idêntica sensibilidade.

Furtou-se de ler nomes. O visado se reconhecia indigitado como alma endurecida, católico relaxado, há anos distante do confessionário e da missa dominical... E os seus soluços o revelaram à assistência.

Foi o primeiro a interromper o clérigo preletor:

- Quero me confessar!

Sua garganta reprimida pelos soluços o fez calar-se. Olhavam-no todos como a primeira conversão naquele Cursilho apenas principiado.

- É carta de minha mãezinha. A última vez que me confessei foi quando me casei. Mamãe nos criou dentro da igreja. Depois me tornei rebelde...

E enfileirou uma série de autoacusações.

O gesto inesperado do companheiro, a sua pública confissão, traumatizou o grupo.

O choro, de si contagiante, provocou emoção generalizada.

Agora os soluços abafados do companheiro “atingido” sustinham o clima do paroxismo emocional mui apropriado para a explanação do preletor a insistir:

- Deixem de lado as ideias preconcebidas. Desarmem-se espiritualmente. Vai valer a pena, verão!

Assentou-se o clérigo. O silêncio só era interrompido pelos soluços em surdina do companheiro “convertido”. Muitos enxugavam as suas lágrimas.

Sob o impacto da palestra e da excitante ocorrência, escoaram-se uns cinco minutos... Ninguém foi capaz de coordenar ideias... Foi um momento para a predisposição de se tomarem também os mais endurecidos maleáveis, psicologicamente condicionados aos objetivos do Cursilho. Um cenário propício para cursilhizar os presentes...

Outra vez de pé, o clérigo rolhista avisou sobre a continuidade do silêncio absoluto:

- Guardaremos até amanhã silêncio para nos conhecermos a nós mesmos diante da explanação agora feita e das meditações.

Então o coordenador, um leigo, convocou:

- Imediatamente, vamos à capela.

A primeira meditação, a Via Sacra e outra meditação

À entrada da capela, todos receberam o GUIA DO PEREGRINO, o manual de orações dos cursilhistas.

De joelhos, rezou-se a oração preparatória para a meditação sobre o tema: CONHECE-TE A TI MESMO.

A oração é muito antiga. Aprendi-a em latim logo nos primeiros dias de Seminário.

Conciso, direto, penetrante, outro sacerdote fez a explanação do tema.

- Por que você veio ao Cursilho?

- A verdade é que Deus o trouxe ao Cursilho, e se serviu de instrumentos humanos...

- Estamos em um mundo de fuga, de massificação, de alienação...

- Procure fazer o filme da sua vida, cujo protagonista é você mesmo, cujo enredo é a sua vida...

- A imagem que os outros fazem de você não corresponde com a sua imagem real, O que os outros acham de você não é na verdade, o que você é.

- Esta nossa realidade requer uma tomada de consciência para sermos o que devemos ser e não o que aparentamos.

A mensagem se restringiu a uns 20 minutos.

Rezou-se no Guia do Peregrino a ação de graças que, dentre outras, invoca Maria: “Santa Maria, Mãe Bendita, intercedei por mim, para que todos os meus pensamentos, palavras e obras sejam dirigidos única e exclusivamente para a maior glória de Deus”.

O coordenador informou:

- Agora vamos rezar a Via Sacra. Vamos reviver em pequena escala o Sacrifício de Cristo.

Os voluntários tomaram uma cruz e duas velas acesas.

Três dias apenas! Por isso, a hipnose deve ser em doses maciças e compactas. Em alta escala para cursilizar a turma.

Nesta altura os participantes em estado de superexcitação já se tornaram receptivos. Todos dopados!!! Porque a emoção intensa dopa, tira a capacidade de reflexão, de raciocínio...

E tudo se canaliza para as metas do clero.

A Via Sacra, através de 15 Estações ou lances deveria lembrar ocorrências da Paixão de Jesus Cristo.

Assim, a Primeira Estação focaliza Jesus condenado à morte; a Segunda, Jesus com a cruz às costas; a Terceira, Jesus caindo pela primeira vez; a Quarta, o encontro de Jesus com Sua mãe; a Quinta, o Cireneu ajudando Jesus a levar a Sua cruz; a Sexta, a Verônica enxugando o rosto de Jesus; etc.

Este exercício memorativo de fatos acontecidos durante o desenrolar da Paixão de Cristo e de lendas contidas na tradição católica visa mover os fiéis a se compadecerem de Jesus Cristo.

Nos Cursilhos, porém, a Via Sacra, logo nas primeiras horas do encontro, incute descontentamento, ódios, subversão, porque ela transforma Jesus Cristo em símbolo da vítima de um sistema político, social e econômico. Cristo nem é lembrado como o Salvador do pecador.

A Via Sacra dos Cursilhos identifica Jesus Cristo com o desempregado, com o tuberculoso, com o explorado, com o injustiçado na sociedade capitalista.

A reza do “Pai Nosso” pelas intenções do “Santo Padre” pôs termo a aquele exercício.

Com a recomendação de silêncio completo aconteceu, às 19 horas e 30, o jantar no refeitório.

Guia do Peregrino em mãos, os cursilhistas diante das mesas postas, ouviram a súplica pelo clérigo dirigida: “*Senhor, dai pão a quem tem fome!*” ao que responderam: “*E fome de justiça a quem tem pão*”.

Um dos dirigentes, durante a refeição, em voz alta, leu trechos do livro de D. Juan Hervás: Os Cursos de Cristandade, Instrumento de Renovação Cristã, considerado como a carta magna do Movimento.

Foram todos parcimoniosos em se alimentar. A excitação era intensa!

Uma outra reza lida no Guia do Peregrino concluiu o jantar.

Incontinentes, todos regressaram à capela onde se sucedeu a segunda meditação sobre o assunto: O FILHO PRÓDIGO.

Cada cursilhista, ou *cursista*, preocupava-se com a sua consciência e o padre espiritual, ainda penetrante, começou:

- A auto-suficiência, a cultura, a técnica nos afastaram de Deus.

E resumiu para aqueles advogados, engenheiros, farmacêuticos, industriais e comerciantes, o relato da parábola do filho pródigo registrada no capítulo 15 do Evangelho segundo Lucas.

Quanto ao moço distante da casa do pai, salientava o clérigo:

- Está alienado, não vive a sua vida, é vida de escravo. Sente angústia, desespero...

- “Começou a sentir necessidade...”

- Assume, porém, a sua situação. Cria coragem: “Levantar-me-ei e irei ter com o meu pai”.

- Conscientizou-se de sua alienação.

- Reintegrou-se. Esperava-o o pai, ‘correndo para ele’... Reintegrem-se todos vocês na casa do Pai, a Igreja. Haverá festa. Festa da consciência em servir a comunidade.

Esta meditação também foi curta.

Um exame de consciência com perguntas de acordo com a exposição sobre o filho pródigo, antecedeu as orações da noite lidas no Guia do Peregrino.

Seguiram-se vários avisos e apelos incisivos para a preservação do silêncio absoluto até após o café matutino do dia seguinte.

Recolheram-se aos seus aposentos os cursilhistas.

Por volta da meia noite todos os dirigentes, inclusive os três sacerdotes, se reuniram na sala dos “rolhos” para uma análise das ocorrências. Para uma verdadeira autocrítica. E para programar as tarefas do dia seguinte.

Em todas as noites, aliás, estas reuniões são efetuadas quando cada cursilhista é analisado, diagnosticado e sobre cada um medidas são sugeridas e atitudes indicadas para o seu respectivo responsável do trabalho de corredor.

Após essas reuniões, seguem para a capela onde fazem a “visita ao santíssimo” quando há oportunidade para orações espontâneas. Encerra-a o diretor espiritual com a cautela de incentivar a equipe a se manter ativa.

.oOo.

CAPÍTULO 4

AINDA A LAVAGEM CEREBRAL

A primeira meditação do primeiro dia

A EXCITAÇÃO CRIADA por aquelas primeiras horas impediu um sono restaurador a quase todos os participantes do 26º Cursilho daquela diocese.

Cansados da cama, todos aí por 5 da manhã estavam de pé. Bem antes da 7 horas estabelecidas pelo horário.

Para os dirigentes isso não é novidade. Deve acontecer mesmo e demonstra o bom andamento da estratégia da hipnose em grupo.

Na capela fizeram-se, segundo o Guia do Peregrino, as orações da manhã. A mesma reza da tarde anterior precedeu a meditação sobre os TRÊS ENCONTROS DE CRISTO.

O rolhista dirigiu os seus ouvintes à imitação da *humildade* e da *confiança* de Pedro contemplado com um dos três encontros de Cristo.

Encontrou-se Jesus com o jovem rico, praticante dos mandamentos, o excelente judeu. Pede-lhe Cristo que demonstre o seu

amor ao próximo como condição para segui-lo (vai... vende... segueMe...).

Faltou-lhe coragem. Resistiu ao conselho de Cristo.

Nossas riquezas: dinheiro, ciência, saúde, alegria..., têm um valor comunitário..., devem estar a serviço do próximo... Despojar-nos disto para o próximo é condição para sermos cristãos.

O método do Cursilho é o da lavagem cerebral. Hervás, o codificador do Movimento, além de recorrer às obras: “La Psicología y el Cursillo” e “Cursillos de Cristiandad: Realidad y Experiências”, busca na psicologia moderna motivos para coonestar o processo totalitário: “Cremos que a técnica dos Cursos de Cristiandade se apoia sobre elementos psicológicos tão eficazes e tão certamente utilizados, que, inclusive sob o ponto de vista puramente psicológico e material, se poderia explicar uma boa parte do seu indubitável êxito pessoal e coletivo” (Os Cursos de Cristiandade, Instrumento de Renovação Cristã, p. 384).

O seu objetivo é tornar os seus participantes subservientes à hierarquia clerical. E a tarefa deles é promover um cristianismo horizontal. É fecundar nas massas populares a orientação esquerdizante de grande parte do episcopado romanista.

O clérigo preletor considerou ainda um outro encontro de Cristo que foi com Judas.

A caminho do refeitório para o café, o silêncio, com normalidade, foi rompido, e a equipe dirigente cantou com vibração o hino DE COLORES, cuja letra, aliás muito fofa, a todos foi distribuída.

CURSILHOS DE CRISTANDADE DE COLORES

De Coiores!
De Coiores
É a primavera
Florindo caminhos

De Coiores!
De Coiores
São todas as flores
São os passarinhos

De Coiores!
De Coiores
É o arco-íris
Caminho de luz!

Venham todos
Que este é o caminho.
Cantemos louvores (bis)
Ao Cristo na cruz!

Viva! Vida!
Faz o mundo
Ficar mais bonito
No teu coração!

Viva! Vida!
E desperta
Na fé ardorosa
De ser bom cristão!

Todos juntos!
De mãos dadas
Nas mesmas estradas
Eu sou teu irmão!

De mãos dadas
Nas mesmas estradas,
Nas mesmas estradas (bis)
Eu sou teu irmão!!!

O trabalho de corredor

O primeiro rolho foi sobre o IDEAL. Um dos clérigos leu quase tudo. Quarenta minutos! Aliviou o auditório com algumas anedotas.

Organizaram-se as *decúrias*. Reminiscência dos grupos de dez soldados do antigo exército romano. Os 42 cursilhistas deram quatro decúrias, isto é, grupos, cuja incumbência era debater as três perguntas baseadas nas teses apresentadas em cada rolho.

Cada decúria se distinguia por um nome de santo: Francisco de Assis, João Bosco, Vicente de Paula e Pio X e se dirigia por um presidente e um secretário. Estes falavam por todos.

Alguns cursilhistas pretenderam emitir seus pontos-de-vista sobre as três questões propostas, mas faltou-lhes tempo, circunstância essa que sempre acontecida nas reuniões das decúrias.

Afinal, cada decúria continuava a exposição do rolho anterior.

Nenhum cursilhista tinha tempo para refletir. Só ouvir sob intensa emoção e não menos intensa expectativa.

Hervás, o bispo-codificador, no seu Manual dos Responsáveis (p. 33), estabelece: “Constituem a estratégia espiritual dos Cursilhos de Cristandade a sua disciplina característica e a ordem sistemática na exposição das verdades, a sua didática especial de ensiná-las e o conhecimento pessoal de cada um dos componentes do Cursilho, a atuação dos Responsáveis sobre cada um dos cursilhistas, a aplicação dos remédios concretos a cada indivíduo e a cada problema, a colaboração unânime, metódica e entusiástica de todos os elementos dirigentes ao redor da pessoa do reitor leigo e, sobretudo, do sacerdote diretor espiritual”.

Às 10 horas outro rolho. E agora sobre a GRAÇA, seguido também de decúrias.

Às 11h40 o início de outro rolho. Este se desenvolveu sobre a Igreja, o “sacramento universal da salvação”.

Lendo longas laudas, o rolhista, um leigo, advogado, enfocou com insistência a missão horizontal da Igreja: reformar as estruturas.

- A Igreja está inserida no mundo, cabendo-lhe impregnar de espírito evangélico as suas estruturas e realidades. É a *consecratio inundi*. Aos leigos incumbe, especialmente, dilienciar para que as estruturas e realidades temporais se conformem ao plano de Deus”.

O rolhista advogado enalteceu o desassombro dos padres engajados e o seu “espírito de renúncia” diante das perseguições. Lembrou, para exemplificar, Camilo Torres, o clérigo terrorista “sacrificado pelas forças revolucionárias”.

Os dirigentes se mantinham alertas observando as reações de cada cursilhista em face da exposição tendo em vista o TRABALHO DE CORREDOR.

O TRABALHO DE CORREDOR é uma das estratégias aplicadas para o condicionamento psicológico.

Aliás, também o trabalho de corredor identifica os Cursilhos com os velhos métodos do catolicismo.

Ao meu tempo de estudante na Faculdade de Teologia da PUC de S. Paulo havia o DIVA, sigla do Departamento Informativo da Vida Alheia, o cognome pejorativo do trabalho de corredor.

Nos tempos livres e nos pequenos intervalos entre um ato e outro, um dirigente - e sempre o mesmo - se cola a um cursilhista e *trabalha* com ele.

Fala sempre quase *media-voce* e com muita afabilidade. O cursilhista, sempre sob o impacto de emoções renovadas e tendo perdido o domínio de sua mente, abre-se ao dirigente encarregado de baldear as “preciosas” informações para os sacerdotes. Tomando estes o pulso de cada cursilhista, sabem como orientar os rolhos seguintes e como “espremer” os mais duros e os aferrados às suas opiniões.

Anedota de papagaio não! E as alavancas?

Durante o almoço um dos dirigentes de voz tonitroante, foi contar uma anedota:

- Uma vez um papagaio...

Tilintou uma campainha interrompendo-o. O sacerdote diretor espiritual disse:

- De papagaio não!

Foi uma gargalhada só.

O mais longo tempo livre favoreceu amplas oportunidades para o trabalho de corredor. E às 15 horas veio o rolho sobre a FÉ.

Longa dissertação sobre o assunto feita por outro leigo, um funcionário público federal. Bem desenvolvido, soube prender a atenção ao expor um tema da velha teologia.

Deu a impressão de havê-lo interrompido quando se referia à necessidade de sacrifícios e oração, um sacerdote:

- Tenho aqui alavancas.

Alavancas, conforme já se elucidou, é o termo empregado nos Cursilhos para as orações e penitências feitas em favor dos cursilhistas.

O sacerdote informou sobre cartas recebidas de vários lugares dando conta de orações e muitos sacrifícios feitos pela “conversão” de todos.

Dentre elas, leu a carta de um presidiário. Em termos pungentes, descrevia a saudade dos seus entes queridos. Dizia de seu sofrimento de recluso por tantos anos e de sua tortura íntima ao saber das negras privações sofridas pelos seus cinco filhos, dentre eles uma menina atrofiada pela paralisia infantil. Havia, porém, encontrado um ideal lá dentro da prisão: oferecia a Deus todas aquelas torturas íntimas pelos participantes do 26º Cursilho de Cristandade da diocese.

- E vocês desejam continuar de carona nos padecimentos desse pobre preso?

Essa pergunta abrupta do padre, concluída a leitura da carta do detento, provocou a explosão das lágrimas reprimidas durante a apresentação da carta.

Noutra carta uma garota em vésperas de completar seus 15 anos renunciava toda a festa programada “pela conversão do papai”.

O pranto convulso de um cursilhista se destacou. Era o pai. A garota, sua filha única. Amava-a intensamente. Dela se vangloriava. Programara uma grande festa de 15 anos de sua filha, quando lhe ofereceria um rico presente. Ela lhe era tudo no mundo!

Um menino deu sua bola a um colega de escola. Um de quatro anos oferecia o sacrifício de renunciar o sorvete. Uma esposa prometia

lavar o carro de seu marido. Outra, por humildade, se propunha engraxar os sapatos do seu companheiro. Uma menina, de propósito, cortara a pontinha do seu dedo porque pelo seu sangue queria que o seu papai voltasse mais papai. E sua carta fora assinada com o próprio sangue.

Generalizara-se o choro. Naquelas cartas reconheciam suas esposas, seus filhos, suas filhas, os seus queridos.

O cursilista 28 também chorava. O motivo do seu pranto, porém, era outro. Compadecia-se daqueles pobres homens vítimas de uma terrível impostura, de tão terrível excitação mental.

Aquelas cartas estavam sendo usadas como chantagem. Durante o Pré-Cursilho os clérigos se aproximaram das famílias e induziram-nas a escrevê-las. Foram encomendadas!

No Cursilho a conversão se resumia numa pura e agitada emoção, numa dopagem.

Ao regressarem para o rolho sobre a PIEDADE, às 16h30, um dos reduzidos *durões* estava em prantos. Encontrara na mala uma carta de sua filha. Alguém a colocara lá com o interesse de abalá-lo. Se a tivesse trazido na mala, tê-la-ia encontrado ao abri-la na chegada.

A artimanha escandalosa foi usada até a tarde do segundo dia.

E ninguém dispunha de tempo para refletir, para pensar, para analisar. Emoções sobre emoções! Cansaço sobre cansaço! As meditações e os rolhos se sucediam. Durante os tempos livres, raros e curtos, o trabalho dos corredores. E cantar batendo palmas. O enorme consumo de cigarros com um abastecimento suficiente...

Todos de braços abertos.

Cada cursilista uma cruz...

Às 16h30 o rolho sobre a PIEDADE. A sexta preleção do dia. E esta, conforme o estabelecido no horário, duraria 1 hora e 15 minutos. Em sua primeira parte, ouviram-se anedotas sobre as devoções populares. Ridicularizaram-se as pessoas classificadas de beatas. Depois, seguiu-se outra carga pesada. Todos de pé, braços abertos, feito cruces, a ouvir:

- O que acabamos de ouvir no dia de hoje, é coisa muito importante.

- Isso tudo é muito sério.

- Não mantenhamos as cabeças e os corações fechados.

- Não viemos aqui para nos divertirmos.

- Ondas de todo o mundo estão chegando.

- Não mantenham o transistor desligado.

- Aproveitem as mensagens que chegam. Fiquem ou entrem em sintonia.

- Às vezes, não se pode ir adiante, sem cortar as amarras, as ligaduras que nos prendem: amor próprio, orgulho...

O tempo livre serviu para que a maioria procurasse os padres para se confessar.

Homens feitos, lutadores pela vida, de nível intelectual superior, agora, de joelhos a se confessarem aos sacerdotes! Como os beatos dos quais há pouco zombaram... A primeira grande conquista para os padres e a grande demonstração do condicionamento psicológico em sucesso.

Os resistentes mereceriam trabalho mais acurado máxime nos corredores.

Seguiu-se a missa, o supremo culto idolátrico, durante a qual houve a homilia.

Os homens, cerca de 30, que se confessaram, comungaram (receberam a hóstia consagrada, segundo a teologia católica).

Esclareceu o celebrante que a ingestão de água, medicamentos e o ato de fumar não impedem a comunhão.

Os dirigentes, durante o jantar, se esforçaram para desanuviar o ambiente. Os cursilhistas já na tarde do primeiro dia se demonstravam cansados.

Escoou-se o tempo livre com rapidez e às 21h30 todos na capela para a reza do terço do rosário de “Nossa Senhora”, pois os cursilhistas são movidos a intensificar sua devoção a Maria.

Seguiram-se as orações espontâneas diante de Jesus sacramentando (da hóstia guardada na urna do altar). Explodiu outra vez a choradeira.

Nesta altura do Cursilho, por qualquer coisa, a maior parte dos cursilhistas caía em prantos.

Em seguida, o coordenador apresentou o programa do dia seguinte bem igual ao do primeiro dia, com idêntico número de preleções.

Despediu a todos com um “boa noite”. E cada um se recolheu ao seu quarto.

Impossível conciliar o sono para alguns mais excitados. Os outros tiveram um sono agitado, entrecortado de pesadelos.

Nos dois dias subsequentes, manipularam-se as emoções com idêntica desenvoltura do início do encontro.

Tudo é feito para bloquear a capacidade intelectual dos participantes, induzindo-os a aceitar pelos impactos emocionais a submissão à hierarquia.

O fim justifica os meios

ALAVANCA é o nome da revista oficial do Secretariado Nacional dos Cursilhos aqui no Brasil. Em seu número 68, p. 11, afirma: “O FIM NÃO JUSTIFICA OS MEIOS”.

O Cursilhismo derrubou a velha tese jesuíta?

“O FIM NÃO JUSTIFICA OS MEIOS, DETERMINA-OS. PORÉM, OS ENQUADRA E OS VALORIZA”.

Até bem pouco vigorava a tese jesuíta: O FIM JUSTIFICA OS MEIOS. Isto é, considerando-se legítimo um fim, um objetivo, se tornam lícito todos os meios, todos os recursos para alcançá-lo.

Se se trata da glória da “IGREJA”, então é lícito matar os hereges. Daí o mar de sangue derramado pela “Santa Inquisição”, o terror da Idade Média, a idade áurea do catolicismo.

Agora a tese jesuíta foi aprofundada. Tornou-se pior!

Senhores, o catolicismo é irreversível em sua iniquidade.

O fim agora determina os meios. Não apenas justifica.

DETERMINA! “VALORIZA!!”

O crime do condicionamento psicológico é determinado, é valorizado - não simplesmente justificado como no passado - pelo objetivo de tornar uma pessoa subserviente: *perinde ac baculus perinde ac cadaver* - à hierarquia clerical.

Os magnatas dos Cursilhos tentam explicar a aplicação da lavagem cerebral, tão manipulada pelos regimes totalitários da esquerda e da direita. Esquecem-se de suas perspectivas esquerdistas e, na explicação incongruente, recorrem à sociedade de consumo do regime capitalista a buscar comparações com a publicidade comercial, que, com impactos agressivos continuados, procuram enfraquecer a resistência e superar a indiferença do freguês.

Defendem eles os seus métodos de hipnose de grupo como meios utilizados para quebrar ou remover a oposição da vontade, para desfazer preconceitos inveterados, para derrubar barreiras psicológicas, para lavar o terreno e aplainar caminhos no sentido da aceitação dos princípios propostos pelo Cursilho.

Durante a Quarta Semana Interamericana de Ação Católica, realizada em outubro de 1966 na cidade de Buenos Aires, houve ataque cerrado ao processo de hipnose adotado pelos Cursilhos.

Os bispos entusiastas pelo movimento nada demais veem na brutal e escravizante experiência. O fim não determina e não valoriza os meios?

Que estes meios sejam impactos e abalos emocionais, que sejam choques de ideias fortes, que sejam pressões psicológicas, que sejam colocações obsessionantes, que sejam truques e artificios quaisquer, contanto que alterem o psiquismo, pressionem e subjuguem a

personalidade dos cursilhistas à opção de se tornarem subservientes aos planos do clero.

A chantagem dentro do Cursilho é tão violenta que, no sentido de se evitar alguém sair de lá enlouquecido, como já tem acontecido, durante o Pré-Cursilho o candidato é examinado também sob o aspecto emotivo. Barram-se as pessoas que poderiam correr o risco de um total desequilíbrio da mente.

Aliás, numa entrevista ao Jornal da Bahia (11/12-6-1972), o sr. Avelar Brandão, ordinário em Salvador, se referiu ao perigo: “Na verdade o Cursilho pode ser mal utilizado”.

Vicente Scherer (in Alavanca 72, p. 5) sem rebuços, afirma: “A manipulação de recursos psicológicos se emprega para remover a camada espessa de preconceitos criados por circunstâncias várias e contrárias à percepção das luzes, das verdades e dos ideais que se querem apresentar”.

Eis aí a palavra de um cardeal.

Secunda-o Geraldo Maia de Moraes Penido, ordinário em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais: “Lavagem cerebral também não é coisa de admirar e ter medo quando se trata de implantar ideias novas” (in Alavanca 74, p. 2). Salieta ainda no mesmo lugar citado que o Cursilho “pode dar até uma lavagem cerebral mas normal, de boas ideias que geram excelentes convicções”.

A disponibilidade para o clero, a subserviência diante da hierarquia é a grande meta, o excelente (???) objetivo. Então por que recusar-se o meio, o recurso, da lavagem cerebral?

O comunismo, o nazismo e todos os totalitarismos sempre usaram esse criminoso processo na escravização das pessoas.

Onde aprenderam? Onde?

No catolicismo! Com o clero sempre especialista em aplicá-lo.

O clero não foi sempre refratário à liberdade de consciência?

.oOo.

CAPÍTULO 5

TRAIÇÃO A JESUS CRISTO

Falsus in uno falsus in omnibus

QUEM É FALSO numa coisa é falso em todas. Quem mente numa coisa faltará à verdade em todas.

O ditado latino lembra-nos o nosso brocardo popular: Cesteiro que faz um cesto faz um cento.

O enunciado *Falsus in uno falsus in omnibus* é um princípio filosófico de alta sabedoria. É a expressão do bom-senso.

Com efeito, se num complexo doutrinário existe uma falsidade, todo o resto perde seu valor e desmerece credibilidade.

É o caso da teologia católica.

Aparentemente, existem pontos de contato entre ela e a Bíblia, o Evangelho. Só aparentemente, frise-se.

Afirma-se, por exemplo, se identificarem as teses sobre a Trindade, os Atributos Divinos, a Divindade de Cristo, etc. Distanciam-se quanto à soteriologia, isto é, quanto à doutrina sobre a salvação.

O Evangelho requer do pecador somente a fé em Cristo como seu Único e Todo-Suficiente Salvador. E a teologia católica, embora apresente Cristo como Salvador, exige do pecador, além da fé, a prática de obras, incluindo-se os ritos e a recepção de sacramentos, considerados estes veículos da graça divina.

Em decorrência, a teologia católica estabelece uma hierarquia clerical, cujo vértice é o pontífice romano revestido do carisma da infalibilidade. Nestas condições, o papa pode definir dogmas interpretando de modo alheio à Bíblia sua mensagem ou criando doutrinas absolutamente contrárias às Sagradas Escrituras. *Roma locuta, causa finita*. Falou Roma, a causa está decidida. Concluiu-se a questão, a disputa.

Encontra-se na teologia católica, como resultado, um enorme acervo de teses estabelecidas ao longo dos séculos, O purgatório. O sufrágio pelos mortos. A intercessão dos santos, O seu culto. As indulgências. Os sacramentos (batismo, confirmação, penitência, eucaristia, extrema unção, ordem e matrimônio). A missa sob o aspecto sacrificial a repetir o Sacrifício de Jesus Cristo. A mariologia a aureolar Maria com tantas prerrogativas e tantas incumbências: maternidade divina, imaculada concepção, virgindade perpétua, assunção corporal, rainha dos céus e da terra, advogada, medianeira, co-redentora, mãe da Igreja...

Todas teses estruturadas no contexto da teologia católica pós-conciliar, porque, como não poderia deixar de ser, o Concílio Ecumênico Vaticano II encampou-as todas.

Todas essas teses aberram do Evangelho!

Se houvesse a necessidade de obras por parte do pecador que busca a salvação, Cristo não seria o Todo-Suficiente Salvador.

Se houvesse a necessidade de sacramentos para a comunicação da graça divina, Cristo teria mentido ao requerer apenas a fé.

Se a missa renovasse ou repetisse o Sacrifício de Cristo, este não seria de valor infinito porque o que é de valor infinito é todo-suficiente e é, pois, irrenovável e irrepetível.

Se Maria fosse Mãe de Deus, Deus, não seria eterno.

Se Maria houvesse sido concebida sem pecado original, dispensar-se-iam o Sacrifício e a Morte de Cristo.

Se ela fosse co-redentora, Cristo não seria o único Salvador.

Se ela fosse advogada, não seria Ele o Único Advogado.

Se ela fosse medianeira, não seria Ele o único Mediador.

Se houvesse o purgatório, acaso valeria alguma coisa o Sangue de Cristo?

E se existe um purgatório e se é imprescindível a prática de obras para se merecer a salvação, e se os “santos” intercedem, e se Maria é tudo aquilo, e se a missa repete a Morte de Cristo, esse Jesus Cristo não é TODO-SUFICIENTE. Não é o ÚNICO SALVADOR.

E se não é TODO-SUFICIENTE e se não é o ÚNICO Salvador, então, não é Deus.

O Jesus Cristo da teologia católica não é verdadeiro Filho Unigênito do Pai, encarnado para a nossa salvação, cujo Sangue de valor infinito, tem poder para remir todos os pecadores nEle confiantes.

Parvus error in initio, magnus est in fine

Vale também aqui o princípio do bom-senso: *Parvus error in initio, magnus est in fine*. Um pequeno desvio no início, torna-se grande no fim.

Do aparente pequeno engano de se exigirem boas obras, além da fé exclusiva em Jesus Cristo, para a salvação do pecador, originou-se o tremendo acervo de heresias do catolicismo.

O Jesus Cristo católico é um pobre coitado. Precisa de tudo e de todos, até do próprio pecador, para salvar o pecador.

O catolicismo traiu Jesus Cristo. Usa-lhe o Nome bendito para ludibriar seus fiéis e engodar os pecadores.

Os Cursilhos de Cristandade, interessados em “vertebrar cristandade”, a serviço do catolicismo trai a Jesus Cristo, o Único e Todo-Suficiente Salvador ao aceitar as mesmas e heréticas práticas da religião do papa.

No segundo dia do tríduo cursilhista ocorreu a meditação sobre a FIGURA DE CRISTO. Enquanto os olhos gastavam uma média de uma hora cada um, esta mensagem se limitou a 20 minutos.

Os cursilhistas, superexcitados, insones - Pelé, cursilhista também, afirmou: “Você não consegue dormir. É impressionante o delírio, o desespero de 50 homens” - os cursilhistas, superexcitados, insones, não dispõem de quaisquer condições para refletir. Em disponibilidade passiva, recebem, aceitam tudo. Massificados, agrupam-se como numa tropa.

Pois bem. Nessa meditação do 26º Cursilho da diocese não se disse sequer uma palavra sobre a todo-suficiência de Jesus Cristo como Salvador. Nem se mencionou Sua Morte para a salvação da humanidade.

Disse-se, sim, sobre a Sua Encarnação e que, como Homem, “viveu os problemas da época: religiosos, políticos... O próprio Verbo Encarnado quis participar da comunidade humana”.

Na condição de Homem se tornou: “Exemplo na vida familiar, profissional, religiosa, de membro da sociedade...”.

Apresentou-se Cristo como LIBERTADOR no conceito da teologia horizontal, inspiradora do manifesto do Episcopado Latino Americano reunido em Medellín, Colômbia, em agosto de 1968: “É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos, envia seu Filho, para que, feito Carne, liberte a todos os homens de todas as escravidões a que os sujeitou o pecado: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, em uma palavra, a injustiça e o ódio têm sua origem no egoísmo humano”.

“Esqueceu” o predicante cursilhista de mencionar o inferno como eterna e irreversível escravidão merecida pelo pecado.

Alegam os cursilhistas haverem encontrado, naquele tríduo de superexcitação a Jesus Cristo, o Cristo Vivo, do qual se tornaram amigos e no Qual têm agora um amigo.

O Cristo deles, porém, é o Cristo da hóstia. É a cognominada eucaristia, o centro do culto católico. Por isso, em todos os três dias houve a celebração da missa, quando os cursilhistas, com apenas duas exceções, receberam a hóstia em comunhão, a qual, na conformidade com a doutrina romana, é o próprio Jesus Cristo, com seu corpo, sangue, alma e divindade.

Pelo menos em duas oportunidades em cada dia, os cursilhistas, em suas “visitas ao santíssimo” (a hóstia consagrada recolhida na urna do altar) conversavam com aquele Cristo, praticando o mais inominável dos cultos idolátricos.

O segundo rolho do segundo dia versou, durante 2 horas e meia - sim, duas horas e meia!!! - sobre os SACRAMENTOS, quando o preletor se alongou exaustivamente sobre a eucaristia, afirmando categórico:

- A missa é a repetição continuada do sacrifício do Calvário.

O rolhista, a comprovar suas assertivas sobre o tema, recorreu a citações de várias passagens do órgão do Movimento, Alavanca:

- “O centro, o coração da fé e do culto católico, que é a eucaristia, sacramento da presença real de Cristo”... São palavras do papa Paulo VI divulgadas por *l’Osservatore Romano*, em 10 de setembro de 1972 e citadas na *Alavanca*, 72, p. 20.

Esse mesmo exemplar de *Alavanca*, à p. 8, induz os cursilhistas a se valerem dos meios comuns e tradicionais da santa Igreja destacando os sacramentos, sobretudo, a confissão e a eucaristia.

Em tom bombástico leu na *Alavanca* 73, p. 10:

- “Sem eucaristia não há Igreja”.

Esse rolhista repetia certas frases com uma constância irritante, aliás, sistema muito próprio dos predicantes totalitários. Repetiu bem umas vinte vezes a tese: “Sem eucaristia não há Igreja”.

Supõem alguns passarem os cursilhistas por uma experiência pessoal com Cristo. Pelo exposto acima, verifica-se o engano dessa suposição.

Em matéria de doutrina, contudo, ouvem e recebem eles os tradicionais ensinamentos. Deles, de resto, jamais o catolicismo romano abrirá mãos.

Desvencilhar-se-iam eles da devoção a “Nossa Senhora”? Como? Se ela é a inspiradora do Movimento?”.

“A Virgem Santíssima quis dar-nos de presente este precioso instrumento”, escreveu sobre a origem do Cursilismo Manuel Aparici (*Boletim Oficial do Bispado de Mallorca*, 1954).

Nessas condições, durante aqueles três dias acontecem práticas de devoção a Maria, como a reza do terço do rosário, de acordo com o *Guia do Peregrino*, o manual de orações a exhibir todos os “mistérios” para serem contemplados com a repetição fastidiosa de dez Ave Marias cada um.

Após estas “contemplações” seguem-se a reza da *Salve Rainha* e da *Ladainha de “Nossa Senhora”*.

Sim, os cursilhistas, os homens engajados, os cristãos-prá-frente, os católicos do Concílio Vaticano II, os entusiastas pelos bispos reformadores das estruturas, rezam a cediça e super-herética reza, o cúmulo de todas as aberrações do Evangelho.

Transcrevê-la-ei para demonstrar até onde chega a traição a Jesus Cristo.

“Salve Rainha, Mãe de misericórdia, Vida, Doçura, Esperança nossa, salve! A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva, e a Vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses Vossos olhos misericordiosos a nós voltei. Depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do Vosso ventre, ó Clemente, ó Piedosa, ó Doce Sempre Virgem Maria! Rogai por nós, Santa Mãe de Deus; para que sejamos dignos das promessas de Cristo”.

Na parte do Guia do Peregrino reservada para as orações e devoções a Maria, se salienta em grifo esta frase: “A CRISTO POR MARIA!”, que consubstancia a doutrina da mediação universal da Virgem.

Em grifo, ainda, a exortação:

“PODE VOCÊ IMAGINAR UM FILHO QUE NÃO AME A SUA MÃE?

Ou um súdito, que não reverencie a sua rainha?

Mãe, Senhora, Rainha dos Apóstolos, eis o que é a Virgem Maria.

Você fracassa? Tropeça? Chora?

Eis aí sua Mãe.

Quer você salvar o mundo?

Não o conseguirá sem a Virgem.

Chame-A a toda hora.

Ame-a com entusiasmo.

Peça-lhe ajuda em suas aflições.

Entregue a Ela os seus problemas.

Ela é Mãe. É sua Mãe”.

“NOSSA SENHORA DO ADEUS”,

A SENHORA

CURSILHIZADA.

Ocorreu por ocasião do encerramento daquele 26º Cursilho de Cristandade um fato inusitado: a missa de 7º dia pela alma de um dirigente, cujo falecimento estarrecera o Cursilhismo da diocese.

Aglomeraram-se na pequena capela umas 300 pessoas, além das que já se encontravam lá durante o Cursilho.

Sincronizado com o catolicismo ante o pós-conciliar, o Movimento também pratica o sufrágio pelos mortos. Por isso, Alavanca 73, p. 3, ao noticiar a morte do padre Victor Assuiti, diretor espiritual do Cursilhismo de Andradina, Estado de S. Paulo, pede “a todos os irmãos preces pela sua alma”.

Naquele começo de noite,êa multidão se comprimia ao redor do altar, em cuja frente se postavam de joelhos a viúva do falecido, seus filhos e parentes outros.

O pranto da mulher excitava nova explosão de emocionalismo nos desgastados cursilhistas.

Recrudesceram as lamúrias quando o leitor leu, na oportunidade da oração dos fiéis, uns clamores dirigidos a “Nossa Senhora do Adeus”, o novo título de Maria inventado pelo Cursilhismo.

Transcreve-la-ei por havê-la encontrado no exemplar 64 da revista Alavanca:

- “Nossa Senhora do Adeus supremo! Volve teus olhos misericordiosos ao coração da esposa, que sangra lacerado.

Nossa Senhora do Adeus! Junto do beijo da paz de Cristo, põe também na frente do que partiu e dos que ficam, um beijo de paz.

Sobretudo nestes primeiros instantes.

Horas longas que parecem não passar nunca em que o pensamento e o coração choram amargamente.

Nossa Senhora do Adeus! Tu que sentiste arrancar violentamente da árvore de sua vida o ramo carregado de frutos do esposo santo.

Nossa Senhora do Adeus! Tu que viste partir para sempre de Teu lado o esposo de tantas horas de luz e de paz.

Nossa Senhora do Adeus! Tu que choraste o trágico martírio do Filho Idolatrado, derrama umas gotas de bálsamo consolador sobre esta viúva cristã - Isaura - que sofre com a alma repleta de recordações e saudades.

Isaura, eleva tuas dores como joia àquele escrínio onde o Senhor as quer colocadas, na união com os rubis do Sangue de Jesus e as pérolas das lágrimas de Maria”.

Apoderou-se daquela pequena multidão tamanha excitação que o sacerdote celebrante se viu na contingência de aguardar mais de 10 minutos até que se amainasse a crise de histerismo.

O Cursilhismo se afina muito bem com o diapasão da mariolatria e se interessa em incrementar o aparecidismo entre os jovens. A Alavanca 68 (pp. 18-19) exhibe uma reportagem estimulante de uma romaria de jovens à Aparecida do Norte, quando um deles discorreu a respeito do “papel de Maria na história divina da salvação e na vida dos jovens cristãos”.

A descrição sobre o encerramento dessa jornada mariana vale como informação por demonstrar como se encegueira a juventude: “Às 16 horas aclamações ao papa e à Virgem e a bênção final com a veneranda imagem da Senhora da Conceição Aparecida, ao som de novos cânticos em ritmo jovem, comoção em meio a abraços de despedida, encerrou-se a I PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE JOVENS À APARECIDA, sinal e esperança de tempos novos para o Brasil”.

“Curtir o Chefão”

É a consequência lógica, terrivelmente lógica!, das aberrações católicas. Se Cristo não é o Único e Todo-Suficiente Salvador pode ser tratado de qualquer jeito.

No tríduo cursilhista, todos se tratam por você. E explicam os dirigentes:

- Somos todos iguais, aqui inexistem os desnivelamentos sociais. A Cristo também se trata de você porque Ele é nosso Irmão.

- Só aos padres se chama de senhor. E ao bispo excelência.

Ora, bolas! Segundo o velho e novo catolicismo o padre não é superior a Jesus Cristo?

Dizia um clérigo naquele 26º Cursilho: “Jesus virou sabor limão para ser mais facilmente consumido mesmo fora das igrejas”.

De começo, os cursilhistas se espantavam com a maneira como os dirigentes, incluindo-se os sacerdotes, se referiam a Jesus Cristo. Estavam, porém, embasbacados, abobalhados com a sobrecarga ingente de emoções sobre emoções. E mais ainda, faltava-lhes tempo para refletir.

O coordenador, ao final do rolho sobre os DIRIGENTES, na tarde do segundo dia, no desejo de coonestar esse comportamento, solicitou uma palavra de apoio do bispo recém chegado. Ao enaltecer a maneira “jovial” e íntima de se tratar o “camaradão”, o bispo informou que os bispos cursilhistas assim também se comportam e leu em Alavanca 74, p. 1, a frase: “O bacana do cristianismo é a gente poder ser amigo de Cristo, poder chamá-lo de Pai”, frase essa de autoria do arcebispo de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, Geraldo Maia de Moraes Penido.

Depois disso, a maioria, automatizada, com certa desenvoltura, já se referia, inclusive em suas orações diante do “santíssimo” (a hóstia guardada na urna do altar) ao “Chefão”, ao “meu chapa”.

- “O JC tá na dele...”

Ao ir rezar disse um:

- “Vou curtir o chapa...”

Cigarro na boca - nem ao apresentar o seu rolho tirou-o e com a ponta de um acendia outro - cigarro na boca aquele dirigente semelhante a uma pipa - e se blasonava de poder beber uma dúzia de cervejas em seguida - aquele dirigente, impado, informava:

- “Eu falo com o JC: um papo humano, espontâneo. É um cara legal. Bacana. Ele é super-prá-frente, moral!”

Um outro proletarizou Jesus Cristo e testemunhava:

- “Quando vou bater uma caixa com o camaradão... Corta essa de escolher palavras... Ele tá na dele de santo, mas compreende a gente pacas...”

Numa visita ao “santíssimo” um dizia:

- “Você, Chefão, é bacana, bárbaro, com quem se bate um papo que não exige cuca. Você está aí curtindo a sua de amigão. Sua figura me agrada: super-prá-frente, macacão azul marinho, um par de tênis também azul nos pés. No pescoço uma corrente com uma cruz dependurada. Da sua cabeça caem os cabelos louros até os ombros. Em desalinho dizem que Você é um companheiro da gente.

“Meu chapa, fiz uma pá de descobertas e a maior de todas foi esta: amo Você. Você precisa ver a minha alegria, a minha curtição, porque

sei que Você perdoa sem a gente se arrepender e sem a gente pedir perdão...”

De fato, aquele Cristo dispensa a “cuca”. Exemplo disto está na própria frase de Moraes Penido ao chamar Jesus de Pai.

Que um Roberto Carlos, na sua música “Jesus Cristo” assim faça, vá lá. Mas um bispo que estudou (?) teologia?

O termo “Chefão”, aliás, lembra a máfia, onde “Chefão” significa uma camaradagem de indivíduos emparceirados em manobras escusas.

O Cursilhismo cursilhezou Jesus Cristo. “I love Jesus, I love Jesus, I love Jesus” é a inscrição, em listras de zebra, compondo a estamparia das calças mais descontraídas.

O Cristo cursilhizado está na moda. E não há moda mais quente nos dias atuais do que Jesus.

O Cursilhismo criou a Jesusmania!

A nova onda, a Jesusmania, aplaudida por cristãos superficiais e ingênuos.

A “viagem religiosa” para os cursilhistas se tornou num “tremendo barato”, enquanto os magnatas da sociedade de consumo, os aliados do diabo (príncipe deste mundo), os empresários cursilhizados enchem os bolsos com a incursão triunfal, desse Chefão na mesma sociedade de consumo.

Ileso por quase dois mil anos, Cristo agora está sendo triturado pelo uso cursilhista: em S. Paulo se encena a “missa leiga” com os aplausos do clero estúpido; em Osasco, interior do Estado de S. Paulo, as ruas assistem “Um Homem Chamado Jesus”; as incandescentes técnicas de Cecil B. de Mille expõe o “Jesus Cristo Super Star”, made in USA; Roberto Carlos esganiça o seu “Jesus Cristo”; o Chico massifica o seu “Menino”; em sua “Oração”, Antonio Marcos tá na dele, faturando, e o Edu Lobo engrolou um latim para que o seu Cristo cheirasse a naftalina de sacristia.

Tamanha cursilhização de Cristo que um vereador de Campina Grande, Estado da Paraíba, propôs-lhe o título de “cidadão campinense”.

Acaso esse Cristo massificado, esse Cristo cursilhizado é o Cristo do Evangelho? É o Cristo, Único e Todo-Suficiente Salvador? Acaso é o Cristo que exige do pecador arrependimento? “Metanoia?” Mudança de vida?

O Cristo cursilhizado é um Cristo massificado. É um Cristo, objeto de consumo numa desgraçada sociedade de consumo. É uma traição ao legítimo Jesus Cristo, Salvador dos homens porque por eles morreu numa cruz.

É uma traição ao Jesus Cristo másculo que exige total mudança de pontos-de-vista e, em consequência, total mudança de vida.

O Cristo cursilhizado permite que os seus cursilhistas continuem numa vida de deboche como aquele balofo comediante de TV feito tímida aeromoça, uma “norminha” sem graça, escalado ministro extraordinário da eucaristia.

O Cursilhismo trai Jesus Cristo por conspurcar-lhe o Sacrossanto Nome ao conceituá-lo no nível do deboche clerical.

.oOo.

CAPÍTULO 6

O EVANGELHO INTEGRAL

Eis a Verdade-Coração do Evangelho

O SENHOR JESUS CRISTO *“se deu a Si mesmo por nossos pecados”* (Gálatas 1:4).

“Em Quem [Jesus] temos a redenção pelo Seu Sangue, a saber, a remissão dos pecados” (Filipenses 1:14).

“O Qual [Jesus] se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos” (1 Timóteo 2:6).

“O Qual [Jesus] se deu a Si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade” (Tito 2:14).

Em Romanos 5:8, Paulo Apóstolo proclama: *“Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”*.

O próprio Cristo sublinhou: *“Eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”* (Mateus 9:13).

Jesus Cristo é o Salvador porque, pela Sua Morte, livremente por Ele aceita, mereceu a redenção em favor dos pecadores.

“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por Seu próprio Sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.

Porque se o sangue de touros e bodes, e a cinza duma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica quanto à purificação da carne, quanto mais o Sangue de Cristo, que pelo Espírito Eterno se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus Vivo?

E por isso é Mediador de um novo testamento para que, intervindo a morte para a remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hebreus 9:11-15).

O apóstolo Pedro destaca essa gloriosa verdade com as seguintes expressões: *“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados de vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes de vossos pais, mas com o precioso Sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pedro 1:18-19).*

E ainda: *“Levando Ele mesmo em Seu Corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça, e pelas Suas feridas fostes sarados” (1 Pedro 2:24).*

João, na sua Primeira Epístola, sobre o assunto se manifesta sintético e exuberante: *“E o Sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1 João 1:7b).*

Aduziríamos em quantidade textos semelhantes a esses a demonstrarem que, pela Sua Morte, livremente aceita, Jesus Cristo mereceu para o pecador a salvação eterna.

A Morte, o Sangue de Jesus efetivou a redenção *objetiva*. Em definitivo. Em plenitude!

A redenção *subjetiva*, quer dizer, a aplicação dos méritos redentivos provenientes da Morte de Cristo requer um instrumento, um veículo.

A redenção é aplicada a cada pecador individualmente mediante um instrumento.

Note-se: A redenção *objetiva* é universal, destina-se a todos. *Subjetivamente*, contudo, é aplicada a cada indivíduo em particular porque cada um em particular precisa de se apropriar dela para si.

Essa apropriação não ocorre mediante nenhum chamado sacramento. Não ocorre mediante nenhuma Igreja. Não ocorre mediante penitências. Não ocorre mediante nenhum chamado santo. Não ocorre mediante nenhum poder intercessório de Maria. Não ocorre mediante nenhuma bênção papal ou episcopal. Não ocorre mediante nenhum confessorário. Não ocorre através de nenhuma hierarquia clerical que pretende interpor-se entre o pecador e Deus.

O único instrumento requerido por Deus é a FÉ em Jesus Cristo segundo as Escrituras.

O pecador se deixa convencer pelo Espírito Santo de sua situação de pecador digno de perdição eterna, arrepende-se, e pela FÉ (CONFIANÇA) aceita Jesus como o seu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, cujo Sacrificio, de valor infinito, tem méritos para salvar quem nEle confia (Hebreus 10:10, 12, 13, 14, 17).

À farta encontram-se em o Novo Testamento textos sobre a imprescindibilidade e a exclusividade dessa FÉ, que também é dom de Deus, segundo Efésios 2:8.

“Para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”, insiste João em seu Evangelho (3:15,16).

“Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” (João 3:36).

Crer em Cristo, isto é, confiar nEle como Único e Todo-Suficiente Salvador é a condição *sine qua non* para a salvação do pecador.

Ao carcereiro de Filipos quando clamava: *“Senhores, que é necessário que eu faça para que seja salvo”*, Paulo e Silas responderam: *“Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”* (Atos 16:30-31).

Paulo Apóstolo consubstancia a VERDADE DO EVANGELHO nas seguintes palavras: *“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Cristo Jesus, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada”* (Gálatas 2:16).

É este, e exclusivamente este, o Plano da Salvação estabelecido por Deus em Jesus Cristo em benefício do pecador.

Fora deste Plano Salvífico o pecador se destina irreversivelmente ao inferno.

Em primeiro lugar, por conseguinte, o Evangelho é vertical, de vez que o objetivo primacial da salvação do pecador é a GLÓRIA DE DEUS.

Cristo jamais se propôs como Reformador de Estruturas Econômico-Sociais

Horizontalizar o Evangelho é traí-lo! Esse evangelho deixa de ser Evangelho.

Jamais Cristo pretendeu ser o reformador de estruturas sócio-econômicas.

De certa feita, *“disse-lhe um da multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas Ele lhe disse: Homem, quem Me pôs a Mim por juiz ou repartidor entre vós”* (Lucas 12:13-14).

Deus disse àquele cidadão cuidadoso dos seus bens materiais e dos seus celeiros: *“Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?”* (Lucas 12:20).

Diante do proconsul romano, Jesus Cristo proclamou: *“O Meu Reino não é deste mundo”* (João 18:36).

E em Mateus 16:26, pergunta: *“Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?”*.

Este mundo é transitório e seus bens enferrujam e as traças os roem. A nossa pátria está nos céus (Filipenses 3:20).

Em Seu tempo, Roma imperialista escravizava o seu povo. Exigiram de Jesus pagasse imposto. Como testemunho, manda Pedro retirar de um peixe um estáter e cumpre Seu dever de cidadão (Mateus 17:27). Não se rebelou contra as estruturas imperialistas de Roma.

No Sermão da Montanha, a carta magna do Seu Cristianismo - não do cristianismo horizontal, não do cristianismo comprometido com regimes políticos - no Sermão da Montanha, Jesus Cristo apresentou uma lição que só poderia partir dEle: *“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.*

Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido?

Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; o vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?

E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

E, quanto ao vestido, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como crescem: não trabalham nem fiam;

E Eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?

(Porque todas estas coisas os gentios procuram). De certo, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas.

Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal”.

Deus, ao longo da História, sempre cuidou dos Seus servos. Ao profeta Elias, entregue ao cumprimento de Sua Vontade e, por isso, renunciara tudo, jamais faltou alimento, do qual se beneficiou também a viúva de Sarepta.

O profeta-rei, Davi, testemunhava: *“Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão”* (Salmos 37:25).

Jesus aos Seus discípulos promete sofrimentos como condição de encontrarem a vida: *“Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-Me; porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de Mim, achá-la-á”* (Mateus 16:24-25).

Cristo Jesus, definitivamente, jamais pretendeu levantar a bandeira de reivindicações sociais ou de reforma de estruturas. Alheia à Sua missão o se imiscuir nesses problemas.

Os bens espirituais se sobrepõem aos materiais. Subverter esta ordem é pretender inutilizar o Evangelho. *“Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?”* (Mateus 16:26).

Desvinculado de todo e qualquer comunitarismo, Ele beneficiou a muitos individualmente. Desses gestos de bondade, porém, sempre extraiu ensinamentos de dimensões espirituais. Ao curar dores físicas ansiava salvar as almas.

De certa feita, contudo, teve uma experiência para nós desapontadora a sugerir-nos uma esplêndida lição.

Prodigiosamente multiplicou pães para saciar a fome de enorme multidão (João 6:1-13). Quiseram aclamá-lo rei, pois neste posto de mando, solucionaria todos os problemas sócio-econômicos do povo. Ele Se retirou! (João 6:15).

Ao reencontrá-lo a multidão, aproveitou-se do ambiente propiciado pelo espetacular prodígio e lhe apresentou a mensagem de vida eterna: *“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque a Este, o Pai, Deus, O selou”* (João 6:27). *“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna”* (João 6:47). Ao se comparar ao pão, comê-lo significa crer nEle porque Suas palavras *“são espírito e vida”* (João 6:63).

E João com acentos pungentes informa: *“Desde então muitos dos Seus discípulos tomaram-se para trás, e já não andavam com Ele”* (João 6:66).

É a velha história a se repetir!

Durante a jornada do povo hebreu ao se dirigir para Canaã, Deus decidiu resolver-lhe o angustiante problema econômico sumamente grave naqueles desertos causticados. Fazia cair cada manhã o maná, o pão do céu.

Pois bem. O povo se revoltou por se enfastiar do alimento. *“A nossa alma tem fastio desse pão vil”* (Números 21:5).

O mundo, em sentido coletivo, nunca melhorará. Quanto mais a humanidade caminha História em fora, mais iníqua se torna. Quanto mais progride material e tecnicamente, mais regride moralmente.

Constata-se essa desgraça com muita facilidade. Compulse-se um compêndio de História!

A História se desenrola no sentido escatológico. E na sua culminância, *“se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares”* (Mateus 24:7). Recrudescer-se-ão os problemas sociais com as lutas entre os homens porque *“muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão”* (Mateus 24:10).

A Horizontalidade do Evangelho

O Evangelho de Cristo se fundamenta no verticalismo significado na haste vertical da Cruz. E se apresenta horizontal porque a Cruz de Cristo tem seus braços abertos.

Jesus revelou o aspecto horizontal do Seu Evangelho quando proclamou: *“O Meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei”* (João 15:12).

Se efetivou sua missão redentora com amor e, se Ele próprio é Deus-Amor Encarnado, manda aos Seus seguidores imitá-LO.

A grande evidência de que o pecador está salvo é o amor. *“Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte”* (I João 3:14).

Do amor aos irmãos não procede a salvação do pecador. É o contrário! A salvação procede exclusivamente de Jesus Cristo. Quem O aceita e por Ele é salvo torna-se capacitado para amar.

Quem não é salvo por Jesus e da salvação não tem plena convicção, está incapacitado de amar.

Poderá distribuir sua fortuna para sustento dos pobres e não amar.

Poderá entregar-se às labaredas de fogo para ser queimado e não amar. (I Coríntios 13:3).

Por quê?

Porque só tem a capacidade de amar o salvo por Jesus Cristo, o crente nEle. Zaqueu nos oferece exemplo (Lucas 19:8).

O exemplo do carcereiro de Filipos é mais frisante (Atos 16:33-34).

Tudo isto: Cristo Encarnado por nós homens e para a nossa salvação morto na cruz, o pecador a aceitá-LO pela fé-confiança como o seu Único e Todo-Suficiente Salvador, o crente nEle cuidando em primeiro lugar do Reino de Deus na convicção plena de que as coisas materiais sobrevirão, o crente nEle a amar o seu irmão como Ele nos amou, tudo isto é o Evangelho Integral.

Se se tirar apenas uma dessas proposições, mutila-se o Evangelho. E o Evangelho deixa de ser Evangelho.

A haste horizontal da Cruz somente subsiste na haste vertical.

Da verticalidade do Evangelho é que procede a sua horizontalidade. Desverticalizá-lo é deshorizontalizá-lo.

Como operar reformas das “Estruturas”

Jesus, aliás, nunca mandou reformar estruturas e pregar teologias de libertação sócio-econômica.

Naqueles ominosos tempos de escravidão, os ministros da Palavra de Jesus jamais combateram as estruturas vigentes, jamais afrontaram as autoridades constituídas por cometerem ou permitirem injustiças sociais. Foram, sim, perseguidos e torturados em conseqüência de sua pregação do Evangelho que agredia a idolatria.

Aos romanos, Paulo Apóstolo recomendava: *“Portanto é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos: porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor, a quem honra, honra”* (Romanos 13:5-7).

Note-se recair a autoridade romana, naqueles tempos, em homens truculentos como Nero, símbolo permanente da ferocidade humana.

Escravos se convertiam a Jesus Cristo e nunca foram citados à rebeldia contra os seus senhores.

Convertera-se o trãnsfuga Onésimo, escravo de Filemom. Preso em Roma, Paulo, se ressentido, teria deblaterado contra as estruturas imperialistas e desumanas de Roma. Ao invés disso, escreve ao crente Filemom recomendando-lhe aceitar Onésimo e reintegrá-lo em sua servidão (Filemom 17).

Em sua Primeira Epístola a Timóteo, na época instalado em Éfeso, na Ásia Menor, recomendava Paulo: *“Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de honra, para que o Nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados. E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos, antes os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados. Isto ensina e exorta”* (6:1-2).

A escravidão é uma injustiça. No Império Romano, porém, integrava-se em sua estrutura social. Se o Reino de Cristo não é deste mundo, descomprometidos estão os Seus discípulos de reformá-las envolvendo-se em lutas e se rebelando em arruaças.

Aliás, todas as experiências de mudanças de estruturas sócio-econômicas redundaram em fracasso. Se a escravidão nos moldes

antigos se extinguiu, reapareceu mais sórdida, mais degradante nesta segunda metade do século XX, sobretudo nos lugares onde se desfraldam as bandeiras reivindicatórias econômico-sociais.

A estrutura social se lastreia no Homem. Se este for corrompido, aquela também o será. Se este for justo, aquela também o será. Se este se levar pelo ódio, naquela faltará paz.

As estruturas sociais não se transformam com manifestos, com arruaças, com espoliações, com “grupos de pressão”, com conferências episcopais, com movimentos políticos, com a violência.

Transformar-se-ão quando o Homem, a sua base, o seu lastro, o seu componente, se transformar.

Mudar-se-ão quando o Homem se mudar.

Zaqueu (Lucas 19:1-10), como homem, integrava uma estrutura social imperialista e injusta. Publicano, acumulara uma riqueza ilícita. Reformado, Zaqueu, melhor ainda, regenerado!, escapou ele daquela situação de injustiça, embora outros prosseguissem integrados nela. Se cada homem individualmente se deixasse regenerar por Jesus Cristo, as estruturas sociais se transformariam para melhor.

Falha o coletivismo. Falha o comunitarismo. Falha o humanismo antropocêntrico, pois quer exaltar o homem-exterior, o sub-homem, o homem em processo regressivo de deshumanização.

O homem nasce indivíduo e forma-se pessoa para viver em sociedade.

O coletivismo, o humanismo socialista, o comunitarismo massifica-o.

Massificado, deixa-se tanger pelos instintos. E na atual civilização técnica torna-se instrumento das massas sujeitas às leis, quase físicas, da mecânica e da dinâmica social, preparada para fazer monstros coletivos.

O Homem forma-se pessoa, quer dizer, evolui para ser realmente humano pelo seu desenvolvimento como consciência e como liberdade. Ser quase indefinidamente moldável, o Homem só se erguerá Homem, na e para a “humanitas”, se as suas capacidades de conhecimento e decisão, de autodeterminação, de escolha, de responsabilidade, forem tomadas a sério. E isto só a VERDADE DO EVANGELHO de Jesus Cristo pode fazer!

.oOo.

CAPÍTULO 7

TRAIÇÃO À VERDADE DO EVANGELHO

Palavras bíblicas com sentido alterado

A TERMINOLOGIA CATÓLICA, em parte, confere com a nomenclatura bíblica. Ocorrem, porém, muitos inclinadíssimos deslizes semânticos.

A teologia católica se especializou em usar palavras da Bíblia com sentido inteiramente diverso. Assim, o nome Jesus Cristo, segundo as Escrituras é o **TODO-SUFICIENTE SALVADOR**. Segundo aquela teologia, contudo, Jesus Cristo, precisa de uma co-redentora, de uma advogada, de uma medianeira, até do concurso das obras do pecador para salvá-lo.

O vocábulo **dízimo**, segundo as Escrituras, tem um sentido, mas na pastoral romana o sentido é outro. Semelhante anomalia acontece com os termos **diácono**, **bispo**, **presbítero**, **oração**, **igreja**, etc.

Para a missa, **ilógica** à luz da Bíblia e da própria razão, os padres hoje reservam a expressão **Ceia do Senhor** ou **Santa Ceia**.

O desejo deles, ao assim fazerem, é confundir o povo para dificultar a compreensão da Verdade do Evangelho.

Contra a Verdade do Evangelho armam as piores artimanhas.

O vocábulo **EVANGELHO** encerra, bíblicamente, uma mensagem sobrenatural, conforme analisamos no capítulo anterior: é a Boa Nova, a Grande Novidade, de que Cristo, o Verbo de Deus, se encarnou para, na Cruz do Calvário, com Sua Morte, livremente aceita, merecer em benefício do pecador a salvação **ESPIRITUAL** eterna, a este aplicada subjetivamente, quando, arrependido, pela **FÉ (CONFIANÇA)**, O aceita como **ÚNICO** e **TODO-SUFICIENTE SALVADOR**.

O catolicismo surgiu da corrupção da Verdade do Evangelho. Deparamo-nos com suas origens nos tempos apostólicos (Atos 15:1, 5) tenazmente combatidas por Paulo Apóstolo como se verifica em Gálatas e Romanos. Os legalistas ou judaizantes ao requererem a prática de obras, além da **FÉ** em Jesus Cristo para a salvação do pecador, lançaram a base fundamental do catolicismo.

Já nos tempos apostólicos o vocábulo **Evangelho** passou a ser usado pelo antievangelho. O mesmo nome a designar um grave erro, um desvio, o oposto à Verdade do Evangelho.

Ao Evangelho, na sucessão da história do catolicismo, foram se acrescentando tantos absurdos.

Em nome do Evangelho se ensina o utópico purgatório.

Em nome do Evangelho se divulga a pretensa necessidade da devoção a Maria, a suposta co-redentora, medianeira, advogada, mãe de misericórdia, rainha.

Em nome do Evangelho se montou uma nababesca hierarquia clerical.

Em nome do Evangelho se estruturou um imenso império capitalista cuja sede se instalou no Vaticano.

Em nome do Evangelho se corrompeu a Verdade do Evangelho...

O evangelho pós-conciliar é alienante

No contexto da pós-conciliar pastoral católica, porém, o vocábulo Evangelho passou a significar também engajamento na arrancada pró reformas sócio-econômicas sob orientação socializante. Pretende essa pastoral tirar da cruz o seu sentido vertical, sobrenatural, embora, no intento de coonestar sua fachada de religião, a ele se refira. Apresenta-se o Evangelho desvinculado do sobrenatural sob uma exegese humanista, esquerdista.

Os marxistas acusam o Evangelho de alienar os homens das realidades sociais e econômicas e anunciam um humanismo a exaltar o homem-matéria, o sub-homem.

A hierarquia clerical endossa a investida marxista e se atrela à sua tarefa de deshumanizar o Homem.

O “homem novo” do humanismo católico-marxista se tornou em uma categoria sócio-econômica.

Os hierofantes romanos, sem a visão do Evangelho, desvirtuaram o “homem novo” do conceito paulino, revestido da sobrenatural novidade dada por Cristo. Sem o prisma da eternidade circunscrevem aos acanhados limites terrenos a vocação do Homem, que, segundo a Verdade do Evangelho, é eterna.

Na conformidade com essa filosofia antropocêntrica de vida, o cristianismo se resume a uma doutrina reivindicatória e revolucionária equiparável a tantas outras teorias filantrópicas e humanistas, cujo essencial é servir ao próximo, ao progresso da civilização humana. Nesse caso o aspecto da fé é considerado secundário, tendendo a reduzir a atitude religiosa a uma generosidade humana.

Postergam eles o mandamento de Jesus: *“Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”* (Mateus 6:33).

O Reino de Deus, que não é deste mundo (João 18:36), deste mundo cujo príncipe é o diabo (João 16:11).

Já se vê ser o verdadeiro humanismo o ensinado por Jesus. A Verdade do Evangelho consubstancia o legítimo e genuíno humanismo a dignificar o Homem e a elevá-lo ao ápice de sua realização exuberantemente plena em Jesus Cristo.

Ao invés, o humanismo comuno-católico aliena o Homem de sua vocação. Aliena-o de sua verdadeira realização. Esquecem-se ser ele espírito imortal, cuja felicidade se concretiza plenamente com a visão eterna de Deus.

Senhores predicantes do humanismo comuno-católico, a sua filosofia antropocêntrica desumaniza e deshominiza o Homem por limitá-lo ao mundo material e por reduzi-lo à precariedade de uns punhados de anos de existência.

No primeiro rolho do segundo dia do 26 Cursilho daquela diocese apresentou-se o tema: ESTUDO.

Deblaterou o rolhista o fato de não se conhecer devidamente a Deus de Quem, por isso, “temos critérios errados”.

- Para conhecê-lo precisamos ouvi-lo.
- E onde nos fala?
- Na Sagrada Escritura.
- Na Igreja.
- Na História.

Recomendou lessem os cursilhistas a Bíblia. Mas, lá naquele Cursilho ninguém a possuía. Nem mesmo os sacerdotes. Nem mesmo o bispo presente naquele segundo dia.

Deteve-se o preletor a falar sobre a Igreja onde Deus nos fala.

Embora lutem os líderes leigos por desvincular a “Igreja” da Hierarquia e insistam ser todo o povo de Deus a Igreja, jamais escaparão de identificá-la com a Hierarquia, porquanto nesta aquela se estrutura.

O preletor passou a repetir a frase tantas vezes repisada na tarde anterior: “IGREJA É A CONSCIÊNCIA DO MUNDO”.

Aliás, em sua metodologia característica, vale-se o Cursilho da insistente repetição de certas frases-chaves como essa.

- Pois bem. “A IGREJA, CONSCIÊNCIA DO MUNDO” é “dirigida por uma Hierarquia (o Papa e os Bispos em comunhão com ele) que Cristo constituiu. Ela (a Hierarquia) nos esclarece o sentido e a necessidade do povo através dos seus escritos. Assim ela (a Hierarquia) efetiva o seu magistério, a sua incumbência de ensinar. E nesses documentos encontramos o estilo de viver a mensagem do Evangelho nos nossos tempos”.

O 28º cursilista levantou uma questão quanto à Bíblia. Qual seria a atualidade da mensagem pura da Bíblia? De sua mensagem isenta da interpretação do magistério eclesiástico?

Um pouco perturbado com a intervenção, o rolhista, despregando os olhos das laudas datilografadas, elucidou:

- A Bíblia por haver sido escrita há longos séculos, num contexto social em extremo diverso do nosso, está superada. Recomenda-se sua leitura por nela se encontrarem muitos exemplos de desprendimento e de renúncia pessoal, como também de dedicação ao próximo. Mas, nunca poderemos encontrar nela a solução para os nossos atuais problemas.

- O magistério eclesiástico, auscultando o contexto de cada época, sim, se capacita para revelar a verdadeira vontade de Deus”.

Para o humanismo católico a grande regra referencial não é a Bíblia mas é o “contexto”, em cuja auscultação se encontram as diretrizes.

A revista Alavanca 65, p. 30, demonstra qual a conta em que é tida para o cursilho a Bíblia ao afirmar ser ela um “bicho de sete cabeças”.

Nessa conformidade, pois, mister se torna examinar e estudar os documentos emanados da hierarquia: as encíclicas dos papas e as declarações dos bispos, sobretudo, quando em colegialidade.

Com um aparte informou, neste íterim o coordenador, encontrarem-se na casa exemplares das encíclicas sociais (“*Mater et Magistra*”, “*Populorum Progressio*”, “*Pacem in Terris*”) e a declaração de Medellin (do CELAM de Bogotá).

Após alongar-se ainda em considerações sobre o assunto ESTUDO dos documentos do magistério eclesiástico, o predicante leigo passou a discorrer a respeito dos “sinais dos tempos”, através dos quais Deus também nos fala.

E eis outra traição ao Evangelho!

Os “Sinais dos Tempos” em direção à Escatologia

Se a mensagem salvífica se espraia por toda a Bíblia, em suas páginas, a revelação escatológica também se distingue sobremodo.

Ezequiel e Daniel, no Antigo Testamento, se sobressaem como profetas escatológicos: Pré-anunciam com vivacidade as “últimas coisas”. Em I Coríntios 15 e nas suas duas Epístolas aos Tessalonicenses, o Apóstolo sublinha com cores vivas a revelação escatológica. A inefável esperança dos crentes está na próxima vinda de Jesus Cristo, quando arrebatará a Sua Igreja.

MARANATA! Vem, Senhor! Vem, Senhor! É a expressão de sua esperança da parusia.

E essa esperança se reaviva e se anima diante da maturação dos tempos cujos sinais cumpridos demonstram mais e mais a proximidade dessa vinda.

Encontramos, então, nas Sagradas Escrituras a relação dos sinais, em grande parte terríveis.

Todos os relacionados com o mundo, cujo príncipe é o diabo (João 16:11), são tremendos. A sua maturação ocorre com grandes sofrimentos da humanidade entregue à extrema corrupção.

A Jesus indagaram os discípulos: *“Dize-nos quando serão estas coisas, e que sinal haverá da Ta vinda e do fim do mundo?”* (Mateus 24:3).

À pergunta escatológica, o Mestre enfileirou os sinais: apostasia, guerras, fomes, conturbações cósmicas e sociais, perseguições aos crentes, multiplicação da iniquidade, abominação,...

Os horrorosos “sinais dos tempos” na culminância da História comprovarão a falência do progresso científico, social e econômico do humanismo antropocêntrico. E isto não surpreende os conhecedores do Evangelho.

Jesus, após haver descrito os “sinais”, advertiu: *“Aprendei, pois, esta parábola da figueira: quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando verdes todas estas coisas, sabeis que Ele está próximo, às portas”* (Mateus 24:32-33).

O Cursilhismo, na trilha do humanismo marxista, falsifica também este aspecto do Evangelho.

O cursilhismo em órbita do “compromisso temporal”

Na tarde do segundo dia do 26º Cursilho mencionado, tratou-se do tema: AÇÃO.

O preletor, um indivíduo elétrico, pelo seu temperamento irrequieto, bem talhado para tratar do assunto, afirmou se restringir à hierarquia a “confecção” dos sacramentos, a direção espiritual das almas, a elaboração dos ensinamentos, havendo auscultado os “sinais dos tempos”.

Cabe ao leigo, isto é, aos não-participantes da hierarquia, aos que não receberam o sacramento da ordem, a tarefa de executar as diretrizes sociais. O “temporal” é o campo específico da atuação dos leigos.

- A IGREJA É A CONSCIÊNCIA DO MUNDO!

- A hierarquia ausculta os “sinais dos tempos”. Estabelece diretrizes. Os leigos executam no “temporal” essas diretrizes sócio-econômicas.

De acordo com todos os Encontros Latino Americanos do Cursilho, o rolhista elétrico insistiu na idéia-força do Movimento: “Compromisso Temporal”.

O Cursilhismo destoa do Evangelho porque este estabelece o plano de Deus para a salvação espiritual e eterna do Homem, que é pela FÉ em Jesus Cristo, Único e Todo-Suficiente Salvador.

Com o sumo desejo de enfatizar diante dos 42 cursilhistas embasbacados, passivamente receptivos, a ideia-fôrça do Movimento (“compromisso temporal”), o predicante elétrico leu o seguinte tópico do I Encontro Latino Americano:

- O movimento está perfeitamente consciente de se achar inserido numa realidade concreta e específica de Igreja e mundo e está, portanto, comprometido...

E do III Encontro acontecido em maio de 1972, em Itaicí, interior do Estado de S. Paulo, leu:

- A ideia de encarnação levou a do compromisso temporal.

Deste III Encontro leu, e se estendeu em considerações, os seguintes tópicos:

- O compromisso do leigo é tornar presente e dar visibilidade e realidade salvadora à Igreja, em forma secular, temporal, em cada momento da história e em cada ambiente.

- A salvação que se oferece no Cursilho não é espiritualista, mas é uma salvação real, integral: tu e a tua situação.

E elucidou o REAL como MATERIAL.

Por isso, leu ainda:

- Salvar o homem significa salvá-lo com toda a sua situação humana, mundana e temporal...

- Por isso a Igreja tem que apresentar um Cristo realmente comprometido com o homem e sua situação concreta.

- A Igreja que se apresenta nos Cursilhos é uma Igreja vivida e crida, e para cuja aceitação e vivência se pede ao cursilhista que rompa com todas as amarras, como falsa riqueza, fique na pobreza de verdade, e assuma uma atitude de fé e amor.

- Os Cursilhos têm como fim imediato a conversão que nos dá homens novos capazes de comprometer-se depois na criação de mundo novo.

O Cursilhismo é, pois, opção política. Práxis política!

A sua orientação socializante move os cursilhistas a se converterem em católicos de vanguarda militante em prol do “progressismo” político social.

Nessa linha o rolhista da AÇÃO leu análise sobre “O LAICATO CATÓLICO” quando o III Encontro expôs sob a epígrafe: “LINHAS TEOLÓGICAS”, a “MISSÃO ECLESIAL DO LEIGO”.

Comentou os vários itens desse arrazoado: abertos ao mundo, imersos nas realidades temporais, sinais de libertação salvadora, abertos aos sinais dos tempos...

Como “Grupos de Pressão” os Cursilhos se dispõem a sujar as mãos...

Em seguida se deteve o rolhista elétrico a considerar os “diversos modos de realizar esta missão eclesial do leigo”, quando destacou a sua “colaboração com os homens de boa vontade”.

- A fé no Deus da Criação, no Deus que atua nas realidades humanas rumo às mesmas metas do Deus da Revelação, exige dos cristãos romper com toda a ideia de gueto e associar seus esforços aos homens movidos pela boa vontade e pelas aspirações a um mundo melhor.

- Este aspecto de nossa colaboração exige dos leigos uma mudança para uma mentalidade verdadeiramente nova:

devem sentir-se verdadeiramente responsáveis de uma tarefa a ser realizada em comum;

devem ver no mundo parte do seu próprio ser cristão, e não um inimigo;

devem estender uma mão fraterna a todos os que pretendem realizar um mundo mais humano e, por isso mesmo, mais divino.

“EM POLÍTICA JÁ NÃO ENSINAMOS MAIS QUE O COMUNISMO É MAU”, em tom patético bradou o preletor.

Reportando-se ao padre José Comblin, afirmou terem os Cursilhos condições de suscitar vocações políticas verdadeiras que se reúnem em grupos decididos a transformar as estruturas, fazendo inclusive alianças, entrando em compromissos e sujando as mãos com alianças sujas.

O recrutamento dos candidatos aos Cursilhos, de resto, se faz seguindo determinados critérios, dentre os quais, e justamente para atender os propósitos do Movimento expressos pelo clérigo Comblin, o Encontro de Bogotá destaca: “Os candidatos devem ser pessoas maduras, com capacidade de compromisso, com inquietação social e capacidade de formar comunidade”.

Enalteceu o rolhista o empenho do padre Agustin Augüstonovich, escritor de vários livros sobre e para os Cursilhos. E do seu livro: “Vivência de la Iglesia Comunidad”, leu:

“BEM-VINDO O DIÁLOGO COM OS MARXISTAS E COM OS ATEUS, PORÉM, COM A CONDIÇÃO DE QUE NÃO SE CONVERTA EM SIMPLES SINCRETISMO”.

Segundo o preletor, Augüstonovich, em seu livro, supõe que o simples sincretismo se frustra diante das atuais divergências entre o catolicismo e o marxismo. O verdadeiro diálogo deve se encaminhar no sentido da superação dessas divergências numa grande síntese superior.

Referindo-se ainda à obra de Augüstonovich, o predicante cursilista enalteceu a colaboração do clero na instalação do regime comunista no Chile como uma experiência válida e digna de ser repetida em todos os países latino-americanos.

Desde que o Cursilho não se restringe ao tríduo cursilista, mas é um MOVIMENTO, a hierarquia quer transformá-lo num instrumento de subversão social e política debaixo do seu aspecto religioso enfeitado com a terminologia evangélica.

Fé repensada

Na velha mania de lançar mão dos vocábulos bíblicos para impingir erros e heresias, o rolhista encerrou sua dissertação falando sobre a FÊ REPENSADA.

Invocou o documento do “Encontro Latino Americano de Cristãos para o Socialismo” celebrado no Chile em fins de abril de 1972:

“A fé é um compromisso revolucionário”!

Eis outro aspecto da traição à Verdade do Evangelho!

“A fé cristã se converte em fermento revolucionário, crítico e dinâmico. A fé agrava a exigência de que a luta de classes se encaminhe, decididamente, à libertação de todos os homens, em particular daqueles que sofrem as formas mais agudas de opressão; e acentua a orientação em direção a uma transformação global da sociedade e não apenas das estruturas econômicas. A fé oferece assim sua contribuição, nos e através dos cristãos comprometidos, à construção de uma sociedade qualitativamente distinta e ao surgimento do homem novo... O que sucede é que no curso de sua experiência revolucionária a fé se revela como criadora de novas contribuições que ninguém poderia prever estando fora do processo.

“O contexto real da vivência de fé é hoje a história da opressão e da luta libertadora contra ela. Mas para situar-se neste contexto vital é necessária a participação efetiva no processo de libertação mediante a incorporação em organizações e partidos que sejam autênticos instrumentos de luta da classe trabalhadora”.

Quais autômatos, com acenos de cabeça, alguns cursilhistas anuíam aos comentários feitos em digressão pelo rolhista, enquanto outros o olhavam cheios de surpresa.

Ao encerrar o seu rolho sobre a AÇÃO, o preletor elétrico fez suas as conclusões e o apelo do Encontro Latino Americano de Cristãos para o Socialismo:

“Ao separar-nos deste encontro regressemos às nossas tarefas com um renovado espírito de compromisso e façamos nossas as conhecidas palavras de Che Guevara que nestes dias de algum modo pusemos em prática.

“Os cristãos devem optar definitivamente pela revolução e muito especialmente em nosso Continente, onde é tão importante a fé cristã na massa popular; mas os cristãos não podem pretender, na luta revolucionária, impor seus próprias dogmas, nem fazer proselitismo para suas Igrejas; devem chegar sem a pretensão de evangelizar os marxistas e sem a covardia de ocultar sua fé para assemelhar-se a eles.

“Quando os cristãos se atreverem a dar um testemunho revolucionário integral, a revolução latino-americana será invencível, uma vez que até agora os cristãos permitiram que sua doutrina fosse instrumentalizada pelos reacionários”.

Sendo do catolicismo romano o Cursilhismo é traição à Verdade do Evangelho por falsificá-lo ao aceitar o clericalismo, a idolatria, o sacramentalismo. Também é traidor da Verdade do Evangelho por aplicar este Nome Bendito à aventura socialista.

.oOo.

CAPÍTULO 8

TRAIÇÃO À AMÉRICA LATINA

A bomba mais bomba

CONHECEM-SE MUITAS BOMBAS. As de comemorações populares como o rojão, o busca-pé... A dinamite para rebentar pedras. Quando um aluno repete o ano escolar, diz-se haver “levado bomba”. Quando uma coisa desagrada é classificada como bomba. E bomba é também uma guloseima.

A civilização técnica inventou a bomba atômica. Poderosíssima.

Já há a bomba de hidrogênio. Superpotentíssima.

O progresso técnico vai classificando as bombas em ordem alfabética: A, B, C, F, M. Supõe-se frustrar-se antes de concluir o alfabeto, porquanto, com as já descobertas, tem-se o suficiente para derreter, pulverizar, reduzir ao nada a terra.

A hierarquia clerical, todavia, tem o seu KGB nos moldes da soviética Comissão para Segurança do Estado, a produzir a BOMBA MAIS BOMBA.

Bomba muito mais poderosa do que atômica. Mais desagregadora, mais desintegradora do que a de hidrogênio.

É a BOMBA D, cujos efeitos deletérios se manifestam em dois aspectos: desinformação e decomposição. Ambos servem perfeitamente aos objetivos de mandonismo dos hierofantes católicos.

A DESINFORMAÇÃO consiste em espalhar meias-verdades e mentiras. Mentindo constantemente, supõem, algo sobreviverá à mentira.

O povo está enganado pelo tartufismo farisaico do clero à cata de posições espetaculosas no poder dominador, conseguidas à custa de ludibriar as massas com a demagogia dos manifestos retumbantes de palavras e vazios de sinceridade. Sua pregação bombástica de caráter social serve apenas de velário a esconder sua ganância de domínio escravocrata.

No terreno religioso o mesmo acontece. O máximo objetivo do Concílio Ecumênico Vaticano II foi lançar em larga escala a BOMBA D, a bomba da desinformação.

E os menos avisados foram na onda das reformas operadas no seio daquela dogmática.

Esses mesmos ingênuos, embasbacados diante das reformas conciliares (?) veem no tríduo cursilista a pregação em doses maciças do Evangelho genuíno e supõem acontecer lá dentro verdadeiras conversões na conformidade com as exigências de Cristo.

A BOMBA D tem produzido tantos e tamanhos rombos na opinião pública evangélica e protestante que os aplausos ao movimento ecumenista assustam o próprio papa.

A DECOMPOSIÇÃO, a outra finalidade da BOMBA D, consiste em proclamar o declínio e a inviabilidade da democracia, dissolvendo a confiança em suas instituições e nos seus métodos. É de se notar que a propaganda do socialismo católico pós-Concílio Vaticano II, se tem feito muito menos pela exaltação de suas virtudes do que pela destruição preliminar das estruturas existentes.

Nesse sentido, os hierarcas rejeitam polemizar sobre suas doutrinas religiosas. Reconhecem ser a polêmica um excelente método para desmascará-las. E isto não lhes interessa.

Hipócritas, os hierofantes episcopais se vêem muitas vezes coagidos a revelar sua incompetência, mas nem por isso deixam de sugerir reformas sociais e agitar as massas com as bandeiras socialistas.

A estrutura da hierarquia clerical repele a democracia

A BOMBA D, a bomba da desinformação e da decomposição, provoca estragos medonhos na sociedade em proveito altamente compensador da hierarquia eclesiástica.

O lançamento da BOMBA D requer habilidades especiais.

Em suas tramas, por isso, a hierarquia clerical romanista se assemelha com um time de futebol bem engrenado. Os aficionados dessa modalidade desportiva sabem ter cada um dos onze jogadores tarefa específica em sua área de atuação, não se enclausurando, todavia, no isolacionismo, mas tentando sintonizar-se harmonicamente no conjunto. E, de acordo com as circunstâncias reveladoras, se dos pontos fracos do adversário, o time adota as suas táticas de ataque, ou se de vigor, medidas de defesa.

Por excelentes que sejam os atletas, um quadro de futebol nunca pode prescindir do “conjunto”. E deve haver tal entendimento que cada jogador deve renunciar a sua vaidade pessoal a fim de “alimentar” o companheiro postado em situação de melhor aproveitar as fraquezas do adversário. Uma das táticas empregadas, por exemplo, é a de abrir o jogo para as extremas, cujos responsáveis, se velozes, muito produzem pondo a zaga oposta em polvorosa.

Nenhum time de futebol poderá prever vitória se não se mantiver perfeitamente sincronizado sob as orientações do seu técnico, o qual, logicamente, deve entender do assunto para adotar a maleabilidade tática mediante as circunstâncias surgidas.

No esquadrão: Hierarquia Futebol Clube, o papa ocupa o lugar de árbitro, técnico e guardião ao mesmo tempo. É esta a única especialidade a tomá-lo diferente dos demais times, além do uniforme, que é a saia. Quando lhe convém investir pela extrema-direita (o nazi-socialismo), ele o faz. Quando a situação favorece explorar a extrema-esquerda, como hoje, suas incursões se derivam para esta posição.

A hierarquia clerical abomina a Democracia. Sua estrutura sobrevive nos moldes totalitários. Imperialista que é (sua procedência jurídica e histórica é o Império Romano) sempre se sincronizou com os regimes totalitários. Basta examinar-lhe o passado!

Na Idade Média havia Democracia?

Não! É porque o clero tudo enfeixava em suas férreas mãos.

Na primeira metade deste século (é da História dos nossos dias!) a hierarquia clerical promoveu, insuflou, sustentou o totalitarismo da direita. Provam-no, além de múltiplos fatos, a Concordata de Latrão, celebrada em 11 de fevereiro de 1929, entre Pio XI e Benito Mussolini; e a Concordata com o Reich, em 20 de julho de 1933, firmada entre o Vaticano e Adolph Hitler.

No capítulo IV do livro “PODER-SE-Á CONFIAR NOS PADRES?”, de minha autoria, esse assunto é longamente examinado e à luz de documentos irrefutáveis e fatos incontestáveis.

A vitória da Democracia, em 1945, esconjurou a ameaça do Totalitarismo Nazi-Fascista e levou ao Vaticano o amargor da derrota e da frustração dos seus intentos ditatoriais.

Dizem os clérigos ser Roma eterna. Por isso, com paciência, aguarda novas oportunidades.

A América Latina na mira clerical

A “Igreja” malogrou na Europa, onde as classes sociais adiantadas nem lhe dão atenção e antecipadamente lhe negam apoio às doutrinas. No capítulo 2 do meu livro acima referido, estudamos este assunto.

O surto desenvolvimentista do Continente Latino Americano chamou a atenção da hierarquia clerical.

Os bispos deste Continente contam ter, dentro de 30 anos, a América Latina (hoje com um terço) a metade de todos os católicos do mundo. O Imperialismo católico romano para sobreviver precisa depender desta parte do mundo. Suas esperanças, pois, aqui residem.

Intempestivo seria pretender desenterrar o Nazi-Fascismo.

Se o da direita é impossível, embandeire-se o totalitarismo da esquerda. Nesta veem os bispos as forças políticas depositárias do futuro.

Eis a razão última da guinada católica para a esquerda.

As badaladas encíclicas sociais *Mater et Magistra*, *Pacem in Terris*, *Populorum Progressio* se caracterizam pela indefinição.

Propositadamente são imprecisas a fim de servirem de instrumento subversivo da ordem econômica e social bem como recurso na tentativa de contribuir para a permanência dessa mesma ordem.

O pontífice romano é astutíssimo. Ao tempo da arrancada fascista, por astúcia política, condenou frontalmente o comunismo classificando-o de “essencialmente mau” (Encíclica *Divini Redemptoris*, Pio XI, 19 de março de 1938). O Vaticano nessa época se empenhava em prol da implantação do totalitarismo da direita. Agora, os tempos são outros. É a hora das esquerdas! Também, impossível desautorizar os papas

anteriores. Então, naquelas encíclicas facilita abertura para o socialismo, sem se referir às francas condenações antigas.

Em agosto de 1968, o CELAM, o famigerado Conselho Episcopal Latino Americano promoveu a sua grande assembleia em Medellín, nas circunvizinhanças de Bogotá, Colômbia, instalada pelo próprio Paulo VI, presente para o Congresso Eucarístico Internacional.

Essa Assembléia produziu um documento, uma declaração do episcopado latino americano.

No 26º Cursilho daquela diocese esse documento foi profusamente citado e lidos muitos dos seus trechos.

- O cristão precisa engajar-se. Impossível manter-se alienado. Estas expressões e outras de conteúdo idêntico se repetiram numa constância acentuada, sobretudo no terceiro dia quando, pelos impactos emocionais, haviam-se subvertido as faculdades humanas dos cursilhistas. A capacidade de refletir, de raciocinar, estava bloqueada pela hipnose emocional. Embasbacados ouviam, sorviam, recebiam passivamente.

Médicos, advogados, engenheiros, homens de nível intelectual universitário, reduzidos à passividade, assediada a capacidade de raciocinar, sem condições de analisar as proposições dos rolhistas, não puderam contestá-las.

Mui a propósito viria a pergunta: Que autoridade tem a hierarquia clerical para se engajar na reforma das estruturas latino-americanas?

Quem criou essas atuais estruturas? Não foi ela própria ao longo de quatro séculos de sua presença aqui?

Durante quase todo esse tempo o catolicismo não foi a religião oficial de todos os países deste Continente? E em alguns ainda o é. Em outros, embora separada do Estado, como no Paraguai e na Argentina, só pode ser presidente da república um católico.

Os bispos do CELAM de Medellín reconhecem: “A Igreja, apesar de suas falhas e limitações, viveu com os nossos povos o processo de colonização, libertação e organização. Está incorporada à sua História, como parte do ser latino-americano”.

Essa presença é a causa fundamental das nossas desditas de subdesenvolvidos.

Pelo seu passado nulo e negativo falta aos bispos gabarito moral para se intrometerem em nossos esforços de superação diante dos problemas.

Dá o clero mostras de despreendimento? De identificação com o povo sofrido?

Reconhecem os sintomas da nossa situação: “Conjugam-se a fome, a miséria, as enfermidades de tipo geral e a mortalidade infantil, o analfabetismo, a marginalidade, as profundas desigualdades nas

riquezas e as tensões entre as classes sociais, os surtos de violência e a escassa participação do povo na gestão do bem comum”.

Reconhecem os sintomas, mas, de prático e positivo, o que fazem?

Qual a instituição que se assemelha em luxo ao catolicismo? Basta passar-se por qualquer cidadezinha interiorana dos nossos países de população católica, onde faltam os imprescindíveis recursos para a vida humana, como água encanada, esgoto e as medidas elementares de profilaxia; onde a totalidade da população reside em casebre; basta passar-se por qualquer aglomerado humano desses apodrecendo na miséria e ver-se-á imponente, dominando o cenário de tragédia, o templo da matriz, onde o vigário, como numa passarela, desfila no supedâneo do altar, as roupagens mais caras sob tetos ricamente pintados e na presença de valiosas imagens recamadas de ouro.

Observe-se à margem da Via Dutra a imponente do santuário de Aparecida há muitos anos em construção e com muitos anos ainda pela frente para ser concluído, sorvendo pantagruelicamente os recursos do pobre povo imbecilizado pelo clero.

O catolicismo, sim, é alienante!

Os corifeus do Cursilhismo latino-americano reunidos no III Encontro do Movimento deste Continente, em Itaipu, Estado de S. Paulo, observaram: “Certos luxos nas igrejas, conventos, palácios episcopais, festas religiosas e o aparato de vida de sacerdotes e leigos são uma bofetada no povo que nos rodeia e uma ‘situação de pecado’ coletivo no qual nos encontramos afundados (Medellin, 1), e uma injustiça que clama ao céu”.

Se reconhecem, por que esses leigos tão badalados pelos hierofantes romanistas não reagem? Se engajados na arrancada reformista, por que não começam a reforma das estruturas do seu hierarquismo?

Porque hipócritas, quais sabujos, são subservientes aos bispos.

Mas os participantes do 26º

Cursilho da diocese, já sem capacidade de raciocinar, acenavam aprovações à lenga-lenga do rolhista roliço de gordo com a enorme barriga a se destacar no seu conjunto grotesco.

A Teologia da Libertação

O Cursilhismo encampou as doutrinas reivindicatórias e revolucionárias do CELAM e, por isso, o III Encontro Latino Americano, em consonância com o episcopado, anotou:

“O Continente sofre uma série de tensões devidas a:
diversas formas de marginalidade,

desigualdades excessivas entre as classes sociais, frustrações crescentes,

formas de opressão de grupos e setores dominantes,
poder exercido injustamente,

crescente tomada de consciência dos oprimidos (Medellin, 2,2 ss) que obrigam a Igreja (...) a tomar uma atitude correta e realista que tenda a LIBERTAR o povo de tantas formas de alienação e escravidão.

“Exige-se, portanto:

UMA IGREJA LIBERTADORA que supere o conceito pseudo-espiritualista de redenção (...).

“Urgem uma simbiose de um humanismo que divinize o homem e de um espiritualismo que o torne mais humano. Evitemos o risco de dicotomias alienantes. A libertação das cadeias do vício e do pecado supõe, o mais das vezes, a libertação das cadeias da ignorância, da miséria, da exploração, da incapacidade para opções políticas, sociais, empresariais, etc.”.

A Alavanca 74, p. 26, fala da teologia da libertação também mui comentada no 26º Cursilho.

Os bispos instalados no Continente Latino Americano foram se encontrando aos poucos. A sua teologia engajada, pois, passou por um processo de evolução.

Em seus primeiros passos cognominou-se teologia do desenvolvimento. Depois, teologia da revolução, inspiradora dos sacerdotes arruaceiros, como Camilo Torres.

“Desenvolvimento, revolução e libertação, aspiração e rumo dos povos de nosso Continente, surgiram e desapareceram com extrema facilidade, exigindo a reflexão e a ação e, sobretudo, a capacidade de discernir da Igreja na América Latina. A nomenclatura Teologia do Desenvolvimento e Teologia da Revolução foi rapidamente superada: “desenvolvimento” dizia pouco para o que se pretendia e “revolução” trazia o caráter de ambiguidade.

“Assim, Teologia do Desenvolvimento e Teologia da Revolução cederam lugar para uma Teologia da Libertação”.

O padre José Comblin, autor de um documento divulgado em junho de 1968 e preparado para o CELAM de Medellin, insiste muito na Teologia na Libertação, que camufla a Teologia da Revolução. Nesse documento, do qual os integrantes do 26º Cursilho receberam exemplares, Comblin recomenda: “Susitar vocações políticas verdadeiras para suscitar grupos resolvidos a tentar a conquista, estudar os meios próprios da ciência do poder e da arte da conquista do poder. Não bastará a boa consciência. Será necessário estudar meios próprios da ciência do poder e da arte da conquista do poder. Será

necessário estudar a estratégia e a tática. Será necessário fazer alianças, entrar em compromissos, sujar as mãos pelas alianças sujas”.

Atendendo à recomendação de Alavanca⁵⁷, p. 17, que do livro de Lonise Rimer “UM DIÁLOGO, UM HORIZONTE”, o rolista leu alguns trechos, sublinhando com insistência, esta frase: **“EM POLÍTICA JÁ NÃO ENSINAMOS MAIS QUE O COMUNISMO É MAU”**.

Leu também no 55 da Trípode (uma revista do Movimento na Venezuela), trechos de um artigo intitulado: “EN QUE COINCIDEN MARXISTAS Y CRISTIANOS” em que destaca a ordem econômica como esteio fundamental da nova humanidade, a qual, se for o caso, deve ser instalada pela violência. Tudo em consonância com a Teologia da Libertação do manifesto de Comblin encampado pelo CELAM.

Sem rebuços, a vasta rede cursilista instalada na América Latina coloca-se a serviço da Teologia da Libertação e intenta, por isso, criar os “grupos de pressão” preconizados por Comblin.

“Nas circunstâncias em que vive o mundo atualmente, em número cada vez maior de cristãos, se convence de que deve fazer causa comum com aqueles que se dedicam à causa revolucionária do socialismo”, frase lida e relida por três vezes silabando as palavras. É do livro: “YO CREO EN LA ESPERANZA”, cujo autor é o jesuíta José Maria Diez Alegria. A autoridade do autor sendo professor da Universidade Gregoriana de Roma, o maior estabelecimento de ensino eclesiástico do catolicismo em todo o mundo. A autoridade do autor foi no 26º Cursilho sublinhada a fim de valorizar a frase lida.

Em várias oportunidades insistiu-se na precisão de se assinar a ALAVANCA, o órgão do Secretariado Nacional de Cursilhos de Cristandade no Brasil. Através dela, os cursilistas acompanham o desenrolar das atividades do Movimento em todo o País. Tem sempre “ótimos artigos” e orientação adequada para leitura de bons livros.

O rolista, então, para ilustrar, sublinhou a recomendação feita por Alavanca 75, p. 25, de se ler a obra do frade franciscano Leonardo Boff: “JESUS CRISTO LIBERTADOR”, “um ensaio cristológico pensado e escrito dentro do horizonte da experiência da fé como é encarnada na América Latina”.

A Alavanca 65 (pp. 14 e 15) apresenta as Linhas Fundamentais do Nervo Ideológico dos Cursilhos de Cristandade, que, sob a alínea a, elucida: “Conceito triunfal do cristianismo, o único, exato e verdadeiro, como solução integral de todos os problemas humanos em contraposição ao conceito aburguesado, estático, conformista e inoperante, que de cristão tem apenas o nome que usurpa”.

“O Movimento de Cursilhos deve mentalizar e conscientizar os cristãos para o fato de ser Igreja, hoje, na América Latina significa e se manifesta em um compromisso sério no processo evolutivo e de

mudança, que caracteriza a História Latino-Americana e que se orienta para a libertação total do Homem” (III Encontro).

Em Alavanca 71, p. 23, noticia-se realização de um encontro preparatório para a Assembleia Cursilista de Sucre, Bolívia, de 15 a 23 de novembro de 1972. Em sintonia com o exposto, o encontro destacou: “A libertação não pode ser concebida como um simples apoio teológico a favor de determinado projeto sócio-político, como, por exemplo, a revolução, mas como uma perspectiva cristã para corrigir situações de injustiça.

“Quanto à política e a Igreja (...) é uma questão cujo tratamento exige uma grande responsabilidade, levando-se em conta que o cristão não pode estar alheio ao que acontece no mundo e, portanto, deve assumir compromissos políticos”.

Em suas conclusões, o Encontro de Bogotá afirma e ressalta a colaboração e solidariedade com os não cristãos, equivalendo este termo aos marxistas. “O Movimento é perfeitamente consciente de estar incrustado numa realidade concreta e específica de Igreja e mundo e está, portanto, comprometido, atuando, dentro de sua essência, finalidade e método, na solução da problemática da América Latina, principalmente na evangelização, promoção integral da pessoa humana e da família e mudança de estruturas, de acordo com a doutrina da Igreja prestando nossa solidariedade e colaboração com os cristãos e não-cristãos”.

A grande rede de Cursilhos se entrosa perfeitamente no Continente Latino Americano e objetiva, à luz do CELAM de Medellín, criar católicos de vanguarda, militantes, para a aplicação da Teologia da Libertação, que é traição à Verdade do Evangelho.

Por isso que o lema do III Encontro Latino Americano dos Dirigentes dos Cursilhos foi: “FÉ NA IGREJA, NOS HOMENS E NA AMÉRICA LATINA”.

Por se considerar eterna, Roma não tem pressa. Sabe dar tempo ao tempo. Como tática, então, vai usando a BOMBA D.

De acordo com os integrantes do Cursilho, vai instilando em doses mais maciças ou mais suaves as normas da Teologia da Libertação, estribada nos princípios marxistas. E há Cursilhos em que seria arriscada, improdutiva, prejudicial a sua apresentação. Nestes, então, se limitam os corifeus eclesiásticos a meditações e rolhos piegas.

Por isso, certos políticos, certos chefes militares cursilhistas aplaudem o Movimento. Não imaginam eles como o clero é esperto, astuto e ardiloso.

Reconheçamos: Há tríduos cursilhistas onde não se pratica a instrução marxista.

É uma tática “para agregar os ingênuos, deixando zonas intactas, dirigidas por pessoas de destaque e bom nome, que sirvam de aval e cobertura para a rede”.

Nessa conformidade, o sr. Avelar Brandão, o hierarca instalado em Salvador, Bahia, ao jornal da Bahia (11/12 de junho de 1972) declarou: “Dentro dele (do Movimento dos Cursilhos) encontramos as mais variadas mentalidades, tornando-o assim mais plástico”.

Esse instrumento de subversão social, outrossim, se acoberta dos riscos próprios à sua arrancada marxistizante, afirmando, quando contestado, que é impossível alguém formar um juízo exato sobre o Cursilho se dele não participou, como ninguém pode entender o gosto da laranja sem experimentar uma.

Por causa desta escapatória inconsistente, muitos chamam o Cursilho de “maçonaria de água benta” e outros o definem como esoterismo.

Se, porventura, os seus documentos oficiais divulgados não correspondem à sua realidade a coisa é muito mais séria. Se há normas e documentos secretos (eis o argumento *ad hominem!*) então é porque o Cursilho é muito pior do que se sabe.

A velha tática da política clerical diante dos cursilhos

Desde seus primórdios, a hierarquia clerical adotou a tática de se dividir diante dos problemas e das situações políticas e sociais. Ela só se define diante de sua própria dogmática diante do seu supremo objetivo: o seu dominismo.

Olhos postos na sua norma multissecular, O FIM JUSTIFICA OS MEIOS, agora aprofundada e tornada muito mais séria e ameaçadora “O FIM NÃO JUSTIFICA OS MEIOS, DETERMINA-OS. PORÉM, OS ENQUADRA E OS VALORIZA”. Olhos posto nessa norma, a hierarquia se reparte em duas ou três alas segundo lhe dita a gravidade das circunstâncias. Sempre joga com dois bicos...

Ao tempo do Integralismo brasileiro, por exemplo, os bispos neste País se dividiram: uma parte dava-lhe franco e ostensivo apoio, enquanto a outra se manifestava precavida. Se vitorioso o Integralismo, o clero estaria por cima. Se vencido, como ocorreu, o clero surgiria como “bonzinho” por haver recomendado precaução.

Ao tempo da revolução espanhola, assim também fez o clero. Vitorioso Franco, açodado, correu a lhe aderir à ditadura.

Nos inícios de 1964, os bispos do Brasil, sentindo, como todos pressentiam vésperas de conturbação social e política, se dividiram.

Uma ala francamente janguista a assoprar o estopim marxista, uma outra a amoiatar-se na indefinição e uma terceira a manifestar-se antiesquerdista. Sobreveio a Revolução de Março de 1964. Esta última ala a falar em nome de toda a hierarquia representou-a como se toda ela houvesse deblaterado contra os desmandos da era goulartiana e a baderna brizoleta.

No cenário do mundo (já o dissemos) preveem muitos o domínio do socialismo. Afeito sempre a apoiar e a aderir aos regimes totalitários, de acordo mesmo com a sua estrutura ditatorial e escravocrata, assanhou-se a hierarquia clerical e grande ala sua se embandeirou com as cores esquerdizantes e está por aí a vomitar enxurros de manifestos ao sabor marxista.

O Movimento dos Cursilhos (tão plástico!) serve-lhe também nesta aventura.

Torna-se, porém, necessária a adoção da velha cautela.

Então, o episcopado se divide. Uns a aplaudi-lo. Outros a combatê-lo. E outros na moita.

O sr. Castro Mayer, o ordinário de Campos, Estado do Rio de Janeiro, em carta pastoral de 15 de agosto de 1972, externou suas suspeitas. Com essa “pastoral” recrudesceu a onda promocional pró Cursilhismo porque tantos bispos botaram a boca no trombone a alardear as suas benemerências provadas e comprovadas em suas respectivas dioceses.

A organização TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE (TFP), que muitos enganados supõem em dissonância com a hierarquia, espalhou a sua rapaziada a distribuir a discutida carta pastoral de Castro Mayer numa fabulosa promoção dos Cursilhos.

Na sua plasticidade, o Movimento originado do Opus Dei se adapta a cada região e à mentalidade própria de cada zona. Por isso, em muitos lugares, onde as circunstâncias o impedem, os Cursilhos são cautelosos em revelar seus objetivos esquerdizantes.

Então, os bispos dessas regiões se manifestaram não vendo nada demais nos Cursilhos porque em suas dioceses os cursilhistas se tornaram católicos mais fervorosos nas piegas devoções tradicionais.

Se o socialismo se implantar, para desgraça nossa, no Continente Latino Americano, os bispos pró-Cursilhismo se apresentarão em nome da hierarquia toda, inclusive do bispo de Campos, para exigir-lhe imensa participação no mando. Se, em contrapartida, a onda socializante ficar só nos arreganhos e fôr superada, então, os bispos, sobretudo o de Campos, surgirão, representando a hierarquia toda, a dizerem os defensores da ordem estabelecida e quejandas.

Assim como no passado, em consequência de sua “tática”, estará sempre por cima e sempre jungida à política dominante, particularmente, aliás, muito proveitosa para ela.

Mas a velha astúcia demonstra a sua vocação congênita de trair.

O comunitarismo na culturação esquerdista

Nos regimes totalitários, o indivíduo é absorvido pelo Estado, como num todo amorfo.

Como resultado, ocorre absoluta despersonalização do indivíduo, transformado em mera peça na escravizante engrenagem estatal.

A Igreja de Jesus Cristo posta-se em polo diametralmente oposto aos regimes de força. É ela, no seu prisma espiritual, o Corpo Místico de Cristo, do qual todos os crente fazem parte. Cada um, porém, conserva a sua individualidade, a sua personalidade. Cada um, por isso, de per si deve crescer, fato este, sem dúvida, a refletir de modo positivo no conjunto. Cada um mantém a sua responsabilidade pessoal, individual.

Ninguém é absorvido. Ninguém se automatiza. Ninguém se dilui no todo.

O comunitarismo cursilista, sincronizado com a estrutura totalitário-eclésiástica do catolicismo, desfigura e caricaturiza o conceito de Igreja-Comunidade dos salvos (= Corpo Místico de Cristo) e se afina com suma perfeição com os regimes ditatoriais.

O Encontro de Dirigentes realizado em Bogotá recomenda que “não se pode insistir na conversão individual, desligando-a da conversão comunitária”.

Trata-se de uma lastimável subversão do conceito evangélico da conversão, a “metanoia”, com a minimalização do pecado.

O Encontro de Itaiaci encampou a decisão do II Encontro, o realizado em Bogotá, quando diz: “Só a comunidade cristã é o clima onde um cristão pode passar de uma fé infantil a uma fé adulta, de uma fé individual a uma fé comunitária”.

O que é fé comunitária?

Acaso posso eu crer com a fé dos outros?

Se fé é um sentimento, um gesto absolutamente pessoal, irreal e utópica é a fé comunitária. Entre esses dois vocábulos ocorre a *contradictio in terminis*.

Trata-se, porém, de sintoma da congênita enfermidade do catolicismo: “Sou católico porque meus pais são católicos”, ou “porque minha família é católica”, ou “porque a maioria é católica”. O meio social condiciona o crer. É absurda fé gregária, comunitária.

O comunitarismo adotado como fundamental pelo Movimento Cursilista, porém, favorece um caldo de cultura apropriado para o desenvolvimento de uma mentalidade esquerdista.

Os partícipes do 26º Cursilho, tantas vezes mencionado, sob a carga ingente de proposituras marxistizantes, verificaram a presença de cursilhistas antigos, e todos homens, nos serviços domésticos.

Nenhum deles arrumava a sua cama, mas, ao voltar ao quarto, encontrava-a muito bem arrumada. Quem fizera esse trabalho? Um antigo cursilhista.

Toda a casa conservava-se limpa com o cuidado deles. Por eles as refeições foram preparadas. E todos eles senhores do alto comércio, da indústria e das classes liberais.

Um engenheiro, no afã de desempenhar o seu papel como peça da máquina cursilhista, ao descascar batatas, levou um corte profundo na mão esquerda, que lhe valeu vários pontos.

Em si, o gesto de fazer essas atividades nada tem demais. Torna-se útil para o físico e para o espírito.

O mal, todavia, reside na filosofia, sob cuja luz é enfocada e promovida essa disposição.

A exaltação da comunidade sob o prisma da idéia-força de “compromisso temporal” nas reformas das estruturas sócio- econômicas nos moldes marxistas, muito contribui para o condicionamento psicológico dos cursilhistas no sentido da subversão.

Por ser marcadamente comunitarista, o Movimento mantém estreito entrosamento com Cursilhos de todos os países latino-americanos, por meio de troca de revistas, de celebração de encontros de seus dirigentes e de ultreyas.

Este comunitarismo continental facilita, evidentemente, a divulgação rápida ou lenta, de acordo com as circunstâncias, da simpatia pró-marxismo.

A falência do Cursilismo significa sua traição aos povos latino-americanos

Desde sua gênese, à vista do exposto, os Cursilhos estão marcados com uma irreversível falência.

Parvus error in initio magnus est in fine!

A falência a revelar os seus enormes erros procede de um pequeno engano. Aparentemente pequeno!

Seus corifeus, ao atrelar o cursilismo na aventura episcopal pró-reestruturações social e econômica deste Continente, encontravam-se

desapercebidos da mistificação em que o quiseram enredar os hierarcas romanos.

Entronizados aqui desde seus primórdios, construíram os bispos as vigentes estruturas da América Latina.

Aqui sempre mandaram e desmandaram. Todas as lideranças sociais e políticas, durante estes quase cinco séculos, se formaram em suas escolas, em seus catecismos, em suas devoções, em suas universidades.

Quando os nossos países adotavam o catolicismo como religião oficial, o ensino dos seus dogmas e dos seus preceitos morais eram impostos. Separado do Estado se tornou em religião oficiosa e os seus ensinamentos encontraram absoluta franquia.

A imprensa sempre lhe foi subserviente.

O nome católico assinalava as convicções religiosas de todos os nossos representantes legislativos e de todos os detentores do mundo, com exceções esporádicas.

O erário de todas as nações sempre se escancarou à ganância clerical.

Tudo o clero sempre tem tido. Todas as oportunidades. Todo prestígio. Toda receptividade. Todos os meios de comunicação usados nas diversas épocas. Nunca, exceto casos raríssimos, lhe foi cerceada a palavra.

Então, se o que aí está é injusto, a culpa em quem recai?

Nos políticos? Nos professores? Nas classes dirigentes? Na imprensa? Nas leis?

É evidente que não! Todos sempre foram católicos. Nossas leis sempre bafejadas com a orientação clerical.

A quem, então, cabe a responsabilidade?

Ao clero católico romano por ser o mentor espiritual e moral das lideranças dos nossos países.

Se tudo conseguiram (e sempre conseguiram) por que falharam quanto a orientar nossa sociedade no estabelecimento de estruturas mais humanas e mais justas?

Quando algum indivíduo procura crédito numa firma comercial, esta, por temer o risco de calote, colhe informações sobre a sua honorabilidade, a sua correção em saldar seus compromissos.

Qualquer suspeita embarga o crédito pretendido.

Nenhum comerciante criterioso facilita ao caloteiro.

Muitas sociedades só recebem um associado depois de examinar-lhe o *curriculum vitae*. E a “folha-corrída” da polícia ou o “atestado de conduta” é um dos documentos frequentes vezes exigido.

O passado de uma pessoa e de uma organização credenciada ao respeito e à confiança ou ao repúdio e ao descrédito.

Se o clero (os hierarcas católicos romanos) produziram essas estruturas vigentes, que autoridade, que moral, que competência tem para ditar normas e proclamar manifestos no sentido da superação dos nossos problemas?

Se nos traíram no passado, continuam os bispos a nos trair com suas mistificações.

Agrava-se a hipocrisia clerical quando os clérigos levantam embaraços aos governantes empreendedores do verdadeiro progresso. Criam dificuldades porque sabem escaparem-se-lhes às piegas, mistificantes e alienantes baboseiras os povos desenvolvidos.

O Cursilho, cujo campo de ação é o “temporal”, foi inspirado pelo clero falido para servi-lo na prossecução de sua nefasta obra escravocrata.

Nunca o bispo Casaldáliga, de S. Felix, no Estado do Mato Grosso, poderia reclamar a presença de cursilhistas latifundiários e escravocratas na Amazônia.

Medice, cura teipsum! Por que os cursilhistas devem renunciar latifúndios se servem ao maior latifundiário do mundo, o clero?

Se falida também no terreno sócio-econômico, a hierarquia eclesiástica sempre traiu os povos latino-americanos, pretende consumir o vilipêndio entregando-os ao regime marxista, o totalitarismo super-exaltado.

Sonham os hierofantes com essa hora porque teriam garantida a sua sobrevivência na degradação do nosso Continente.

Os cursilhistas, engajados na traição clerical, inculcam ser preciso e urgente a solidariedade e a colaboração com os socialistas.

Em nosso livro **“SERÁ QUE PODEMOS CONFIAR NOS PADRES?”** reservamos um capítulo documentado sobre o OPORTUNISMO ECLESIÁSTICO E O MALOGRO COMUNISTA.

Onde (pergunta-se) o marxismo produziu resultados convincentes para ao menos possibilitar-nos um mínimo de crédito à orientação cursilhista de colaboração e solidariedade com ele?

Pergunte-se à Checoslováquia.

Pergunte-se à Polônia.

Pergunte-se à Iugoslávia.

Pergunte-se aos escritores da própria Rússia.

Teria valido a pena o trucidamento de 80 milhões de vítimas na década de 1920-1930 para a implantação do marxismo na Rússia e de 15 milhões na era stalinista?

Pergunte-se à Cuba.

Pergunte-se ao Chile, a mais recente vítima da falida experiência socializante. A candidatura Allende contou com o respaldo e o apoio dos

hierarcas católicos. Continuam estes a apoiá-lo, embora, o pobre povo chileno curta a maior miséria de toda a sua história.

Qual o bispo chileno a clamar contra as injustiças praticadas pelo socialismo de Allende? Nenhum!

E qual bispo latino-americano ergueu-se para combater a política desumana do comunismo instalada no Chile pela própria “Democracia Cristã”?

Os dados estatísticos comprovam a falência do allendismo bafejado pelo clero traidor:

O jornal “La Prensa” (16 de janeiro de 1973), ao noticiar que o custo de vida no país andino, em 1972, subiu 240 (DUZENTOS E QUARENTA POR CENTO), cita o exemplo das batatas que subiram 1670%.

“El Mercurio” (19 de janeiro de 1973) apresenta os seguintes dados: “O ano-agrícola de 1970-1971 produziu 13 milhões de quintais, métricos de trigo. O ano 1971-1972, 7 milhões. O ano 1972-1973, conforme os prognósticos mais realistas, produzirá apenas 3 milhões e meio de quintais. 73% menos que o ano 1970-1971. De 1970 ao fim de 1972 a produção de carne bovina de 130 mil toneladas reduziu para 62 mil; a avícola, de 55 mil para 35 mil; a suína, de 74.300, para 48 mil toneladas.

“Nesse mesmo período o açúcar também caiu de produção, pois de 282 mil toneladas foi para 165 mil”.

Mediante os fatos em número incalculável a comprovar a falência do socialismo serão lógicas, viáveis, honestas a colaboração e a solidariedade com os marxistas?

Perguntem aos cursilhistas ao Chile se vale a pena o regime totalitário de esquerda, antes de prosseguirem na aventura da traição contra o nosso Continente.

.oOo.

CAPÍTULO 9

TRAIÇÃO AOS PRÓPRIOS CURSILHISTAS

A desgraçada alienação do homem

O PROCESSO DE condicionamento psicológico no sentido de forçar os participantes daquele 26º Cursilho a pensar como seus dirigentes, aliás, sintonizados com a hierarquia eclesiástica, se desenvolvia dentro das balizas pré-estabelecidas e na sequência do programa adrede preparado.

Na tarde do segundo dia um sacerdote se alongou na exposição sobre OS OBSTÁCULOS DA VIDA CRISTÃ.

O ambiente a esta altura era receptivo e uniforme quanto à aceitação.

O clérigo, em mangas de camisa vermelha, calça “lee”, cigarro entre os dedos, que, às vezes levava aos lábios para umas baforadas, com voz macia, passou a discorrer sobre o pecado, o grande obstáculo.

- Somos colaboradores de Deus na execução dos Seus planos. Agir contra ou omitir-se em relação a eles, é o pecado.

Limitou-se a essa definição muito vaga sobre o assunto, importantíssimo na vida de qualquer pessoa.

Impossível ao clérigo valer-se da Bíblia, considerada por Alavanca 65,p.30, como “um bicho de sete cabeças”.

O fim supremo, último, do Homem é a GLÓRIA DE DEUS. Como resultado, o Homem se realiza exuberantemente ao cumprir esse seu soberano destino.

O pecado é a oposição à glória de Deus (Romanos 3:23).

O humanismo antropocêntrico da temática cursilhista caricaturiza o Homem. Degrada-o. Propõe-se apenas exaltar o homem-exterior, o sub-homem. Por isso, aliena-o de sua destinação sobrenatural e se esquece do pecado como oposição à GLÓRIA DE DEUS, e como, por consequência, processo regressivo de des-hominização.

Alienado de Deus pelo pecado, o Homem se des-hominiza.

Deus, o Senhor da Glória, estabeleceu a Sua Santa Lei, a Sua Sapientíssima. Norma, como roteiro de Lhe atendermos a Soberana Vontade.

Por isso, o pecado é a transgressão dessa Lei.

Alienado de Deus, o pecador se aliena do seu destino supremo. Aliena-se do seu próximo. E se aliena de si próprio.

Alienado de Deus, o pecador se torna filho do diabo. “*Quem comete pecado é do diabo*”, escreveu João em sua Primeira Epístola (3:8).

Dirigindo-se aos pecadores, Jesus foi franco ao lhes declarar a terrível verdade: “*Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos do vosso pai*” (João 8:44).

Alienado de si próprio, o pecador se torna escravo do pecado. “*Todos estão sob o jugo do pecado*”, salientava Paulo ao se referir aos pecadores (Romanos 3:9). E Jesus, com acentos contundentes: “*Em verdade, em verdade vos digo que quem comete pecado é servo do pecado*” (João 8:34).

O mundo atual, amaciado pelo progresso material, repele ouvir a palavra pecado. E as religiões afinadas com a sua filosofia aliviaram as suas trágicas cores.

No 26º Cursilho, em nenhuma de suas meditações, em nenhum dos seus rolhos, se pronunciou o vocábulo INFERNO, o lugar de eterna alienação.

Esconder ao pecador toda a verdade a respeito de sua situação de perigo e condenação é traí-lo.

A integração do homem em seu destino supremo

A missão dos discípulos de Cristo é conclamar os pecadores ao arrependimento, como, de resto, Ele fez quando em carne neste mundo e como fez o Seu predecessor, João Batista.

Ressurreto, ao aparecer aos Seus discípulos, ordenou-lhes que “*em Seu Nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém*” (Lucas 24:47).

Entenderam os discípulos a obrigatoriedade quanto ao cumprimento dessa incumbência e quando, no Pentecostes, os compungidos de coração perguntaram-lhes: “*Que faremos, varões irmãos?*”, Pedro respondeu: “*Arrependei-vos...*” (Atos 2:37-38).

O arrependimento dos pecados é o primeiro passo para a genuína regeneração do pecador.

E o arrependimento se consuma na confiança em Jesus Cristo.

Confiando em Jesus Cristo, o pecador se estabelece na comunhão com Deus. Entrosa-se no Plano Divino de Sua Glória. Encontra-se consigo próprio. Relaciona-se, segundo Deus, com o próximo. Ajusta-se à Santa Lei do Senhor. Escapa da eterna alienação que é o inferno.

Constitui-se em traição esquivar-se o Cursilho de tratar do assunto PECADO, com toda a clareza.

A sua concepção triunfal do cristianismo é uma utopia. Uma mistificação!

Sem regeneração proveniente do arrependimento e confiança em Jesus Cristo, sem a certeza inabalável da vida eterna, impossível Cristianismo triunfante porque Cristianismo triunfante é a certeza inabalável do céu. É visão do retorno de Jesus para nos levar com Ele.

O Cristianismo triunfante ergue os olhos para o além na convicção inamovível de estar com Jesus Cristo na Pátria Celestial.

Esse Cristianismo triunfante, sim! Leva o crente a se plenificar, como Homem Integral, em Jesus Cristo na Pátria Perene. É a realização exuberante do Humanismo. Do Humanismo centrado em Deus. Do Humanismo Cristocêntrico.

Sem a certeza absoluta do céu, impossível o humanismo. Circunscrito este aos limites da terra, embora repleto de gozos materiais, degrada o Homem e o aliena de si, do próximo e de Deus.

Traem os Cursilhos os seus asseclas por não lhes satisfazer a necessidade ineludível de salvação eterna.

A concepção triunfal do cristianismo cursilista é alienante

A ideia-força do tríduo cursilista é inculcar em seus participantes um “compromisso temporal”.

O “temporal” é o campo específico da ação do leigo. E sua missão é promover a reforma das estruturas do mundo, enquanto os hierarcas se refestelam nos seus palácios.

São traídos os cursilistas pelos que lhes propõem semelhante tarefa porque, mal orientados, partem de premissas erradas.

Referindo-se ao III Encontro de Dirigentes, acontecido em Itaici no mês de maio de 1972, afirmou um rolhista que “a libertação das cadeias do vício e do pecado supõe, o mais das vezes, a libertação das cadeias da ignorância, da miséria, da exploração, da incapacidade para opções políticas, sociais, empresariais, etc.”.

Então, remover-se-á o pecado removendo-se a miséria?

Remover-se-á o pecado removendo-se a ignorância?

Remover-se-á o pecado removendo-se a exploração?

Na Rússia o comunismo está implantado há cerca de 60 anos. Em consonância com seus propósitos já teve tempo suficiente de reformar todas as estruturas antigas. Se lá já não existe ignorância, se lá já não existe misérias, se lá já não existe exploração, portanto, não existe o pecado?

Removam-se, se possível for, a ignorância, a miséria, a exploração, mas o pecado permanecerá.

Essas desgraças não causam o pecado. São consequências dele!

É necessário, isto sim, remover-se a causa dessas desgraças e estas, seus efeitos tristes, serão também removidos.

Sublata, causa, toilitur effectus, estabelece o princípio lógico e irrefragável.

Ludibriam-se os cursilistas ao se lhes ensinar um evangelho desfigurado, mutilado, que consiste na transformação das estruturas

sociais, políticas e econômicas pretendendo-se, com isso, eliminar dos povos a ignorância, a miséria, a exploração e todas as consequências do pecado com o fim de, em decorrência, ser o próprio pecado, por último, banido.

Este evangelho não é o Evangelho de Jesus Cristo. É uma mistificação!

O elemento basilar, fundamental, de toda e qualquer estrutura social se chama HOMEM. Então, para se transformar para melhor qualquer estrutura social, torna-se imprescindível transformar-se o HOMEM que a faz, que a compõe e a constitui.

Mude-se a política, mude-se a legislação, mudem-se os códigos, se não se mudar o HOMEM sempre e sempre todas e quaisquer formas de estrutura social, sejam capitalistas, sejam socialistas, sejam de direita, sejam de esquerda, sejam de centro, sejam de centro-direita, sejam de centro-esquerda, serão de injustiça, de opressão.

Há certas instituições compostas só de pessoas cultas, ricas, finas, educadas, esclarecidas, religiosas, humanitárias... Porventura nessas “beneméritas” e luzidias instituições não há pecado, injustiça, opressão?

As trágicas desgraças deste mundo são reflexos (mais que reflexos!) são consequências inevitáveis, inelutáveis, do coração irregenerado do Homem.

O próprio Marcuse reconhece a impossibilidade total da construção de um mundo melhor sem a reforma íntima e profunda do Homem.

Só que Marcuse desconhece ser Jesus Cristo o único capaz de transformar o coração humano.

À luz do sermão escatológico de Jesus (Mateus 24 e 25) sabe-se ir o mundo de mal a pior porque os homens preferem religião a Jesus Cristo.

O triunfalismo da religião cursilhista, embora bombástico, é uma mistificação.

A onda cursilhista, tão da moda nestes dias, é transitória, fugaz. Deixará, porém, o travo, o amargor da traição em todos os cursilhistas. Reconhecer-se-ão ludibriados.

O Jesus Cristo do Cursilismo é incapaz de regenerar o pecador

Minimizando-se a tragédia do pecado, caricaturiza-se Jesus Cristo.

O clérigo rolhista daquele 26º Cursilho, ao discorrer sobre os obstáculos da vida cristã, enfocou o pecado na perspectiva destorcida, própria da tradicional teologia romana.

O Pecado não é apenas transgressão da lei. É uma atitude que escraviza.

O pecado é, porém, fundamentalmente, transgressão da Lei Divina. Por isso significa revolta, rebeldia, contra Deus. E por isso, ainda, se constitui num erro o alvo, soberano alvo do Homem, que é Deus. Em consequência, aliena e escraviza.

Em consonância com a “moral” católica, o rolhista-clérigo repetiu a absurda distinção entre pecado: grave e menos grave, esquecendo-se constituir-se o pecado, por ser transgressão da Lei Divina (expressão da Vontade do Senhor), uma afronta à Santidade Infinita de Deus.

À teologia católica sempre coube a ignóbil tarefa de suavizar o conceito de pecado. Em resultado, em todas as partes onde predomina a religião clerical, a moralidade pública muito deixa a desejar. É a multissecular experiência da História.

Saliente-se o exemplo dos Estados Unidos, onde o catolicismo nestes últimos anos tem-se incrementado e desenvolvido.

Com a ascensão do romanismo, se alastra a violência, o vício, o alcoolismo, a desonestidade, a rebelião...

Os Cursilhos, na trilha da “santa mãe”, descuidam do cerne do Evangelho. Pretendem levar os seus asseclas a um “compromisso temporal”, pois é esta a sua ideia-força. Rejeitam um exame à luz da Bíblia sobre o pecado e a urgência intransferível de arrependimento segundo as Escrituras.

Em decorrência, os Cursilhos sugerem um Jesus Cristo desfigurado, mutilado e falsificado.

Oferecem um Jesus Cristo “CHEFÃO”, “meu chapa”, “um cara legal”... Um pseudo-transformador de estruturas sócio-econômicas.

“CHEFÃO” lembra máfia!

Por isso, os pecadores cursilhizados são a máfia do inferno.

O clérigo-rolhista, do referido 26º Cursilho anunciou o seu Jesus Cristo:

- O remédio contra a ignorância, contra a miséria, contra a espoliação é Cristo e a sua Igreja.

- Cristo nos deixou esta Igreja para que nela encontrássemos a salvação.

- Cristo e a Comunidade Eclesial é que nos libertam...

- Igreja é a consciência do mundo.

- Ela é o sacramento de salvação para o mundo.

Tudo isto se coaduna com a teologia ante e pós-conciliar.

Escapa, todavia, do Evangelho.

Isto é antievangelho!

Segundo a Verdade do Evangelho, SÓ CRISTO SALVA O PECADOR.

CRISTO É TODO SUFICIENTE, ÚNICO, BASTANTE, TODO-CAPAZ SALVADOR.

O Seu Sacrifício Vicário é de valor infinito. E nestas condições pode atingir todos os pecadores.

Pretender acrescentar a Jesus Cristo algo mais é desfigurá-lo. Caricaturizá-lo!

SÓ CRISTO SALVA!!!

Cristo e Igreja não salvam! É antievangelho a doutrina cursilista nos seguintes termos:

- Cristo nos deixou esta Igreja (a Romana) para que nela encontrássemos salvação; portanto, Cristo e a Comunidade Eclesial é que nos libertam.

Isso é blasfêmia!

Cursilizar Jesus Cristo é renegá-lo!

Emparelhem-se-lhe uma co-redentora, uma medianeira, uma advogada, uma congêrie de “santos” intercessores, um purgatório com o conseqüente sufrágio pelos mortos, é conspurcar-lhe a todo-suficiência. postergar o valor do Seu Sacrifício.

Esse Cristo, “Chefão”, “um chapa”, “um cara bacana”, de nada aproveita aos cursilistas (Gálatas 5:2).

Contra o “*outro evangelho*” (Gálatas 1:8) ergueu-se Paulo afrontando o catolicismo incipiente.

Crista salva sem a Igreja!

Cristo e Igreja não salvam...

SÓ CRISTO SALVA O PECADOR!!!

Agora, as pessoas salvas por Cristo porque, arrependidas, nEle (e exclusivamente nEle) confiam, se agrupam em Igrejas.

Primeiro a salvação. Depois a Igreja.

A Igreja é uma decorrência da salvação.

A Igreja é a congregação, a comunidade, a família dos salvos, dos “*santos em Cristo Jesus*” (Filipenses 1:1; Romanos 1:7; 16:2; I Coríntios 1:2; 16:1).

Cabe-lhe a incumbência de coluna e baluarte da Verdade do Evangelho (I Timóteo 3:15) ao proclamá-la e ao defender a Sua integridade.

Sua missão se restringe ao sobrenatural, ao espiritual.

Voltá-la para outros interesses e outros propósitos é aliená-la.

Voltá-la em direção de um humanismo horizontal é transformá-la num reduto de irregenerados a serviço de uma máfia clerical, devota de um poderoso chefe qualquer.

Olhos postos na Eternidade, a Igreja de Jesus Cristo, sim, proclama a Verdade do Evangelho no grande anseio de levar a Jesus Cristo - ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR - os pecadores.

O conceito cursilista de igreja humilha os cursilistas

Aberra ao conceito neotestamentário da Igreja a separação entre hierarquia e leigos. Ausentes dela os escalões. Todos seus membros são discípulos do Senhor. A todos competem as mesmas tarefas.

Em nosso livro “CRISTO? SIM! PADRE? NÃO!!!” demonstramos os passos do surgimento da hierarquia clerical, absolutamente alheia dos planos de Jesus Cristo quanto à sua Igreja.

Hierarquia é uma excrescência engendrada pelo orgulho e pela vaidade de homens irregenerados gananciosos do poder sobre as consciências.

A constância do vocábulo leigo nos Cursilhos é humilhante. Alienante.

Leigo está em contraposição da hierarquia.

Os hierarcas (= papa e bispos a ele entrosados em colegialidade) pretendem ser os donos da Igreja, os manipuladores dos sacramentos, os fabricantes dos dogmas, os devassadores das consciências, os mediadores interpostos entre Deus e os homens.

Os leigos a eles subservientes prestam-lhes obediência. Na ausência deles, quando muito, são ministros esporádicos da eucaristia, não porque a confeccionam, pois falta-lhes o suposto sacramento da ordem, e nos casos de emergência, aplicam o batismo aspersionista. Clérigo-dirigidos ensinam o catecismo e puxam as rezas dos novenários e dos terços nas capelas.

Compete-lhes, enquanto os hierarcas plenipotenciários do inferno, se repimpam em seus palácios, o “compromisso temporal”, em consonância com o III Encontro Latino Americano: “O compromisso do leigo é tornar presente e dar visibilidade e realidade salvadora à Igreja em forma secular, temporal, em cada momento da história e em cada ambiente”.

O objetivo do cursilhismo desconsidera a salvação espiritualista e, por isso, a necessidade da conversão evangélica que põe o homem em comunhão com Deus, seu fim eterno. Propõe, ao contrário, uma conversão no sentido do “compromisso temporal” baseado na “fé repensada”.

“Os Cursilhos têm como fim imediato a conversão que nos dá homens novos capazes de comprometer-se depois na criação de um mundo novo” (III Encontro Latino Americano).

Os leigos cursilizados se transubstanciam em instrumentos dóceis e maleáveis a serviço do dominismo clerical.

Engajar-se na arrancada socializante do cursilhismo é desmoralizar-se

Por duas razões:

Primeira: porque a hierarquia clerical está desmoralizada também sob o aspecto de fermento social.

Segunda: porque o socialismo já faliu.

Já consideramos o rotundo fracasso do catolicismo no terreno social. Falta-lhe poder para transformar o íntimo de seus fiéis.

Nos Cursilhos os seus participantes não são convidados a abandonar os vícios.

Ao contrário. Na sala dos rolhos do 26º Cursilho tantas vezes mencionado se adensavam as nuvens asquerosas da fumaça dos cigarros avidamente chupados por quase todos os cursilhistas vítimas da histeria coletiva.

A revista Alavanca não se peja de exibir propaganda de uma firma distribuidora de bebidas alcoólicas (vinho, cerveja, whisky).

E seria do outra maneira? Se o próprio Movimento já é um fabuloso entorpecente, um medonho psicotrópico a narcotizar, a cursilizar, milhares e milhares de vítimas?

O III Encontro Latino Americano, o de Itaici, (Alavanca 67), discutia a sua programática durante o dia e as suas noites se transformavam em orgias excitadas com os “Fandangos de Afonso Caruso” e a Escola de Samba “Unidos do Cacá”, bem como regadas com a cachaça das botijas de Marília.

Extenuados, os dirigentes do Cursilhismo Latino Americano, ao fim da madrugada, diante do sacrário (a urna do altar onde se conserva Cristo da hóstia), rezavam ao Chefão enquanto Carlos Mantica interpretava-lhes a devoção ao “cara legal”, cantando “Buenas Noches”.

A inclusão dos Estados Unidos no IV Encontro a se dar na Venezuela em 1976, tornando-se em Inter-Americano (e não mais apenas Latino-Americano), foi comemorada no bar cursilista com uma grossa farra (Alavanca 67, p. 26).

Do Cursilho está fora a intenção da legítima e genuína conversão evangélica, porquanto ele é “Movimento de Igreja”, “Igreja católica, apostólica romana” (???), a promotora de todos os vícios.

Esses fiéis cursilhizados por muito boa vontade de que possam estar unidos, jamais conseguirão fecundar nossas estruturas sócio-econômicas com a paz, o amor e a justiça.

O capitalismo é injusto, deblateram os hierofantes romanos. Acaso, porém, o catolicismo não é o super-capitalismo exacerbado? Não é ele a maior potência super-capitalista do mundo, que, a crer-se na informação do clérigo José Maria Diez Alegria, Professor da Universidade Gregoriana de Roma (in “YO CREO EN LA ESPERANZA”, Desclee Brouwer), em fins de 1972, o balanço da “Santa Sé” dispunha de um ativo de 1 bilhão de dólares? SEIS BILHÕES E CEM MILHÕES DE CRUZEIROS ou SEIS TRILHÕES E CEM BILHÕES DE CRUZEIROS ANTIGOS.

E toda essa fortuna incrível em dinheiro sonante só no ativo do balancete do Vaticano. E tudo em nome de Jesus Cristo...

O socialismo faliu. O humanismo socialista é o maior blefe de toda a História.

Se o humanismo socialista houvesse gerado um paraíso nos países da cortina-de-ferro, escancarar-se-iam suas portas para todo o mundo contemplar suas delícias.

O Cursilhismo leva os seus partícipes a se comprometerem com uma hierarquia falida, desmoralizada e a sujar suas mãos com as mãos ensanguentadas dos maiores facínoras, revivência dos criminosos inquisitoriais da Idade Média.

É um crime de lesa-alma cursilhezizar os “leigos” ao lhes exigir rompam “com toda a ideia de gueto”, associem “seus esforços aos não-cristãos” e vejam “no mundo parte do seu próprio ser cristão” (III Encontro de Itaici).

Água com veneno? Não!!!

Deus ama o mundo. A humanidade prevaricadora (João 3:16). Jesus é a grande prova desse amor infinito. Morreu numa Cruz no anseio de lhe propiciar remissão e libertação espiritual de suas iniquidades e, em consequência, possibilitar-lhe o reatamento da comunhão com Deus.

Este amor, porém, recusa compromisso com a iniquidade. Rejeita parceria com a mentalidade do mundo, cujo príncipe é o diabo, e, por isso, está “*no maligno*” (I João 17:19).

Jesus não orou pelo mundo (João 17:9).

Na noite anterior ao Seu Sacrifício, suplicou Jesus pelos Seus discípulos: “*Dei-lhes a Tua palavra, e o mundo se aborreceu, porque não são do mundo, assim como Eu não sou do mundo. Não peço que os tires*

do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como Eu do mundo não sou” (João 17:14-16).

Advertia-lhes, aliás: “Se o mundo vos aborrece, sabeis que, primeiro do que a vós, me aborreceu a Mim. Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes Eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece” (João 15: 18-19).

Ser discípulo de Jesus, portanto, é pôr-se em contradição com o mundo. É repelir sua filosofia. É descompromissar-se de seus seguidores.

O raio de luz não se conspurca com a lama.

Em sua Epístola aos Efésios, Paulo é categórico: “Porque noutra tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz... E não comuniquéis com as obras infrutíferas das trevas, antes condenai-as” (Efésios 5:8, 11).

João manifesta-se com mais contundência: “Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (I João 2:15).

Por considerar a Bíblia como um “bicho de sete cabeças”, o cursilista urge os seus participantes a verem “no mundo parte do seu próprio ser cristão”. E recomenda-lhes estenderem as mãos e se aliarem “a todos os que pretendem realizar um mundo mais humano e, por isso mesmo, mais divino” (III Encontro Latino Americano), tendo em vista os marxistas.

“Bem-vindo o diálogo com os marxistas e com os ateus”, proclamam os corifeus cursilistas utilizando-se a expressão de Augüstonovich (in “Vivencia de la Iglesia Comunidad”, p. 159).

“Entre nós já vive o Reino de Deus, entre nós está a levedura que transforma. Nada poderá deter nossa revolução. ‘Cristãos e homens de boa vontade, uni-vos’, deve-se apregoar, copiando a frase de Marx em seu Manifesto. Pois ambas as revoluções, a comunista e a cristã, buscam um fim comum: a completa transformação das relações humanas” (Trípode 55, p. 20)

Ambas as revoluções se executam em terrenos opostos e seus fins são antagônicos.

O princípio *Falsus in uno, falsus in omnibus* (O que é falso em uma coisa é falso em tudo) se aplica muito bem ao comunismo, embora pareça ele ter algo de bom.

Envenene-se um copo de água. Quem o beberá? Seria suicídio.

A água em si é boa. Ótima! Lá no copo está integral o seu conteúdo. Lá se encontram os seus sais. A gota de veneno contamina-a, porém. Ingeri-la seria a morte.

No marxismo a aparência de bom em raros aspectos não é compensada pela iniquidade de toda sua sistemática.

E só a hierarquia clerical, senhora de uma história de crimes, injustiças, subornos, rapinagens, sequestros, sentir-se-á compensada no aparceiramento com os socialistas.

Desmoralizam-se, porém, os leigos cursilhistas por se engajarem em causa tão diabólica e desumana.

.oOo.

